

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ

AMANDA MARILIA SEABRA PEREIRA LEITE

**O CORPO EM CENA: SEXUALIDADE FEMININA E O LUGAR DA MULHER NA
PSICANÁLISE FREUDIANA**

Curitiba - PR, 2021.

AMANDA MARILIA SEABRA PEREIRA LEITE

**O CORPO EM CENA: SEXUALIDADE FEMININA E O E O LUGAR DA MULHER
NA PSICANÁLISE FREUDIANA**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca.

Curitiba - PR, 2021.

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

C837o
2021 Leite, Amanda Marília Seabra
O corpo em cena : sexualidade feminina e o lugar da mulher na psicanálise
freudiana / Amanda Marília Seabra Pereira Leite ; orientador: Eduardo Ribeiro
da Fonseca. – 2021.
138 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,
2021
Bibliografia: f. 132-138

1. Filosofia. 2. Mulheres – Comportamento sexual. 3. Édipo, Complexo de
4. Freud, Sigmund, 1856-1939. 5. Psicanálise. I. Fonseca, Eduardo Ribeiro da.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em
Filosofia. III. Título.

CDD 20. ed. – 100

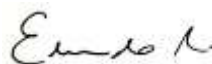
**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE N.º 48
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE**

Amanda Marília Seabra Pereira Leite

Aos sete dias do mês de maio de dois mil e vinte e um, às 14h, reuniu-se por videoconferência a Banca Examinadora constituída pelos professores: Prof. Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca, Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca, Prof. Dr. Eladio Constantino Pablo Craia, Prof.^a Dr.^a Léa Silveira Sales e Prof.^a Dr.^a Alessandra Affortunati Martins para examinar a Tese da doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, **Amanda Marília Seabra Pereira Leite**, ano de ingresso 2016, intitulada **O CORPO EM CENA: SEXUALIDADE FEMININA E O LUGAR DA MULHER NA PAICANÁLISE FREUDIANA**. Após apresentação e defesa da Tese, a doutoranda foi APROVADA pela Banca Examinadora. Proclamados os resultados, o Presidente da banca CONFERE a candidata o título de Doutora em Filosofia. A sessão encerrou-se às 18h. Os avaliadores participaram da defesa por videoconferência e estão de acordo com os termos acima descritos. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que vai assinada pelo Presidente da banca e pela coordenação do Programa.

Presidente:

Prof. Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca – (PUCPR)



Convidado Interno:

Prof. Dr. Eladio Constantino Pablo Craia – (PUCPR) Participação por videoconferência

Convidado Interno:

Prof. Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca – (PUCPR) Participação por videoconferência

Convidada Externa:

Prof.^a Dr.^a Léa Silveira Sales – (UFLA) Participação por videoconferência

Convidada Externa:

Prof.^a Dr.^a Alessandra Afortunati Martins – (USP) Participação por videoconferência



Prof. Dr. Cesar Candiott
Coordenador do Programa de Pós-
Graduação em Filosofia – *Stricto Sensu*



AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Rosângela Seabra Pereira, que transmitiu e transmite o desejo pelo conhecimento.

Agradeço a minha avó Elisabeth Maria Seabra Pereira, que não mede esforços para que os meus sonhos se realizem.

Agradeço a minha madrinha Maria Rosa Seabra Gomes, que com os seus passos me conduziu ao caminho da educação.

Agradeço à tia Maria Garcia Borges, que com suas aulas de português e sua oratória cativou-me a explorar os encontros e desencontros na língua materna, a língua portuguesa.

In memoriam, agradeço à tia Alda Garcia de Oliveira, que com suas aulas de declamação de poesia conduziu-me ao caminho da fantasia e deu voz a uma menina.

Agradeço à tia Júlia Garcia Pereira de Souza, que, sem saber, interrogou-me sobre o meu desejo, o primeiro passo para a docência, na época, iniciar o mestrado.

Agradeço ao meu namorado, amigo e companheiro de vida Éder Luis Paixão Siqueira pela compreensão nas minhas ausências, pelos cafés e pelos doces que adoçaram as angústias de escrever esta tese.

Agradeço aos amigos Dominique Vieira Coelho dos Santos e Jéssica Frazão, que com suas expertises me ensinaram a pesquisar, a escrever e a manter-me firme em meu desejo – a docência.

Agradeço à família Klee, que me acolheu e me fizeram parte de seu lar e, em especial, à amiga Renata Klee, pelo incentivo e paciência.

Agradeço aos coordenadores e professores do Programa de Doutorado e Mestrado em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, que proporcionaram a realização de um sonho.

Agradeço à CAPES pela bolsa – taxa que me foi concedida.

Agradeço ao Professor Doutor Francisco Verardi Bocca, que em 2013, em uma fala sobre filosofia na Universidade Federal do Paraná, época do mestrado, indicou caminhos para o início dessa jornada.

Agradeço ao meu orientador Professor Doutor Eduardo Ribeiro da Fonseca, que no meio de uma jornada, apostou no desejo de uma desconhecida que estava cercada por pedras. Eduardo Ribeiro da Fonseca, obrigada por apresentar-me águas correntes, produzir ventos e movimento em meu caminho. Nossos encontros foram misturas de chuvas, sol e um arco-íris que deram cor e textura ao meu texto.

Agradeço à Professora Doutora Léa Silveira e ao Professor Doutor Eladio Constantino Craia Pablo, que contribuíram para o desenvolvimento desta tese com indicações valiosas em minha qualificação.

Agradeço a minha analista Wael de Oliveira, que nesses 14 anos de análise viabilizou uma escuta que deu voz a um desejo de menina e a transformou na mulher que sou.

Agradeço a cada paciente que me proporcionou a entrada no universo singular do feminino.

Agradeço a cada aluna e aluno que me interrogou sobre o feminino.

E agradeço a cada mestre que me inquietou e me transmitiu o desejo de saber.

Muito obrigada!

"A menina é uma desconhecida." (PERROT, 2007, p. 41).

RESUMO

Essa tese aborda a construção sobre a sexualidade feminina e o lugar da mulher no discurso da psicanálise freudiana. Para tanto, partindo do pressuposto que a ideia de sexualidade nessa perspectiva esteve presente nas cartas e rascunhos de Freud sendo, portanto, anterior e consequência para a noção de sexualidade feminina e feminilidade, o percurso metodológico foi o de explorar os escritos freudianos sobre o conceito de sexualidade, demonstrando que essa noção é central, e polissêmica porque além de imbricar o desenvolvimento conceitual de sexualidade feminina e feminilidade também desenvolve outras noções que são caras a psicanálise como por exemplo: neurose, bissexualidade, complexo de Édipo, pulsão, defesa, recalque, inconsciente, economia psíquica, entre outros. Indicamos que o interesse freudiano pela ideia de sexualidade partiu das noções de sexualidade patológica e de neurose histérica e teve influências biológicas na sua concepção inicial, todavia, a partir de seus estudos, observações e escuta clínica, Freud chegou à conclusão de que as manifestações sexuais: a reprodução biológica, o gozo e o prazer não são as únicas formas de pensar a sexualidade humana. Ampliando a compreensão de sexualidade, sobretudo pela investigação da neurose, em particular a neurose histérica na mulher, Freud chegou à noção de sexualidade feminina. Para tratar esse conceito, o autor não somente ilustrou com recortes sociais as divergências do discurso de sua época sobre a sexualidade da mulher e sobre a sexualidade do homem, como também, construiu um pensamento sobre a constituição da sexualidade que inicia após o nascimento do indivíduo. Pensando a constituição da sexualidade em termos pulsionais Freud tratou sobre os períodos oral, anal, fálico, de latência e genital, e demonstrou que a diferença da sexualidade feminina em relação à sexualidade masculina se apresenta na experiência da frustração – Complexo de Castração – posto que, até esse momento, as formas de manifestação da sexualidade feminina foram pensadas como análogas a sexualidade masculina. A vivência do Complexo de Castração inicia o indivíduo ao Complexo de Édipo. Esse complexo que teve no mito de Sófocles a sua inspiração foi entendido como determinante para o desenvolvimento da feminilidade. Compreendida como uma posição subjetiva de saída individual da experiência edipiana, a feminilidade no pensamento freudiano foi proposta como uma possibilidade de ser indivíduo frente a si próprio e ao outro que não é exclusivo à mulher, embora tenha ligado esse termo com maior frequência a esse gênero. Por fim, tendo Freud reconhecido a noção de feminilidade como um conceito inacabado, percorremos textos de pesquisadores e psicanalistas da área a fim de completarmos a nossa compreensão conceitual e chegamos à conclusão de que a feminilidade é uma construção individual, e, portanto, única, que se faz no dia a dia quando diante da finitude e do vazio, o indivíduo é convocado a escolher e a inventar novos caminhos.

Palavras-chave: Sexualidade feminina. Mulher. Complexo de Édipo. Freud. Psicanálise.

ABSTRACT

This thesis addresses the construction of female sexuality and the place of women in the discourse of Freudian psychoanalysis. For this purpose, based on the assumption that the idea of sexuality in this perspective was present in Freud's letters and drafts, being, therefore, a prior and consequence for the notion of female sexuality and femininity, the methodological path was to explore Freudian writings on the concept of sexuality, demonstrating that this notion is central, and polysemic because in addition to overlapping the conceptual development of female sexuality and femininity it also develops other notions that are expensive to psychoanalysis such as: neurosis, bisexuality, Oedipus complex, drive, defense, repression, unconscious, psychic economy, among others. We indicate that Freud's interest in the idea of sexuality started from the notions of pathological sexuality and hysterical neurosis and had biological influences on his initial conception, however, from his studies, observations and clinical listening, Freud came to the conclusion that sexual manifestations: biological reproduction, enjoyment and pleasure are not the only ways of thinking about human sexuality. Expanding the understanding of sexuality, mainly through the investigation of neurosis, in particular hysterical neurosis in women, Freud arrived at the notion of female sexuality. To address this concept, the author not only illustrated with social cuts the divergences of the discourse of his time on the sexuality of women and on the sexuality of men, but also constructed a thought on the constitution of sexuality that begins after the birth of the individual. Thinking about the constitution of sexuality in drive terms Freud dealt with the oral, anal, phallic, latency and genital periods, and demonstrated that the difference between female sexuality and male sexuality is present in the experience of frustration – Castration Complex – since, until that moment, the forms of manifestation of female sexuality were thought to be analogous to male sexuality. The experience of the Castration Complex initiates the individual to the Oedipus Complex. This complex which had its inspiration in the myth of Sophocles was understood as a determinant for the development of femininity. Understood as a subjective position of individual exit from the Oedipal experience, femininity in Freudian thought was proposed as a possibility of being an individual in front of oneself and the other that is not exclusive to women, although it has linked this term more frequently to this gender. Finally, having Freud recognized the notion of femininity as an unfinished concept, we went through texts by researchers and psychoanalysts in the field in order to complete our conceptual understanding and came to the conclusion that femininity is an individual construction, and therefore unique, that is done on a day-to-day basis when faced with finitude and emptiness, the individual is called upon to choose and invent new paths.

Keywords: Female sexuality. Women. Oedipus Complex. Freud. Psychoanalysis.

RÉSUMÉ

Cette thèse aborde la construction de la sexualité féminine et la place de la femme dans le discours de la psychanalyse freudienne. Pour cela, d'après l'hypothèse que l'idée de sexualité dans cette perspective était présente dans les lettres et les brouillons de Freud, étant, par conséquent, antérieure et conséquence pour la notion de sexualité féminine et de féminité, la voie méthodologique est basée en explorer les écrits freudiens sur le concept de sexualité, en démontrant que cette notion est centrale, et polysémique puisque, au delà d'imbriquer le développement conceptuel de la sexualité féminine et de la féminité elle développe aussi d'autres notions chères à la psychanalyse comme par exemple : névrose, bisexualité, complexe d'Œdipe, pulsion, défense, refoulement, inconscient, économie psychique, parmi d'autres. On dit que l'intérêt freudien pour l'idée de sexualité provenait des notions de sexualité pathologique et de névrose hystérique et aurait eu des influences biologiques sur sa conception initiale, cependant, à partir de ses études, observations et écoutes cliniques, Freud est arrivé à la conclusion que les manifestations sexuelles : reproduction biologique, jouissance et plaisir ne sont pas les seules façons de penser la sexualité humaine. En élargissant la compréhension de la sexualité, notamment par l'étude des névroses, en particulier la névrose hystérique chez les femmes, Freud est arrivé à la notion de sexualité féminine. Pour traiter ce concept, l'auteur a, à la fois, illustré par des coupures de presse sociales les divergences du discours de son époque sur la sexualité des femmes et sur la sexualité des hommes et construit une pensée sur la constitution de la sexualité qui commence après la naissance de l'individu. En pensant à la constitution de la sexualité en termes pulsionnels, Freud a traité les périodes orale, anale, phallique, de latence et génitale, et a démontré que la différence entre la sexualité féminine par rapport à la sexualité masculine se présente dans l'expérience de la frustration - le complexe de castration - puisque, jusqu'à ce moment, les formes de manifestation de la sexualité féminine étaient pensées comme analogues à la sexualité masculine. L'expérience du complexe de castration fait le début de l'individu au complexe d'Œdipe. Ce complexe, qui trouve son inspiration dans le mythe de Sophocle, est compris comme déterminant pour le développement de la féminité. En tant que une position subjective de sortie individuelle de l'expérience œdipienne, la féminité dans la pensée freudienne a été proposée comme une possibilité d'être personne face à soi-même et à l'autre qui n'est pas exclusive aux femmes, bien qu'il ait lié ce terme plus souvent à ce genre. En résumé, Freud ayant reconnu la notion de féminité comme un concept inachevé et en suivant des textes de chercheurs et de psychanalystes dans le domaine afin de compléter notre compréhension conceptuelle, nous sommes arrivés à la conclusion que la féminité est une construction individuelle, donc unique, qui se fait au jour le jour lorsque face à la finitude et au vide, l'individu est convoqué à choisir et à créer de nouvelles voies.

Mots clés: Sexualité féminine. Femmes. Complexe d'Œdipe. Freud. Psychanalyse.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A SEXUALIDADE NO RECÔNCAVO DAS OBRAS FREUDIANAS	22
2.1 A SEXUALIDADE NAS CARTAS E RASCUNHOS FREUDIANOS.....	23
2.2 A SEXUALIDADE NA <i>NEURÓTICA</i> FREUDIANA.....	43
3 A SEXUALIDADE AMPLIADA NA PSICANÁLISE FREUDIANA.....	62
3.1 DA SEXUALIDADE INFANTIL À TEORIA DA SEXUALIDADE INFANTIL	63
3.2 O SEXUAL FEMININO NO SOCIAL	88
4 O COMPLEXO DE ÉDIPO NA PSICANÁLISE FREUDIANA.....	94
4.1 MENINOS TÊM PÊNIS E MENINAS TÊM VAGINA.....	95
4.2 FREUD E OUTROS AUTORES NA PASSAGEM DA SEXUALIDADE FEMININA PARA O CONTINENTE DA FEMINILIDADE	111
5 CONCLUSÃO, O CORPO EM CENA	126
REFERÊNCIAS.....	132

1 INTRODUÇÃO

“Creio que para elucidar a situação da mulher são ainda certas mulheres as mais indicadas.”
(BEAUVOIR, 1970, p. 21).

Para a psicanálise freudiana, falar de mulher é falar de sexualidade feminina, feminilidade e costurar com o vazio enigmático inacabado que propõe o ser mulher. Para a filósofa Beauvoir (1970), que se dedicou a escrever e, portanto, a tratar sobre o tema, falar sobre a mulher é falar sobre sexo ou sobre um segundo sexo que compete à mulher. Influenciados por essa consideração de Beauvoir (1970) essa tese também intentará demonstrar se na psicanálise freudiana a mulher é um segundo sexo como sugeriu a filósofa acima, mais um sexo ou uma forma de sexualidade.

Desse modo, assim como a psicanálise freudiana ampliou e subverteu a noção de sexo para sexualidade ao longo da construção de sua obra, imbricando o conceito de sexualidade feminina e feminilidade nessa compreensão, Beauvoir (1970) também o fez posteriormente, sobretudo ao unir a ideia do ser mulher em contextos sociais, históricos e subjetivos. Sem adentrarmos as questões de gênero que a reflexão do ser mulher pode encaminhar, entre o pensamento freudiano e o de Beauvoir (1970) há um artigo e um substantivo comum: o sexo, palavra linguisticamente masculina que faz referência à mulher, que possui um artigo e um substantivo de ordem feminino.

Recorrendo à palavra ou à linguagem para pensar a questão acima, segundo Fink (1998), o ser humano marca sua posição subjetiva frente ao outro a partir da palavra ou da linguagem que compõe uma rede de palavras de significados próprios. Dessa maneira, “[...] nascemos em um mundo de discurso, um discurso ou linguagem que precede nosso nascimento e que continuará após a nossa morte.” (FINK, 1998, p. 21). Nessa lógica, independentemente da marca biológica, todo indivíduo, homem ou mulher, é cortado pela linguagem, que, como sabemos, pela psicanálise freudiana é individual, subjetiva, mas também coletiva, estabelecendo entre o individual e o coletivo relação dialógica constante.

Ilustrando as considerações de Fink (1998), Beauvoir (1970) aponta que o tema a mulher e as tentativas de compreender esse universo particular estão longe de serem novos, pois, foram muitos os homens (filósofos, reis, santos, intelectuais, entre outros), em muitos períodos históricos, que abordaram o assunto, porém, o fizeram a partir de um ponto de vista masculino, uma vez que nessas analogias de palavras masculinas e femininas, o feminino, outra palavra para se referir à mulher, também é um referencial masculino. Posto isso, nesta tese intuimos

responder: quais foram as contribuições da teoria e do método de um homem, a psicanálise freudiana acerca da sexualidade feminina, e as suas particulares formas de expressão?

Mas antes de explicarmos de que modo percorreremos esses questionamentos na obra freudiana elegemos “[...] certas mulheres [...]” (BEAUVOIR, 1970, p. 21) para refletirmos sobre os discursos que envolvem o assunto mulher para introduzir esta tese. Para tanto, as mulheres que serão aqui indicadas são as filósofas: Simone Beauvoir (1970), Luci Irigaray (2017), Judith Butler (2019) e Léa Silveira (2021), nessa ordem. Destacamos que as filósofas supracitadas foram eleitas não apenas pelo destaque de suas obras e a disseminação de seus pensamentos, mas também por terem percorrido textos do autor pesquisado nesta tese.

A obra de Beauvoir (1970) que será refletida aqui chama-se *O segundo sexo: fatos e mitos* e os capítulos propostos são: *Capítulo II, O ponto de vista psicanalítico* e a *Segunda parte: história*, porém, invertendo a lógica da apresentação do livro dessa filósofa, começaremos da segunda parte para o segundo capítulo. Assim, “[...] toda a história das mulheres foi feita pelos homens.” (BEAUVOIR, 1970, p. 167), afirmou a filósofa em sua conclusão, após realizar detalhado percurso dos primeiros séculos de organizações sociais e culturais até o período da industrialização.

Do uso da força física a uma suposta moral exemplar, os homens fundaram valores, costumes e religiões em que a mulher, salvo raras exceções, ficou à margem de participação. Essas participações em que ora a mulher estava submetida à permissão ou aceitação pelo homem e ora a sua atuação era devida a causar medo no homem, segundo Beauvoir (1970) não foram suficientes para as mulheres serem reconhecidas como classe social autônoma, que gozava dos mesmos direitos que os homens, nas palavras dessa filósofa:

As doutrinas que reclamam o advento da mulher enquanto carne, vida, imanência, enquanto Outro, são ideologias masculinas que não exprimem de modo algum as reivindicações femininas. A maioria das mulheres aceita resignadamente a sorte sem tentar nenhuma ação; as que buscaram mudá-la não pretenderam encerrar-se em sua singularidade, nem fazê-la triunfar, mas sim sobrepujá-la. Quando intervieram no desenrolar dos acontecimentos, fizeram-no de acordo com os homens e dentro das perspectivas masculinas. (BEAUVOIR, 1970, p. 168).

Desse modo, segundo a filósofa, em uma síntese histórica do trabalho aos direitos e aos costumes, temos que as mulheres que compunham alguma classe trabalhadora com mais autonomia foram oprimidas pela própria classe. Quando presentes em classes dirigentes estavam submetidas à ordem masculina. Nas civilizações camponesas, senhora ou serva, a mulher era socialmente menos importante que o homem. Se a mulher estava empregada tinha função quase escrava e se não trabalhava ficava à deriva, sem reconhecimento social. Do ponto de vista dos direitos e das leis está mais que claro que não foram propostos os mesmos direitos

para homens e mulheres, é só refletirmos sobre: o direito ao voto, o direito à regulamentação do trabalho, o direito a salários igualitários, entre outros. A respeito dos costumes foi ilustrado o fato de não ocupar os mesmos espaços domésticos e públicos que os homens, a incumbência dos cuidados maternos ao filho, ao marido e ao lar. Dessa maneira, nos recortes apresentados acima pela filósofa acerca do lugar social da mulher ao longo dos anos vimos opressões, sofrimentos e a necessidade de permanência de movimento de emancipação, visto que, na visão de Beauvoir (1970), novos horizontes carregam tradições antigas. Citando essa filósofa:

O fato que determina a condição atual da mulher é a sobrevivência obstinada, na civilização nova que se vai esboçando, das tradições mais antigas. É o que não percebem os observadores apressados que estimam ser a mulher inferior às possibilidades que lhe são oferecidas, ou que só vêem nessas possibilidades tentações perigosas. Na verdade, a situação é sem equilíbrio e é por essa razão que lhe é difícil adaptar-se a ela. Abrem-se as fábricas, os escritórios, as faculdades às mulheres, mas continua-se a considerar que o casamento é para elas uma carreira das mais honrosas e que a dispensa de qualquer outra participação na vida coletiva. (BEAUVOIR, 1970, p. 175).

Assim, para Beauvoir (1970), ser mulher nos espaços privado e público demanda coragem para lutar, uma vez que o caminho é árduo. Seguindo esse raciocínio, ir à luta ou não são escolhas que dizem respeito a um movimento subjetivo que implica escolher, o que do ponto de vista psicanalítico trata-se de uma decisão boa parte inconsciente e do próprio indivíduo. Nesse sentido perguntamos: quais foram as contribuições freudianas percorridas por Beauvoir (1970) na obra que escolhemos?

Logo no início do capítulo *O ponto de vista psicanalítico*, Beauvoir (1970) fez uma afirmação importante: “Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade.” (BEAUVOIR, 1970, p. 59). Consideramos essa comunicação relevante porque de forma muito assertiva resumiu o percurso que realizamos pela psicanálise freudiana sobre o universo feminino. Será visto ao longo dos capítulos desta tese que no início da psicanálise as questões que circundavam o aspecto natural ou biológico sobre a sexualidade sobressaíram-se nas reflexões freudianas, em especial sobre a sexualidade feminina e a sua forma de compreensão que culminou em construções iniciais sobre feminilidade e sobre o lugar da mulher nessa perspectiva.

Apesar da percepção de que a psicanálise freudiana possui teorias interessantes sobre a sexualidade, no capítulo supracitado Beauvoir (1970) não deixou de lançar críticas sobre algumas apostas freudianas. A primeira dessas críticas foi a seguinte: “Freud não se preocupou muito com o destino da mulher; é claro que calcou a descrição do destino feminino sobre o masculino, restringindo-se a modificar alguns traços.” (BEAUVOIR, 1970, p. 60). Embora concordemos com a opinião dessa filósofa de que algumas das ideias freudianas sobre o

feminino foram pensadas a partir da referência masculina, discordamos da afirmação de que não houve preocupação freudiana com a mulher, pois foi justamente essa preocupação e inquietação que viabilizou a construção de uma clínica sobre a neurose e o conceito de feminilidade, por exemplo.

A segunda crítica foi a seguinte: “Freud não vai tão longe; admite que a sexualidade da mulher é tão evoluída quanto a do homem; mas não a estuda, por assim dizer, em si mesma.” (BEAUVOIR, 1970, p. 60). Mais uma vez discordamos da autora, pois, como será visto nesta pesquisa de tese, a sexualidade feminina foi pensada na psicanálise freudiana de maneira constitucional, subjetiva e também socialmente, ainda que a terminologia sexualidade feminina não tenha sido usada de forma objetiva pelo autor.

A respeito dos conceitos que participaram da compreensão freudiana de sexualidade feminina e o desenvolvimento da feminilidade, Beauvoir (1970) retomou algumas fixações do desenvolvimento autoerótico pulsional do indivíduo, o oral, o fálico e o genital, nas palavras dessa autora:

Esta desenvolve-se primeiramente, pensa êle, de maneira idêntica nos dois sexos: todas as crianças atravessam uma fase oral que as fixa ao seio materno, em seguida uma fase anal e atingem a fase genital: é então que se diferenciam. Freud pôs em foco um fato cuja importância, antes dele, não se havia ainda reconhecido totalmente: o erotismo masculino localiza-se definitivamente no pênis, ao passo que há, na mulher dois sistemas eróticos distintos: um, clitoridiano, que se desenvolve no estágio infantil e outro, vaginal, que surge após a puberdade. Quando o jovem atinge a fase genital, sua evolução está terminada; será necessário que passe da atitude autoerótica, em que aspira ao prazer em sua subjetividade, a uma atitude héteroerótica, que relacionará o prazer a um objeto, normalmente a mulher. [...]. Há somente uma etapa genital para o homem enquanto há duas para a mulher; ela se arrisca bem mais do que ele a não atingir o termo de sua evolução sexual, a permanecer no estágio infantil e, conseqüentemente, a desenvolver neuroses. (BEAUVOIR, 1970, p. 61).

E criticou as equivalências freudianas pênis-clitóris e pênis-vagina afirmando que, diferentemente do homem, que tem apenas uma etapa para atingir a sua evolução sexual e não desenvolver a neurose, a mulher teria duas, o que dificultaria esse desenvolvimento sexual e aumentaria as chances de uma consequência pela neurose.

Concordando com Beauvoir (1970) que na psicanálise freudiana o desenvolvimento sexual da mulher possui mais percalços, discordamos quanto à afirmação de que a neurose seja uma consequência de predisposição feminina, uma vez que na perspectiva freudiana não há indivíduo mulher ou homem sem uma estrutura psíquica que o determine. Sobre a experiência do Complexo de Édipo, a filósofa utilizou o termo Complexo de Eletra para pensar essa vivência pela menina, “[...] o complexo de Eletra é menos nítido do que o do Édipo, pelo fato de a primeira fixação ter sido a materna” (BEAUVOIR, 1970, p. 62), porém deixamos claro

que o termo utilizado por Beauvoir (1970) não foi utilizado nos textos freudianos pesquisados, por isso, manteremos o termo freudiano usado.

Apesar dessas divergências terminológicas acima chama-nos a atenção Beauvoir (1970) buscar um termo que aluda o feminino para pensar a experiência freudiana proposta. Será que essa filósofa também percebeu que o Complexo de Édipo¹ são palavras masculinas que pensam o universo feminino? Não temos como afirmar, porém, a aposta dessa filósofa sugere essa percepção, uma vez que essa filósofa criticou a aposta freudiana de valorizar o falo no Complexo Édipo a partir de uma comparação simplista entre a anatomia do homem e da mulher. Então, em Beauvoir (1970), o desenvolvimento histórico (social) e psicanalítico sobre a compreensão da mulher foi realizado a partir do discurso masculino.

No livro *Este sexo que não é só um: sexualidade e status social da mulher*, a filósofa Luce Irigaray (2017) realizou percurso semelhante a Beauvoir (1970), escrevendo sobre os discursos sociais e psicanalíticos sobre a mulher. A diferença em relação à filósofa supracitada foi que a sua investigação acerca do discurso psicanalítico não esteve restrita à psicanálise freudiana, porém, para seguirmos com o nosso direcionamento proposto, daremos atenção às contribuições dessa filósofa sobre essa perspectiva.

Corroborando com Beauvoir (1970), Irigaray (2017) afirmou que a sexualidade feminina foi compreendida de maneira análoga à masculina. Tanto a atividade sexual clitoridiana e a vaginal, propostas no pensamento freudiano, foram alternativas que referenciam a sexualidade masculina. Desse modo, segundo Irigaray (2017), nenhuma das zonas erógenas da mulher possuem o mesmo valor que o órgão fálico. Em suas palavras:

Da mulher e de seu prazer, nada é dito, em tal concepção da relação sexual. Seu destino seria o da “falta”, da “atrofia” (do sexo) e da “inveja do pênis” em relação ao único sexo reconhecido como válido. Ela tentaria, portanto, apropriar-se dele, de todos os meios: pelo seu amor um pouco servil do pai – marido suscetível de dar a ela, pelo seu desejo de ter um filho – pênis, de preferência um menino, pelo acesso aos valores culturais de direito, ainda reservado somente aos machos e, por isso mesmo, sempre masculinos, etc. A mulher não viveria o seu desejo senão como uma espera de poder enfim possuir algo equivalente ao sexo masculino. Ora, tudo isso parece ser muito estranho ao seu gozo, a não ser no caso de ela não sair da economia fálica dominante. Assim, por exemplo, o autoerotismo da mulher é muito diferente do autoerotismo do homem. Este tem necessidade de um instrumento para se tocar: sua mão, o sexo da mulher, a linguagem... E essa autoafetação exige um mínimo de atividade. A mulher se toca sozinha, e nela mesma, sem a necessidade de uma mediação, e antes de toda separação possível entre atividade e passividade. A mulher “se toca” o tempo todo, aliás sem que seja possível proibi-la de o fazer, já que o seu sexo é constituído por dois lábios que continuamente se beijam. Desse modo, ela já é duas – não divisíveis em um (umas) – que se se afetam. (IRIGARAY, 2017, p. 34).

¹ Importante acrescentarmos que essa expressão foi sugerida por Jung e rejeitada explicitamente por Freud (2010c [1931], p. 377).

Nesse sentido, segundo a filósofa acima, submetida ao homem, a mulher nada sabe sobre o seu desejo sexual, pois espera que o homem lhe diga o que e como fazer com o próprio desejo. E, talvez por isso, o início da vida sexual da menina tenha sido tomado como enigmática no pensamento freudiano.

Para Irigaray (2017), o corpo da mulher é autoerótico, não precisa de mediação para que o prazer surja, tampouco precisa ficar submetido a uma separação entre atividade e passividade sexual, que é mais uma separação teórica do que empírica, em suas palavras:

Daí o mistério representado por ela em uma cultura que tem a pretensão de enumerar tudo, de tudo classificar por unidades, de inventar tudo por individualidades. Ela não é nem uma nem duas. Não se pode, rigorosamente, determiná-la como uma pessoa, e muito menos ainda como duas. Ela resiste à toda definição adequada. Aliás, ela nem sequer tem um nome “próprio”. (IRIGARAY, 2017, p. 36).

Nessa lógica, a mulher e o seu sexual não é um, nem dois, é plural, é o que ela achar que deve vir a compor o seu universo sexual. A respeito das críticas tecidas à visão freudiana de mulher, Irigaray (2017) concordou com Beauvoir (1970) a respeito do pensamento freudiano de utilizar como parâmetro o universo masculino para pensar o universo feminino. E acrescentou dizendo que a dificuldade freudiana foi em não reconhecer que o sexo feminino possui particularidades e especificidades próprias a esse sexo.

A outra crítica de Irigaray (2017) ao pensamento freudiano foi a seguinte: “[...]. Ele não inventa uma sexualidade feminina, e nem uma masculina, [...]. [...]. O problema é que ele não questiona as determinações históricas dos dados de que trata.” (IRIGARAY, 2017, p. 83). Embora concordemos parcialmente com as considerações dessa filósofa, intuímos como relevante indicarmos que houve tentativas freudianas em problematizar o lugar social que era dado à mulher. Isso será demonstrado em várias passagens dessa tese inclusive será marcado críticas freudianas sobre como os tabus sociais sobre a concepção de sexualidade (em especial a da mulher) prejudicou médicos da época a realizar tratamentos de saúde exclusivos às mulheres.

Assim, a partir das críticas acima, Irigaray (2017) seguiu problematizando as passagens edípicas e as referências anatômicas freudianas para pensar a sexualidade feminina. E, apesar dessas divergências em relação à psicanálise freudiana, que em nada invalida a construção desse autor, finalizamos com uma consideração relevante de Irigaray (2017), que foi a sugestão de pensarmos e falarmos sobre a mulher a partir do próprio discurso, a fim de que as significações próprias possam ser alcançadas e de que a censura, o desconhecimento e o recalque sobre o feminino fiquem suspensos.

A filósofa Judith Butler (2019), igualmente renomada e conhecida por escrever sobre o feminismo, a teoria *queer*, também referenciou o pensamento freudiano no subcapítulo *Freud e a melancolia do gênero*, em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Dessa maneira, seguindo nossa proposta de falar sobre a mulher e o seu universo a partir de certas filósofas, vamos ao texto.

Diferentemente de Beauvoir (1970), que abordou o tema mulher em uma perspectiva existencial, ou seja, o ser mulher na história e as consequências dessa história sobre o seu ser, Butler (2019) propôs pensar sobre a construção e as ideologias de gênero que esse assunto também encaminha, porém, conforme dissemos acima, as questões de gênero não é objetivo desta tese. Mas, intuindo levantarmos uma análise sobre a percepção de Butler (2019) a respeito das ideias freudianas encontramos os conceitos freudianos (melancolia, bissexualidade, Complexo de Édipo e ambivalência) como problemáticos para compreender a questão de gênero, porém, nesta introdução refletiremos apenas sobre as considerações dessa filósofa sobre a bissexualidade.

Convergindo com a crítica de Beauvoir (1970) de que o Complexo de Édipo pensou de forma incipiente o universo feminino, Butler (2019) acrescentou o universo masculino em sua discussão, principalmente como se daria a estruturação da heterossexualidade e da homossexualidade na psicanálise freudiana. Butler (2019) afirma que a ideia de bissexualidade se apresentou como problemática, pois se é uma predisposição humana que une o masculino e o feminino, porque haveria a necessidade de escolha objetual amorosa? Ou porque normatizar entre heterossexual e homossexual essa escolha? Nas palavras da filósofa:

A conceituação da bissexualidade em termos de predisposições, feminina e masculina, que têm objetivos heterossexuais como os seus correlatos intencionais sugere que, para Freud, a bissexualidade é a coincidência de dois desejos heterossexuais no interior de um só psiquismo. Com efeito, a predisposição masculina nunca se orienta para o pai como objeto de amor sexual, e tampouco se orienta para a mãe a predisposição feminina (a menina pode assim se orientar, mas isso antes de ter renunciado ao lado “masculino” da sua natureza disposicional). Ao repudiar a mãe como objeto do amor sexual, a menina repudia necessariamente sua masculinidade e “fixa” paradoxalmente sua feminilidade, como uma consequência. Assim, não há homossexualidade na tese de bissexualidade primária de Freud, e só os opostos se atraem. (BUTLER, 2019, p. 112).

Dialogando com a citação acima, indicamos que na pesquisa desta tese também esbarramos no conceito de bissexualidade na psicanálise freudiana, e, para nós, igualmente esse conceito se apresentou problemático, posto que nos textos trabalhados o autor da psicanálise não explicou sua compreensão por predisposição bissexual, apenas a indicou como característica universal composta de aspectos femininos e masculinos. Então, como não foi

objetivo desta tese investigar a construção do conceito de bissexualidade, apresentamos apenas a forma com que essa noção foi trazida na psicanálise freudiana. Sendo assim, concordamos com a lógica do pensamento de Butler (2019), visto que no desenvolvimento da constituição sexual da passagem edipiana do menino o desejo está em direção à mãe, e na menina o desejo está para o pai. A homossexualidade seria uma renúncia à predisposição do sexo oposto.

O artigo da filósofa Léa Silveira (2021), eleito para compor esta introdução, chama-se *Entre teses e textos: como o tema da inferioridade da mulher aparece nos ensaios que Freud dedica à sexualidade feminina?*. O texto se propõe a uma investigação semelhante a esta tese, caminhar pelos textos freudianos sobre a sexualidade feminina com a diferença de que a ótica adotada foi posta, a noção de inferioridade à mulher.

A perspectiva adotada por Silveira (2021) para analisar os escritos freudianos dialoga com as considerações das filósofas supracitadas, porém, ao contrário de sugerir que adotemos postura conformista com a justificativa de que as ideias freudianas foram lançadas há mais de cem anos ou postura de esquiva em função do ponto de vista do feminismo, Silveira (2021) nos impulsiona a seguirmos adiante apesar das problemáticas que a perspectiva freudiana aponte e reconheça, em suas palavras:

Não é possível, no entanto, operar com a contribuição possível da psicanálise para o feminismo se assumirmos uma postura de denegação com relação àquilo que há de não fundamentado, de circular e, ao mesmo tempo, de clara determinação histórico-social em certas teses que são de fato mobilizadas por Freud. Em minha leitura, é preciso ter clareza em relação a isso se não quisermos cair na atitude ingênua de pretender salvar Freud diante do debate feminista, como se o fato de reconhecermos a fragilidade de alguns de seus argumentos pusesse em risco a própria existência da psicanálise. Para mim, trata-se do contrário: a existência e a sobrevivência da psicanálise em nossa sociedade dependem em larga medida de nossa capacidade de pôr em marcha certos problemas que são produzidos pelos textos que Freud dedica à sexualidade feminina, sendo este ainda um dos principais desafios a serem enfrentados atualmente pela teoria psicanalítica. Penso que é preciso, para lidar com isso, conhecer bem o que Freud de fato escreveu. Isso parece algo bastante trivial. E, de fato, é. Curiosamente, no entanto, é muito comum vermos no debate atual uma combinação da atitude de tentar salvar Freud com o isolamento de suas afirmações, como se o fato de retirá-las de seu contexto pudesse respaldar a reinterpretação salvífica pretendida. Os comentários que Freud tece a respeito da sexualidade feminina não são desvencilháveis do problema, tão revisitado por ele, do antagonismo entre indivíduo e cultura, já que são comentários radicados numa certa forma de cultura: a da Europa da passagem do século XIX para o século XX. Freud estava, a esse respeito, fazendo um diagnóstico da condição da mulher de seu tempo sem explicitá-lo enquanto tal ao mesmo tempo em que lançava as bases para conceber o mal-estar como algo estruturante da civilização. (SILVEIRA, 2021, p. 04-05).

Nesse sentindo, nos apropriando das considerações de Silveira (2021), que reforçam a importância de não esquecermos de utilizarmos a psicanálise freudiana como dispositivo de leitura de nosso tempo, seguiremos para nossa investigação de sexualidade feminina na obra freudiana sem perdemos de vista a ótica da inferioridade da mulher nessa perspectiva. Assim,

a partir de alguns textos de “[...] certas mulheres [...]” (BEAUVOIR, 1970, p. 21) filósofas, mostramos que o assunto mulher e o seu universo estão longe de serem únicos, e tampouco se esgotam nas referências desta introdução, mas como o objetivo em dialogarmos com Beauvoir (1970), Irigaray (2017), Butler (2019) e Silveira (2021) foi o de refletirmos sobre a compreensão de mulher, sobretudo percorrer as leituras dessas autoras sobre a psicanálise freudiana, nos damos por satisfeitas. Outrossim, não podemos deixar de marcar que as quatro autoras² criticaram a psicanálise freudiana sobre a compreensão de mulher, sexualidade feminina e feminilidade, assim, atentas a essas sugestões dessas autoras, seguimos com a nossa investigação sobre a compreensão freudiana de sexualidade feminina e o desenvolvimento da sexualidade.

Sigmund Freud (1914) deixou claro em sua obra que a psicanálise é criação sua e, portanto, como autor de uma obra seria a pessoa mais indicada para tratá-la. Desse modo, nos apropriando dessa afirmação e fazendo dela a nossa bússola e o nosso método de pesquisa, indicamos que esta pesquisa de tese tem como objetivo responder as perguntas indicadas acima a partir de rastreamento bibliográfico que compreende o período de 1886 a 1937. Os textos eleitos para tal construção tiveram como chave de leitura sexualidade, sexualidade feminina e Complexo de Édipo feminino.

Nesse caminhar será percebido que as noções de neurose histérica, neurose obsessiva e paranoia aparecerão com frequência, embora não sejam assuntos de interesse nesta tese. Dessa maneira, intuindo advertir o leitor dos motivos que essas noções se apresentam, dizemos que em nossa investigação as concepções (principalmente) de histeria se mostraram condição para chegarmos à sexualidade feminina e ao Complexo de Édipo feminino. E por quê? Porquê foi a partir da investigação da histeria que a psicanálise freudiana construiu um corpo teórico acerca dos conceitos que serão pesquisados. Assim, dissociar os assuntos histeria, sexualidade e sexualidade feminina mostrou-se inexequível nesta tese.

Será percebido também que o conceito de Complexo de Édipo foi encadeado a partir de uma experiência íntima freudiana e é subjacente a uma concepção mito-poética referenciada ao mito *Oedipus Rex* de Sófocles (2005). A psicanalista Roudinesco (2016), que escreveu uma bibliografia desse autor recentemente, disse que desde muito cedo e ao longo de toda a sua vida

² Destacamos que as filósofas Beauvoir (1970), Irigaray (2017), Butler (2019) e Silveira (2021) foram e serão referenciadas apenas na introdução desta tese, visto que o objetivo é apresentar algumas das críticas que a psicanálise freudiana atravessou e ainda atravessa em seu desenvolvimento conceitual sobre a sexualidade da mulher. Advertidos dessas considerações seguiremos com a tese percorrendo o desenvolvimento do pensamento freudiano sobre sexualidade, sexualidade feminina e o lugar da mulher nessa perspectiva a fim de investigarmos se há construção freudiana que não seja o de supervalorizar a constituição da sexualidade do homem e a de inferiorizar a constituição da sexualidade da mulher conforme Léa (2021) nos informou.

Freud mostrou-se apreciador da literatura grega, demonstrando certas inclinações para personagens heroicos como: Sansão, Saul, Davi, Jacó³, Brutus, César, Aníbal, Alexandre, Napoleão, Édipo, entre outros, os quais foram figuras de certa admiração. Dessa maneira, na visão de Roudinesco (2016), essas predileções míticas podem ter influenciado Freud a aplicar o drama edipiano em suas explicações sobre a constituição psíquica e os romances familiares.

A respeito do conceito de Complexo de Édipo feminino, será visto que foi pensado a partir da experiência de um homem, o próprio autor da psicanálise, e que a própria palavra é masculina e que faz referência ao mito de um rei, outro homem. Porém, apesar de todas essas considerações, não podemos esquecer que a história da psicanálise começou com uma clínica dedicada à escuta de pacientes mulheres e, por isso, buscar compreender de que forma a noção de Complexo de Édipo feminino foi pensada na psicanálise freudiana se justifica. Ou dando outro tom para essa justificativa, questionamos: houve lugar para o feminino em um conceito construído a partir do masculino? Veremos.

Apoiados nessas considerações, nossa investigação desenvolver-se-á a partir de quatro capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *A sexualidade no recôncavo das obras freudianas*, parte da centralidade e da importância do termo sexualidade na obra freudiana para compreender a noção de sexualidade feminina. Nesse capítulo partiremos de textos não técnicos freudianos (cartas e rascunhos) até os considerados técnicos (entre os períodos de 1886 a 1909) para mostrarmos que o assunto da sexualidade inquietou Freud (1886) desde antes de nomear a sua teoria e o seu método de psicanálise. Será demonstrado, também, que as relações conceituais que o autor foi estabelecendo durante o seu desenvolvimento sobre a sexualidade até a sexualidade feminina partiu das suas influências médicas e do campo biológico. Porém, a partir das narrativas escutadas em sua clínica, essa compreensão teleológica de sexualidade foi sendo ampliada para concepções ligadas à experiência subjetiva da clínica, como as noções de neuroses, censura, recalçamento, prazer e desprazer, perversão, bissexualidade, zona sexual, sedução, fantasia, entre outros. E, claro, pelos recortes sociais que esse autor realizou ora indiretamente, ora diretamente, a noção de sexualidade feminina aparece como consequência.

O segundo capítulo, intitulado *A sexualidade ampliada na psicanálise freudiana*, é uma continuidade do capítulo anterior, pois que as referências freudianas das noções de sexualidade e sexualidade feminina do primeiro capítulo não foram abordadas de forma objetiva, linear, mas de maneira causal, ou seja, a sexualidade e a sexualidade feminina como causa de uma

³ “Admirava Sansão, Saul, Davi, Jacó. Nos textos do judaísmo, encontrava determinados traços estruturais da própria família, e disso mais tarde deduziria que uma grande família é sempre uma bênção e ao mesmo tempo uma fonte de preocupação.”. (ROUDINESCO, 2016, p. 24).

constituição psíquica mostrando-se como indissociáveis do conceito de neurose. Então, partindo desse entendimento analisamos textos que compreendem outro período freudiano (de 1905 a 1918). Chamamos de outro período freudiano porque a célebre obra *A interpretação de sonhos* (1900) já havia sido publicada, inaugurando a psicanálise como ciência, como uma teoria e um método que tem como objeto de estudo o inconsciente. Demonstraremos também que com a noção de pulsão as noções de sexualidade e sexualidade feminina ampliam-se e direcionam o pensamento freudiano a novas formas de compreender o corpo, de uma concepção adaptativa, hereditária e fixa, o corpo pulsional passa a ser compreendido como não adaptativo, como erógeno. Mostraremos que essa ideia de corpo pulsional não se dissocia da noção de sexualidade infantil, e dessa maneira, Freud manteve-se centralizando a noção de sexualidade em seus textos. Apontaremos também que com a compreensão de sexualidade infantil o conceito de Complexo de Castração é introduzido, estabelecendo uma relação importante para compreendermos a sexualidade feminina, visto que, foi em relação a experiência de frustração que Freud pensou as sutis diferenças entre o desenvolvimento da sexualidade masculina e da sexualidade feminina. Os últimos textos utilizados nesse capítulo tiveram a intenção de demonstrar de que modo Freud compreendeu os efeitos das problemáticas sociais sobre a sexualidade feminina, por isso, assuntos como: cultura, sofrimento psíquico, casamento, abstinência, virgindade, foram tocados.

O terceiro capítulo *O Complexo de Édipo na psicanálise freudiana* parte das discussões anteriores, principalmente do conceito de Complexo de Castração que introduz o conceito de Complexo de Édipo no menino e na menina, privilegiando a segunda noção. Para tanto, os textos utilizados compreenderam os períodos de 1923 a 1937. Desse modo, demonstraremos que a primeira vez em que a terminologia Complexo de Édipo foi utilizada na obra freudiana foi em um dos textos não técnicos, uma correspondência enviada a Fliess. Freud referenciou a uma literatura mítica para pensar sobre a própria experiência afetiva em relação aos seus genitores. Fazendo uso de uma referência literária e de dados biológicos ‘meninos têm pênis e meninas têm vagina’ que Freud desenvolveu o seu pensamento. Demonstraremos que apesar da percepção freudiana de que as expressões da sexualidade feminina sofrem maiores repressões do que em relação ao menino, nessa análise, Freud não conseguiu analisar o desenvolvimento do Édipo da menina como um fenômeno isolado, sem referenciar e estabelecer analogias a um outro, o masculino. Para tanto, retomando as críticas das filósofas do início desta introdução (BEAUVOIR, 1970; IRIGARAY, 2017; BUTLER, 2019), o Édipo feminino foi pensado e compreendido a partir do masculino, porém, diferente do que propôs essas filósofas essa constatação não reduz a questão que envolve o universo feminino, mas direciona

uma forma de olhar a questão que pelo próprio Freud foi dada como inacabada. Mostraremos que os termos sexualidade feminina e feminilidade aparecem na obra freudiana de modo direto em 1931 e 1933. Na primeira noção foi buscada compreender formas de expressão da sexualidade que seriam próprias a mulher, porém, ainda sim, será demonstrado que Freud permaneceu estabelecendo diálogo com a sexualidade masculina nessa compreensão. A noção de feminilidade será percebida que foi uma saída freudiana para pensar a sexualidade masculina e a sexualidade feminina, visto que, a feminilidade é uma posição individual, subjetiva, de ordem afetiva que o indivíduo estabelece em relação a si, e ao outro. Nesse capítulo utilizamos também outros autores além de Freud para compreender o conceito de feminilidade.

E, por fim, na conclusão, retomamos os percursos conceituais e as suas problemáticas realizados nessa tese, para enfim respondermos à pergunta: quais foram as contribuições da psicanálise freudiana acerca da sexualidade feminina, suas particulares formas de expressão e o desenvolvimento da feminilidade? Vamos à tese!

2 A SEXUALIDADE NO RECÔNCAVO DAS OBRAS FREUDIANAS

A centralidade com que a psicanálise freudiana tratou o conceito de sexualidade e legitimou-se enquanto teoria e método a partir desse conceito pode ser percebida nos inúmeros textos do autor sobre o tema. Mas, mesmo nos textos que não tratam diretamente desse tema, a sexualidade aparece como tema fundamental da Psicanálise de Freud. Comunicado em cartas ou textos considerados técnicos, não há um só escrito, em um volume da obra freudiana, que não trate do assunto, demonstrando a relevância do conceito de sexualidade nessa perspectiva. Apoiado nisso, este capítulo objetiva responder às perguntas: quais foram as contribuições da psicanálise freudiana acerca da sexualidade feminina suas particulares formas de expressão? E, a partir dessa noção qual seria o lugar da mulher na psicanálise freudiana? E para responder esses questionamentos, uma incursão nos textos freudianos que tratam sobre o tema sexualidade é fundamental, visto que a noção de sexualidade feminina parte dessa ideia.

A fim de delimitar esta pesquisa à pergunta proposta, não serão abordadas as construções e reconstruções conceituais de sexualidade em toda a obra freudiana, mas os momentos pertinentes para esta análise, ou seja, aqueles que tocam a compreensão de sexualidade humana mais especificamente sobre a sexualidade feminina. Então quais são esses momentos? Os escritos publicados que contemplam o termo sexualidade entre os períodos de 1886 a 1909 estão nos seguintes volumes das obras freudianas: *Volume I Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1888 a 1896, aproximadamente); *Volume III Primeiras publicações psicanalíticas* (1893 a 1899); *Volume VII Um caso de histeria e três ensaios sobre sexualidade* (1901 a 1906, aproximadamente); *Volume IX Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (1906⁴ a 1909, aproximadamente).

Antecipa-se que os textos contidos nos volumes eleitos neste capítulo foram selecionados a partir da chave de leitura sexualidade, pois se considera que: 1) esse conceito inaugura a psicanálise freudiana apresentando-se nos primeiros escritos do autor e, por isso, um rastreamento conceitual desses primeiros trabalhos é necessário para compreensão da evolução da polissemia do conceito; 2) ao longo dos textos freudianos, esse conceito sofreu muitas modificações que se sugerem influenciar na construção do conceito de sexualidade feminina; 3) o fato de o conceito de sexualidade humana estender-se a noção de sexualidade feminina. Salientamos que para essa análise conceitual nos apoiamos no *Dicionário de filosofia*, de Nicola

⁴ O último texto freudiano abordado nesse capítulo será *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna* (1908), pois se considera que até esse período não havia leitura freudiana clara sobre o conceito de Complexo de Édipo feminino.

Abbagnano (2007), que compreende a noção de conceito (gr. *Xóyoς*; lat. *Conceptus*; in. *Concept*; fr. *Concept*; ai. *Begriff*; it. *Conceito*) a partir de duas problemáticas: quanto à natureza e à função. Por natureza entendeu-se como qualidades, características intrínsecas ao objeto, que não se alteram pela mudança de horizonte, e por função a descrição dos objetos da experiência. Nesse sentido, seguimos para a nossa investigação, que visa compreender o conceito de sexualidade feminina e o desenvolvimento da feminilidade.

2.1 A SEXUALIDADE NAS CARTAS E RASCUNHOS FREUDIANOS

Sigmund Freud, o precursor da psicanálise, teve uma percepção aguçada dos impasses da cultura ocidental no que diz respeito à sexualidade, especialmente à sexualidade feminina.⁵ Influenciado pelos estudos de Charcot e sua experiência na Salpêtrière, Freud (1886) investigou o conceito de sexualidade a partir de seus estudos sobre a gênese da histeria. Do grego *Hysterikos*, que indicava suposto padecimento do útero, desde os primórdios da medicina o termo histeria foi vinculado às doenças do aparelho sexual feminino, porém, nos estudos freudianos não ficou reduzido a essas considerações. Quando investigando a histeria masculina⁶, Freud (1888) subverteu a ideia de padecimento exclusivo do feminino e, quando, para além da transmissão hereditária, atribuiu a causa dessa doença a fatores acidentais⁷, seu olhar sobre a histeria e sua constituição inaugurou uma forma peculiar de compreender esse adoecimento, onde a esfera da sexualidade se amalgama.

Em constantes rearranjos sobre a definição de histeria e outras formas de sofrimento humano, a que deu o nome de neurose (por exemplo: neurastenia, neurose obsessiva, melancolia), a ideia de sexualidade foi compreendida como fator indispensável para o entendimento das neuroses desde seus primeiros trabalhos. Em uma varredura conceitual de sexualidade na primeira⁸ obra freudiana, o termo foi encontrado em alguns escritos e a forma como foi mencionado pode ser compreendida como construções iniciais e complementares que serão retomadas em textos posteriores do autor. Dessa forma, intuindo pesquisar a hipótese de

⁵ A concepção freudiana de sexualidade feminina e seus desdobramentos no édipo feminino serão abordadas no próximo capítulo desta tese.

⁶ Freud (1888) apresentou o tema em uma reunião perante a Sociedade de Medicina (*Gesellschaft der Aerzte*).

⁷ “As causas acidentais de histeria, no entanto, são importantes na medida em que desencadeiam o início de ataques histéricos, de histerias agudas. [...]. No que diz respeito ao que frequentemente se considera como influência preponderante das anormalidades na esfera sexual sobre o desenvolvimento da histeria, deve-se dizer que, no mais das vezes, sua importância é superestimada. Em primeiro lugar, a histeria é encontrada em meninas e meninos sexualmente imaturos [...]. Entretanto, têm-se de admitir que as condições funcionalmente relacionadas à vida sexual desempenham importante papel na etiologia da histeria (assim como na de todas as neuroses), [...]” (FREUD, 1888, p. 35).

⁸ *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1899).

conceito de sexualidade feminina nos termos freudianos, neste capítulo serão percorridas as elaborações da perspectiva freudiana que referenciam o termo sexualidade para posteriormente identificar de que forma o conceito evolui e refere-se à sexualidade feminina (e se é que o faz).

O primeiro volume da obra freudiana supracitada, publicado em português, contempla escritos de 1886 a 1899. As referências ao termo sexualidade compareceram nas cartas e rascunhos⁹ dirigidos à Fliess e no texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895). Nesse sentido, buscando organizar a investigação nessa obra, primeiramente serão analisadas as cartas¹⁰, conseguinte os rascunhos e, posteriormente, o texto mencionado acima.

Foi na *Carta 18* (1894) que o termo sexualidade se apresentou nas investigações freudianas. Nessa correspondência, esse termo foi aludido à ideia de estabelecer alguns critérios para os tipos de neurose e, embora pareça inaugural, os autores Bocca e Monzani apresentam que a análise dessa concepção remonta à antiguidade clássica, “[...] basta examinar o *corpus* hipocrático, os trabalhos de Aristóteles no campo da biologia, a medicina da época helenística etc.” (BOCCA; MONZANI, 2015, p. 22). Não serão aprofundadas as pesquisas desse período, apenas são indicadas aqui para marcar que, embora o tema da sexualidade tenha se solidificado a partir do século 18 e inaugurado contribuído com o arcabouço conceitual da psicanálise freudiana, o assunto foi de interesse em outros períodos históricos. Dito isso, pergunta-se: então, o que haveria de inaugural na descoberta do tema da sexualidade freudiana?

Bocca e Monzani (2015) afirmam que anteriormente ao pensamento freudiano a sexualidade era concebida como fenômeno estritamente natural, ou seja, suas formas de manifestações nos animais e nos homens eram iguais e tinham objetivo único, a procriação, nas palavras dos autores: “A sexualidade aparece então como um instinto teleologicamente orientado para a procriação, ao qual os homens estão submetidos. Instinto que se manifesta num determinado momento da vida e que dura também um determinado tempo, [...]” (BOCCA; MONZANI, 2015, p. 23). Corroborando com os autores mencionados, Jorge (2007) acrescenta que, diferentemente dos autores da época, que ilustravam casos clínicos sem teorização ou sem conceito clínico sobre a sexualidade, a psicanálise freudiana abordou uma “teoria da sexualidade” que amplia a compreensão de sexualidade humana.

Para Bocca e Monzani (2015), a concepção de sexualidade pode ser diferenciada em “científica” e “psicanalítica”. O ponto de vista científico entende a sexualidade sob a ótica de

⁹ Segundo o pesquisador Bezerra: “As cartas que trocaram durante 17 anos (1887-1904) formam um conjunto inestimável de documentos da história da psicanálise, justamente por conterem não só o progresso das ideias, mas a história emocional das idas e vindas, das certezas fulgurantes, dúvidas e decepções que acompanharam na intimidade o desenvolvimento das fundações da psicanálise.” (BEZERRA, 2013, p. 28).

¹⁰ Segundo Iannini e Tavares (2018), estima-se que Freud trocou mais de 20 mil cartas ao longo de sua vida.

um fenômeno natural, que se manifesta em animais e homens da mesma forma. Nesse modelo, a sexualidade é uma força que se manifesta em determinada fase da vida (no homem, a puberdade), impondo uma atração de um sexo pelo outro, “[...] visando (1º) a união das partes genitais e (2º) tendo como resultado a procriação ou a aparição de um ser da mesma espécie” (BOCCA; MONZANI, 2015, p. 23). Conforme Bocca e Monzani (2015), a concepção psicanalítica de sexualidade não exclui o conhecimento biológico, logo, não entende esse conceito pela lógica da exclusão, visto que, diferentemente da concepção acima, indica a presença da sexualidade após o nascimento e por todo o período do desenvolvimento humano.

Complementando o pensamento dos autores Bocca, Monzani (2015) e Jorge (2007), o psicanalista Birman (1999) afirma que a psicanálise freudiana iniciou sua indagação sobre a sexualidade entre o final do século XIX e o fim dos anos 1930 com o tema da sexualidade feminina, a partir da escuta da histeria. E, por isso, acredita-se que se há originalidade na obra freudiana essa refere-se ao lugar conferido à sexualidade na constituição do indivíduo. Pensando dessa forma, Birman acrescenta:

O lugar conferido à sexualidade na constituição do sujeito é um dos traços marcantes do discurso psicanalítico. Quanto a isso, pode-se afirmar, sem pestanejar, que a psicanálise foi identificada com o sexual desde as suas origens. Dizia-se, então, até mesmo que ela era pansexualista. Vale dizer, a psicanálise veria sexualidade em tudo, mesmo naquilo que não tivesse aparentemente qualquer vestígio erótico. Freud se incomodava com essa denominação, não porque fizesse ouvidos de mercador para o lugar destacado que atribuiu ao sexual nas perturbações do espírito. Porém, acreditava que, como termo pansexual, se procurava desqualificar e amesquinhar uma das maiores descobertas realizadas pela psicanálise. Talvez Freud tivesse razão na sua inquietude, na medida em que se procurou banalizar e estreitar desta maneira o que a psicanálise trouxe de novidade na leitura sobre a sexualidade. Para o discurso freudiano, com efeito, a sexualidade não tem um sentido unívoco, mas uma multiplicidade de significados. O sexual seria marcado pela polissemia, não podendo, pois, enquanto palavra e conceito, ser reduzido a um campo restrito de referente. (BIRMAN, 1999, p. 17).

Nesse sentido, o conceito de sexualidade na obra freudiana circunscreve-se em outros conceitos nos trabalhos desse autor, principalmente, no que toca o Complexo de Édipo, que possui em seu âmago uma discussão sobre o sexual. Apoiado nessas considerações, evidencia-se também que na citação do psicanalista Birman (1999) os termos sexualidade e sexual não parecem sinônimos, mas correlatos. Dessa forma, deixa-se claro que nesta pesquisa de tese a investigação é sobre as definições e redefinições do termo sexualidade e, por isso, discussão sobre o termo sexual só será realizada em relação a esta proposta. Certamente não se trata de estabelecer dicotomia entre sexualidade e sexual, pois acredita-se que não seria possível, mas o de estabelecer um limite necessário nesta análise de tese.

Outro ponto a ser considerado antes de seguir com a *Carta 18* (1894), diz respeito à forma com que Freud (1894) iniciou sua correspondência sobre a neurose, ou seja, a partir do estabelecimento de alguns critérios e, portanto, de tentativa de classificação. Esse modo de leitura freudiana caracteriza a época em que a psicanálise atravessou, sobretudo como o conceito de sexualidade era concebido no campo médico. Bocca e Monzani (2015) esclarecem que o interesse no final do século 18 e início do 19 não era tanto a sexualidade normal, mas quanto à sexualidade patológica, nas palavras dos autores:

[...] e, através deste discurso que se constitui num entremeado de biologia, fisiologia, psicofisiologia, patologia mental e aparelhagem jurídica chegou-se a uma conceituação e catalogação minuciosa de todos os desvios e de todas as aberrações sexuais encontradas. [...]. Assim, no século 19 cristalizou-se um conceito de sexualidade com características e atributos específicos: existe alguma coisa denominada instinto sexual, que se manifesta no homem na puberdade, e que se caracteriza por uma atração de um sexo pelo seu oposto, e que leva os sujeitos a praticarem um conjunto de atos específicos que tendem à realização desse instinto, atos cuja finalidade é a procriação. Sexualidade era assim, normativamente, sinônimo de heterossexualidade procriadora. Paralelamente, ou concomitantemente, criou-se o campo da ausência e do negativo (ausência da sexualidade infantil e senil) e do desvio (o campo das aberrações, da patologia sexual). São as perversões do instinto sexual, sejam elas causadas por uma sexualidade anormal (histeria), ou por perturbações no comportamento sexual (desvio com relação ao objeto – fetichismo, bestialismo), ou com relação ao objetivo sexual (aquilo que se visa). (BOCCA; MONZANI, 2015, p. 23).

Corroborando com as considerações dos autores Bocca e Monzani (2015), o psicanalista Birman (1999) indica que à época em que a ciência se interessou pelo tema da sexualidade, o discurso reduzia-se ao biológico e a padrões comportamentais sexuais. O médico forense Krafft-Ebing (2017) contribuiu com o discurso à época, em *Psychopathia sexualis*, descreveu a neurose como patologia geral da seguinte forma:

Anomalia das funções sexuais são encontradas especialmente em raças civilizadas. Esse fato é explicado, por um lado, pelo abuso frequente dos órgãos sexuais e, por outro, pela circunstância de tais anomalias funcionais serem principalmente sinais de problemas hereditários no sistema nervoso central (“sinais de degeneração”). Dado que os órgãos generativos estão em importante relação funcional com todo o sistema nervoso, e especialmente com suas funções psíquicas e somáticas, é fácil compreender a frequência de neuroses e psicoses gerais que surgem em perturbações sexuais (funcionais ou orgânicas). (KRAFT-EBING, 2017, p. 40).

E nomeou de perversão as várias formas de manifestações sexuais que não tinham como finalidade a reprodução biológica, identificando o prazer à genitalidade. Claramente, os pressupostos da psicanálise freudiana dialogaram com os discursos desse autor, principalmente a relação entre sexualidade e neurose. Porém, ao mesmo tempo em que as ideias de Krafft-Ebing (2017) impulsionaram a psicanálise freudiana, dessa se distanciaram, quando ao invés de reduzir a sexualidade à reprodução, anunciou seu aspecto pulsional, como será visto adiante.

Retornando à *Carta 18* (1894), a referência freudiana ao termo sexualidade culminou na constatação de que algumas pessoas adquirem a neurose por perturbações na vida sexual (causas acidentais) e outras por perturbação em afetos sexuais de ordem hereditária (causas biológicas). Freud (1894) não conceituou o termo afeto sexual, porém indicou a presença de conflitos na sexualidade quando se pensa em neurose. Para esse autor, o aspecto conflitivo da sexualidade relaciona-se a algo da vida sexual do neurótico que será constantemente defendido pelo indivíduo, “[...] coincide com minha concepção de defesa [rechaço]; compreende os casos de neurose adquirida em pessoas que não são hereditariamente anormais. O que é rechaçado é sempre a sexualidade” (FREUD, 1894, p. 233). Isso confirma que nas pesquisas iniciais freudianas sobre a neurose os termos sexualidade e sexual ainda não possuem definições próprias, mas estão correlacionados, e por isso, certamente adiante, nesta tese, o assunto será discutido. Assim, desde o início, os textos freudianos anunciam que a sexualidade humana não se reduz a fins reprodutivos, subvertendo os pressupostos médicos de Krafft-Ebing (2017).

Após dois anos do referido material, Freud (1896) ainda se ocupava com o tema da neurose e ainda buscava formas de compreendê-la, articulando a esse assunto o intentado critério da hereditariedade – aspecto biológico – e o critério do conflito – aspecto psíquico –, ambos sinalizados anteriormente, nas palavras do autor:

As diferentes neuroses têm seus requisitos cronológicos particulares para suas cenas sexuais. Isto é, para a histeria, as cenas ocorrem no primeiro período da infância (até os 4 anos), no qual os resíduos mnêmicos não são traduzidos em imagens verbais. É indiferente se essas cenas [...] são despertadas durante o período posterior à segunda dentição (8 aos 10 anos) ou na fase da puberdade. O resultado é sempre a histeria, e sob a forma de conversão, pois a atuação conjunta da defesa e do excesso de sexualidade impede a tradução. Para as neuroses obsessivas, as cenas pertencem à Época *Ib*¹¹. [...]. Quanto à paranóia, as cenas respectivas situam-se no período posterior à segunda dentição [...]. Nesse caso, a defesa manifesta-se através da desconfiança. [...].¹² (FREUD, 1896, p. 277-278).

Então, na *Carta 46* (1896), em reflexão sobre a solução para a etiologia das neuroses, Freud (1896) articulou a constituição das neuroses (histeria, neurose obsessiva ou paranoia) a alguns elementos juntamente com a idade cronológica do indivíduo: os períodos de desenvolvimento do psiquismo e a experiência de uma cena de caráter sexual capaz de produzir no indivíduo uma tentativa de defesa (aspecto conflitivo). Desse modo, a histeria seria efeito de uma experiência – cena sexual – anterior aos 4 anos de idade; a neurose obsessiva uma

¹¹ Em referência à imagem (quadro esquemático) é até os oito anos de idade.

¹² Essa nota de rodapé da *Carta 46* (1896) escrita pelos editores da Imago contém a seguinte informação: “[...] a expressão ‘cena sexual’ é precursora de ‘cena primária’, expressão que viria a ser empregada em anos posteriores”. (FREUD, 1896, p. 277).

experiência – cena sexual – vivenciada até os 8 anos; e a paranoia a experiência de uma – cena sexual – vivenciada após os 14 anos.

Freud (1896) não definiu objetivamente o conceito de cena sexual, mas atribuiu a essa ideia a característica de intraduzível¹³ – o impedimento de uma tradução ou o intraduzível diz respeito ao excesso de sexualidade defendida pelo indivíduo, tese já defendida por ele na correspondência de 1894, *Carta 18*. Dessa forma, o autor (1896) marca a sexualidade humana como uma experiência de transbordamento e une a essa ideia à defesa como produtora de recalcamiento. Essa afirmação freudiana demonstra acréscimo conceitual, a ideia de recalcamiento ao conceito de sexualidade, mostrando que o assunto pesquisado está distante de ser unidirecional. A noção de recalcamiento será mencionada na próxima correspondência, *Carta 52* (1896).

Seguindo os passos freudianos e adentrando em algumas explicações sobre as neuroses a fim de marcar pontos de convergências com a nossa investigação sobre a sexualidade, temos que para o surgimento da neurose o fator decisivo é o período em que ocorreu um evento intraduzível. “A natureza da cena tem importância na medida em que ela seja capaz de dar origem à defesa” (FREUD, 1896, p. 278). Isso demonstra que a experiência “cena sexual” está ligada ao termo “excesso de sexualidade”, porém não nos responde: o que pode ser compreendido como sexual nessas cenas? Visto que, na psicanálise freudiana, a sexualidade não se reduz à biologia, e o sexual ainda não se apresentou enquanto conceito.

Além de correlacionado a sexual, recalcamiento, nessa correspondência de 1896 o conceito de sexualidade também atravessa a ideia de *ataques de angústia* quando o autor busca compreender a paranoia. Salientamos que o conceito de angústia também é caro à psicanálise freudiana e, por isso, não trabalharemos nesta tese com esse conceito e sequer suas mutações e discussões, por ora, cabe-nos identificar que, conforme Hanns:

Angst significa medo. Geralmente indica um sentimento de grande inquietude perante a ameaça real ou imaginária de dano. Refere-se tanto a ameaças específicas [...] como inespecíficas [...]. [...]; a *Angst* pode ser mais visceral e imediata, refere-se a um medo e indica reação intensa perante ameaça [...]. (HANNS, 1996, p. 62-63).

Então, de modo puramente especulativo, na citação “O excesso de sexualidade preenche as condições para que haja *ataques de angústia* durante a vida adulta” (FREUD, 1896, p. 279), os termos ataques de angústia foram utilizados para corroborar com a premissa freudiana

¹³ Segundo o psicanalista Laplanche (2016), apenas o que é dito pode ser traduzido. Nesse sentido, compreendemos que pelo método freudiano o analista ocuparia um lugar de escutador e tradutor, na medida em que convoca a fala de seu paciente e o conduz a um sentido, *a posteriori*, de sua experiência, e que nesse momento de construções sobre a etiologia da neurose, a sexualidade imbrica-se.

de que o indivíduo neurótico se defende da sexualidade, que em sua dimensão inespecífica pode vir a ser provocadora de medo.

Na *Carta 52*¹⁴ (1896), Freud manteve o estilo médico de categorizar suas análises conceituais, para tanto, nessa correspondência o tema de interesse foi o funcionamento do mecanismo psíquico nas psiconeuroses. Freud (1896) não conceituou psiquismo, apenas indicou-o como sobreposição de camadas, que carrega os traços mnêmicos inscritos e reescritos em cada experiência humana. Para o autor, de acordo com a experiência, algumas inscrições mnêmicas serão apreendidas pelo indivíduo de maneira mais fácil que outras, desse modo, quando a experiência apresenta dificuldades de apreensão pelo indivíduo é por que ocorreu uma falha perturbadora, “[...] a falha da tradução [*die Versagung der Übersetzung*], [...] se chama “recalcamento”¹⁵ (FREUD, 2020, p. 37). Enquanto defesa patológica, o recalcamento é de natureza sexual e intraduzível, por isso, as experiências individuais de difícil apreensão carregam essa condição em seu substrato.

Seguindo a consideração freudiana acima temos que a experiência perturbadora e intraduzível, lançada na *Carta 46* (1896), chama-se recalcamento e o motivo de seu aparecimento “[...] é sempre a produção de desprazer que seria gerada por uma tradução; [...]” (FREUD, 1896, p. 283) ficando-nos claro que em uma experiência indizível há produção de desprazer inconsciente ou à revelia do indivíduo. Para tanto, o que na *Carta 46* (1896) foi chamado de experiência com excesso de sexualidade, na *Carta 52* (1896) chama-se desprazer¹⁶, renunciando o aspecto econômico do psiquismo e, portanto, metapsicológico da psicanálise freudiana. Segundo Laplanche e Pontalis (2001) metapsicologia foi um termo cunhado por Freud para abordar a dimensão teórica de sua psicanálise e considera três pontos como relevantes: o aspecto dinâmico, tópico e econômico. A ideia de desprazer vem a corroborar com essa premissa freudiana.

¹⁴ A referência bibliográfica faz parte de um composto atual de publicações das Obras Incompletas de Sigmund Freud. FREUD, S. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

¹⁵ Conforme o *Vocabulário da psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (2001), o recalque ou recalcamento é uma operação psíquica em que o indivíduo busca manter no inconsciente representações de ordem pulsionais que podem vir a causar desprazer em seu reconhecimento. Laplanche e Pontalis (2001) também apontam que a obra freudiana possui evoluções conceituais importantes, sendo recalque ou recalcamento outro exemplo desse movimento. Os autores também nos lembram que é possível encontrarmos os termos ‘recalque’ e ‘defesa’ nos mesmos textos freudianos, porém, devemos estar advertidos em não os usar como simples equivalência, devendo-nos atentar a outros conjuntos da obra, por exemplo, o momento em que ela foi concebida.

¹⁶ Importante destacarmos que nessa carta freudiana foi considerada a polaridade prazer/desprazer, uma vez que, conforme o autor, não são todas as experiências sexuais que produzem desprazer. Em sua maioria, as experiências sexuais produzem prazer.

Na correspondência *Carta 52* (1896), Freud também complementou o esquema iniciado na *Carta 46*¹⁷ (1896) sobre as fases do desenvolvimento psíquico e os períodos sexuais na constituição da histeria, neurose obsessiva e paranoia. Mas com um avanço, indicou que a consequência de experiências sexuais precoces é a perversão, pois que nesse período do desenvolvimento humano a defesa psíquica não estaria completamente formada. Para caminhar com essa afirmação, Freud (1896) seguiu seus dados clínicos e serviu-se da ideia de bissexualidade em todos os seres humanos (homens e mulheres), nas palavras do autor:

Para decidir entre perversão ou neurose, sirvo-me da bissexualidade de todos os seres humanos. Num ser puramente masculino haveria, também nas duas barreiras sexuais, um excesso de liberação masculina, portanto, produção de prazer e, em consequência, perversão; no puramente feminino, um excesso de substância desprazerosa nessas ocasiões. Nas primeiras fases, ambas as liberações seriam paralelas, isto é, produziriam um excesso normal de prazer. Daí é possível explicar a preferência das mulheres genuínas pelas neuroses de defesa. (FREUD, 1896, p. 41).

Desse modo, entendendo a bissexualidade como características quantitativas masculinas e femininas, Freud (1896) apontou que na característica masculina há excesso de liberação de prazer e, por efeito a perversão, e na característica feminina há excesso de produção de desprazer e isso explicaria a tentativa de defesa do prazer pelas mulheres. Para o autor, a histeria seria considerada neurose de defesa por excelência. Nesse ponto, é importante questionarmos se as polaridades masculino e feminino dizem respeito aos sexos homem e mulher, pois que, como alguns outros apontamentos, a afirmação freudiana não é objetiva, voltaremos nesse ponto adiante. Todavia, a percepção de que faz parte do feminino uma tensão psíquica maior que no homem sugere-nos pensar nas mulheres, visto que a construção da psicanálise freudiana inaugurou uma escuta diferenciada a esses indivíduos que chegavam ao consultório freudiano e relatavam sofrimento e insatisfações em várias passagens de suas vidas, principalmente nos relacionamentos amorosos. Nessas escutas, a presença da enorme repressão social vivenciada por essas mulheres também foi pensada como um dos fatores causais da histeria. O aspecto social sobre a sexualidade humana será abordado no próximo capítulo.

Para refletirmos um pouco mais sobre a ideia freudiana de bissexualidade temos o psicanalista Jorge (2007), que nos indica que esse conceito é o prenúncio da ideia de pulsão. Acrescentando à ideia do autor acima, a pesquisadora Carneiro (2017) aponta que a noção de bissexualidade precisa ser pensada sob o ponto de vista constitucional e, por fazer parte da constituição psíquica, é a base da concepção de Complexo de Édipo. Longe de pressuposições excludentes, essas infinitesimais introduções dos autores Jorge (2007) e Carneiro (2017)

¹⁷ Na *Carta 46* (1896) foram esquematizadas a histeria, a neurose obsessiva ou paranoia.

demonstram que assim como o conceito de sexualidade, o de bissexualidade também foi construído em uma polissemia conceitual, na medida em que a ideia de bissexualidade se liga a outras ideias freudianas, como por exemplo o Complexo de Édipo, a sexualidade, características de homem e de mulher. Desse modo, objetivando não cometermos erros de timoneiros, abordaremos a ideia de bissexualidade em articulação com a nosso objetivo inicial, percorrer as construções freudianas sobre a sexualidade nas cartas e rascunhos do autor.

Nesse sentido, avançando nada além do necessário, para ambos os autores, Jorge (2007) e Carneiro (2017), o tema da bissexualidade na psicanálise freudiana partiu da influência dos trabalhos sobre a clínica médica e a biologia geral do médico otorrinolaringologista e amigo Wilhelm Fliess. Segundo Jorge (2007) e Carneiro (2017), Fliess atribuía à bissexualidade um caráter biológico universal, conquanto para Freud, o fator psíquico mostrava-se indispensável. Nas palavras do psicanalista Jorge:

Dois aspectos são relevantes na questão da bissexualidade, tal como pode ser depreendida dessa correspondência, e ambos estão intimamente relacionados. O primeiro reside no fato de que, se para Freud a bissexualidade importa enquanto fatos psicológicos decorrentes de uma “universalidade da predisposição bissexual”, para Fliess acha-se em jogo a ideia da “bissexualidade persistente e inevitável de todos os seres vivos” (e não apenas de uma predisposição à bissexualidade), pois Fliess considera a bissexualidade sob o plano da biologia geral. O segundo diz respeito à relação estabelecida por Freud entre o recalque e a predisposição bissexual como base para a explicação da homossexualidade, ou como, se a denominava na época, inversão sexual. (JORGE, 2007, p. 32).

Conforme a citação acima, claramente Freud e Fliess demonstraram posições antagônicas no modo de compreensão do conceito de bissexualidade, sendo importante sinalizarmos, com os estudos de Carneiro (2017), que ao mesmo tempo que esse assunto se estendeu por 17 anos de longos diálogos (de 1887 a 1904), também foi ponto de ruptura entre esses médicos, “Se a teoria da bissexualidade foi o vetor de uma união cada vez mais forte entre Freud e Fliess, promovendo rica correspondência e debates, de 1887 a 1904, foi também o pivô da ruptura da amizade” (CARNEIRO, 2017, p. 19). Corroborando com a autora supracitada, Laplanche (2001) aponta que a teoria da bissexualidade de Fliess parte de um pressuposto da embriologia em que todo indivíduo macho ou fêmea possui marcas genitais do sexo oposto que, ao longo da maturação, orienta-se monossexual e conserva traços do sexo atrofiado. Porém, o inquieto Freud, em suas investigações clínicas, logo começou a perceber que os limites entre macho e fêmea são obscuros e tampouco se reduzem à uma disposição unicamente biológica.

Evitando as entrelinhas desse relacionamento e seguindo as reflexões de Jorge (2007), Carneiro (2017) e Laplanche (2001), apontamos que o entorno do tema da bissexualidade no texto freudiano estava as escolhas objetais afetivas, posto que esse conceito decorre de uma

tentativa de explicar as escolhas individuais pelo mesmo sexo e, nesse sentido, concordamos com Carneiro (2017), que essa ideia se relaciona ao conceito de Complexo de Édipo, que será tratado adiante. Antecipamos que nesse momento do percurso freudiano a questão conceitual de bissexualidade – relacionar-se com o sexo masculino ou feminino – não será respondida, quiçá será feita ao final da obra desse autor e, no que tange a esta tese, somente será abordada em relação a nossa investigação. Mas, apesar desses pontos obscuros, o assunto da bissexualidade evidencia que a originalidade da obra freudiana está em constante movimento (MONZANI, 2014) e, também, algumas paradas, por que não?

Desse modo, entendendo que assim como a compreensão de sexualidade, o termo bissexualidade também se relaciona à constituição psíquica, retornamos à carta freudiana a fim de seguirmos com a nossa pesquisa de tese. Voltando às ideias lançadas na *Carta 52* (1896), Freud seguiu discorrendo sobre a perversão como consequência de experiências sexuais precoces e a constituição da sexualidade da mulher histérica afirmando que: “[...], a histeria não é sexualidade repudiada, mas, antes, *perversão repudiada*”¹⁸ (FREUD, 1896, p. 287). O autor defende essa ideia apontando que a mulher histérica durante a infância sente prazer nas muitas diferentes partes do corpo ou *zonas erógenas*¹⁹, porém, em época posterior, essas zonas são impedidas pela cultura, nas palavras do autor:

Ademais, por trás disso está a ideia das *zonas erógenas* abandonadas. Isto é, parece que, durante a infância, seria possível obter a liberação sexual a partir de muitas das diferentes partes do corpo, as quais, em época posterior, só são capazes de liberar substâncias dos 28 [dias], e não outras. Nessa diferenciação e limitação [estaria, pois,] o progresso na cultura e na moral, assim como no desenvolvimento individual. (FREUD, 1896, p. 287).

Chama-nos atenção a citação acima pois que para indicar a histeria na mulher o autor fez referência ao campo biológico, ou seja, ao ciclo menstrual, um determinante biológico da mulher, e também, ao campo social, sendo esse último compreendido como fator repressor à expressão da sexualidade histérica. Antecipamos que a tese freudiana de que a organização social é provocadora de neurose também é marca conceitual da psicanálise, principalmente quando o autor se aventurou nas suas investigações sociológicas sobre a sexualidade feminina. Veremos esses atravessamentos no subcapítulo intitulado *O sexual feminino no social*, posto que, mesmo indicado, nenhum percurso nesse sentido foi realizado nessa carta. Assim, sem delongas, e de maneira sutil, na citação acima, Freud (1896) assinalou que havia uma

¹⁸ Essa afirmação freudiana será retomada e discutida adiante, quando trabalharmos com o texto *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905).

¹⁹ Segundo a nota de rodapé desse escrito, “Aparentemente, esta é a primeira vez em que surge esse conceito.” Freud tornou-o público em seu *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

problemática social sobre a experiência da sexualidade feminina, sobretudo em sua manifestação. E perguntamos: que problemática seria essa? O subcapítulo indicado é dedicado a responder essa questão, por ora adiantamos que entre as discussões freudianas sobre o social e sobre a sexualidade feminina temos a ideia de defesa psíquica, um mecanismo inconsciente influenciado pela cultura ao qual o indivíduo inconscientemente rechaça conteúdos subjetivos prazerosos que causam desprazer quando conscientes.

Salientamos que até aqui, com as correspondências trabalhadas, percebemos um estilo nas comunicações das cartas trocadas entre Freud e Fliess, o psicanalista indicado frequentemente lança hipóteses conceituais, mas não as define. Um exemplo é a referência da moral e da cultura sobre a sexualidade feminina, no parágrafo acima, mas nenhuma explicação detalhada a respeito é dada. Desse modo, consideramos que apesar de parecerem indicações especulativas, essas cartas e rascunhos freudianos, para nós, têm o valor de prenúncios, indicações, que não carregam em si muitas explicações, mas apresentam os desenvolvimentos conceituais, por isso, caminhar nesse momento da tese com esses textos tem o objetivo de traçar as roupagens e as polissemias que fazem parte do percurso do conceito de sexualidade freudiana, seus efeitos na sexualidade feminina e seus desdobramentos no Édipo feminino posteriormente.

Após um ano da *Carta 52* (1896), Freud escreveu a *Carta 75* (1897), na qual abordou a participação das zonas sexuais na constituição da sexualidade. Nesse escrito, Freud (1897) também não conceituou zona sexual, todavia, a forma com que referenciou as três zonas sexuais (regiões da boca, do ânus e da garganta) viabilizou compreendermos zonas sexuais como partes destacadas do corpo, que são excitadas ao longo do desenvolvimento da sexualidade, nas palavras do autor:

Ora, as zonas que não produzem mais uma liberação da sexualidade nos seres humanos normais e maduros certamente são as regiões da boca, do ânus e da garganta. Isto pode ser compreendido de duas maneiras: primeiro, a aparência e a ideia dessas zonas não mais produzem um efeito excitante e, segundo, as sensações internas originárias dessas zonas não proporcionam qualquer contribuição à libido, de modo como fazem os órgãos sexuais propriamente ditos. Nos animais, essas zonas sexuais continuam em vigor, sob ambos aspectos; quando isso persiste também nos seres humanos, o resultado é a perversão. (FREUD, 1897, p. 319).

Destacamos que essa proposta conceitual acima de zona sexual nos fez questionar: se o termo zona sexual será substituído pela terminologia zona erógena em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905)? Ou são conceitos freudianos diferentes? Refletiremos sobre esse questionamento quando percorrermos o escrito do ano de 1905 mencionado, todavia, adiantamos que não intuimos seguir as construções conceituais desse termo.

Segundo Freud (1897), na *Carta 75*, diferentemente dos animais, que possuem as mesmas zonas sexuais excitadas ao longo da vida, no ser humano, durante o seu desenvolvimento, as zonas sexuais sobressaiam-se conforme o amadurecimento do indivíduo, nas palavras do autor:

Devemos supor que, na infância, a liberação da sexualidade ainda não é tão localizada como o é posteriormente, de modo que as zonas (e talvez também toda a superfície do corpo), que depois são abandonadas, também provocam algo análogo à liberação posterior da sexualidade. A extinção dessas zonas sexuais teria uma contrapartida na atrofia de determinados órgãos internos no decurso da evolução. Uma liberação da sexualidade – como você sabe, tenho em mente uma espécie de secreção que é propriamente sentida como o estado interno da libido – ocorre, então, não apenas (1) mediante estímulo periférico sobre órgãos sexuais, ou (2) mediante as excitações internas que surgem desses órgãos, mas também (3) a partir de ideias – isto é, a partir de trações de memória – portanto, também por via de uma ação postergada. (FREUD, 1897, p. 319-320).

Conforme a citação acima, Freud (1897) uniu a ideia de zonas sexuais destacadas ao termo liberação da sexualidade. De ordem biológica, a liberação da sexualidade foi relacionada a um aspecto fluídico que estimula órgãos sexuais periféricos e realiza excitações internas desses órgãos. De ordem anímica, relacionou-a a traços de memórias potencialmente capazes de liberar essa sexualidade. Realçamos que novamente o termo sexualidade não foi conceituado nessa reflexão freudiana, no entanto, foi-lhe atribuída uma qualidade, a possibilidade de caminhar pelo corpo humano e ativar lembranças supostamente esquecidas ou recalçadas. Então, ao que nos parece, a sexualidade seria a presença de uma marca biológica, da carne, igualmente anímica. Perguntamos: será que essa marca é passível de tradução, sentido? Seria de sentido singular ou plural? Certamente, essas inquietações presentes nos textos freudianos nos impulsionam a seguir com a nossa investigação.

Acrescentamos também que nessa correspondência acima, Freud (1897) investigou a ideia de recalçamento. Primeiro, entendeu-a como a tentativa do indivíduo de afastar do órgão sensorial, da pré-consciência e da consciência lembranças atualizadas que provocam dissabor e, posteriormente, questionou se haveria recalçamento normal. Em suas considerações, respondeu dizendo que se trata de algo atravessado pela angústia e animicamente relacionado à rejeição:

[...] ou seja, a base afetiva para um sem número de processos intelectuais de desenvolvimento, tais como a moralidade, a vergonha, etc. Assim, tudo isso surge à custa da sexualidade (potencial) extinta. Disso podemos inferir que, com as ondas sucessivas do desenvolvimento de uma criança, está é sobrecarregada de respeito, vergonha, essas coisas, e vemos como a não ocorrência dessa extinção das zonas sexuais pode produzir a insanidade moral como uma inibição do desenvolvimento. Essas ondas sucessivas do desenvolvimento provavelmente possuem um ordenamento cronológico diferente nos sexos masculino e feminino. (A repugnância surge mais

cedo nas meninas do que nos meninos). Contudo, a principal diferença entre os sexos emerge na época da puberdade, quando as meninas são acometidas por uma repugnância *sexual* não – erótica, e os meninos, pela libido. Pois, nesse período extingue-se nas adolescentes (total ou parcialmente) mais uma zona sexual, que persiste nos adolescentes masculinos. Estou - me referindo à zona genital masculina, a região do clitóris, na qual durante a infância, tanto nas meninas como nos meninos, mostra-se concentrada a sensibilidade sexual. Daí a torrente de vergonha que avassala a adolescente nesse período, até ser despertada a nova zona, a zona vaginal, seja espontaneamente, seja por ação reflexa. Daí também resultam, talvez, a anestesia nas mulheres, o papel desempenhado pela masturbação nas crianças predispostas à histeria e a interrupção, no caso de resultar a histeria. (FREUD, 1897, p. 320-321).

Dessa forma, a partir das considerações freudianas, compreendemos que faz parte do desenvolvimento da sexualidade uma quota de recalçamento. Essa afirmação freudiana foi reafirmada em todas as cartas elucidadas até agora, claro, que a palavra utilizada no início não foi essa (era a palavra conflito), mas o sentido sugere que se tratou de recalçamento. Também na correspondência mencionada, Freud (1897) afirmou que há diferença no desenvolvimento sexual em meninas e meninos, corroborando com a nossa investigação de compreender quais as diferenças dos desdobramentos da sexualidade feminina, principalmente no Complexo de Édipo. Porém, conforme a própria citação aponta, a menina possui etapas mais complexas em seu desenvolvimento sexual do que os meninos, e devido à forma como o rechaço social inscreve sobre o sexual, a menina estaria mais propensa a desenvolver a neurose histérica. Veremos que as teses freudianas de que: a sexualidade da menina é mais complexa do que em relação ao menino, que a histeria é um modo de neurose de maior incidência na mulher, e de que a mulher sofre por uma suposta incompletude sexual serão mantidas até o final desta pesquisa de tese.

Na *Carta 102*, Freud (1899) utilizou o termo sexualidade apenas uma vez, contando três casos de pacientes que não serão mencionados nessa tese. De todo modo, devemos indicar que Freud (1899) utilizou o termo supracitado apenas no primeiro caso para afirmar que a sexualidade pode ser atribuída a uma função de reconhecimento, ou seja, toda manifestação corpórea da sexualidade possui representação psíquica, que tem como função ser reconhecida pelo indivíduo, desse modo, no pensamento freudiano, manteve-se a ideia de que a sexualidade possui dimensões biológica e anímica que, pelo método psicanalítico, poderiam ser acessadas pelo psicanalista.

A última correspondência freudiana em que compareceu o termo sexualidade foi a *Carta 125* (1899). Nesse texto Freud (1899) contou a Fliess que vislumbrou ideias novas para seu questionamento sobre:

Tenho diante de mim o problema da “escolha da neurose”. Quando é que uma pessoa se torna histérica em vez de paranóica? Uma primeira tentativa rudimentar, feita na

época em que eu tentava, à força, tomar de assalto a cidadela, deu-me a impressão de que essa escolha dependia da idade em que ocorreram os traumas sexuais – da idade que a pessoa tinha na época da experiência. [Cf. pág. 275 e segs.] Abandonei há muito tempo esse ponto de vista, e fiquei sem meio de solucionar a questão até há poucos dias, quando comecei a compreender um elo da teoria sexualidade. (FREUD, 1899, p. 331).

Nessa reflexão freudiana não poderíamos subverter o problema da “[...] escolha da neurose” (FREUD, 1899, p. 331) para a escolha do sexual? Já que a neurose não se relaciona à idade com que o indivíduo experienciou um trauma sexual, mas à constituição da sexualidade em dimensões autoerótica e aloerótica (homoerotismo ou heteroerotismo), ou seja, relaciona-se ao modo como, durante o desenvolvimento psicosexual, o indivíduo satisfaz-se com o próprio corpo e a forma com que dirigiu seu interesse libidinal para o mundo externo. Lembramos que essa correspondência de 1899 adianta discussões realizadas em 1905, principalmente, ao introduzir a ideia de constituição sexual.

As cinco correspondências freudianas mencionadas possuem reflexões que serão retomadas nos rascunhos abaixo, posto que os textos eleitos neste primeiro subcapítulo *A sexualidade nas cartas e rascunhos freudianos* não foram organizados considerando a cronologia dos escritos, mas o modelo de documento da comunicação, cartas e rascunhos. Desse modo, visando delinear algumas considerações sobre as cartas freudianas, realçamos que não foi encontrada, nesses documentos, definição sintética e unívoca de sexualidade, ao contrário, percebemos que esse conceito percorreu as cartas freudianas em constantes diálogos com outras noções (recalcamento, funcionamento psíquico, entre outras), demonstrando que o conceito de sexualidade só pode ser compreendido a partir de uma esfera conceitual polissêmica.

Outra consideração relevante diz respeito ao modo como a ideia de sexualidade aparece na obra freudiana, ou seja, a partir da investigação da neurose. Portanto, respondendo a nossa pergunta: haveria a possibilidade de pensar a sexualidade, nos termos freudianos, sem referi-la a uma dimensão neurótica do indivíduo? Não é possível. No pensamento freudiano toda neurose emerge a partir de uma defesa da sexualidade, ou seja, onde há um corpo inflamado de sensações de difíceis traduções o efeito é a neurose. E, ainda sobre a sexualidade e a neurose, a última carta freudiana abordou dois pontos importantes para esta tese que serão retomados adiante: a sexualidade enquanto fator preponderante da constituição psíquica, logo, presente na infância, e as formas de experienciá-la (autoerótica e aloerótica), prenúncios do escrito de 1905. Em suma, como evidenciamos, as cartas freudianas possuem indicações conceituais que poderão ser retomadas adiante e, por isso, acreditamos que alguns termos ficaram por ora à deriva.

O fato de alguns textos freudianos terem deixado termos sem explicação, como: a *Carta 18* (1894), em que Freud não conceituou o termo afeto sexual, a *Carta 46* (1896), em que trouxe o termo de cena sexual e não o conceituou, e também não explicou o conceito de psiquismo na *Carta 52* (1896) pode ser entendido a partir da uma contribuição do pesquisador Fulgêncio (2003), que afirmou que o criador da psicanálise concebeu sua ciência sob dois pontos de vista: um empírico e outro especulativo. Enquanto a ciência empírica diz respeito a um conjunto de teorias que se relaciona a fatos clínicos/observáveis, e isso relaciona-se às influências da profissão médica, que retratavam sua experiência clínica, a especulativa corresponde a um conjunto de ideias sem empirismo. Na percepção de Fulgêncio (2003), muitos são os conceitos freudianos que foram construídos sob essas perspectivas e nesta tese não temos a intenção de percorrê-los, apenas de reconhecê-los e indicá-los conforme fizemos até o momento.

Seguindo nossa proposta de análise dos textos freudianos que tratam o conceito de sexualidade para posteriormente compreendermos o modo como esse conceito toca a sexualidade feminina no Complexo de Édipo, continuaremos com os textos titulados de rascunhos. Então, buscando entender a origem das neuroses em uma perspectiva fisiológica, Freud escreveu o *Rascunho D: Sobre a etiologia e a teoria das principais neuroses* (1894). Em forma de categorização, Freud (1894) dividiu esse texto em: I) Classificação; e II) Teoria. O ponto II foi dividido em cinco subtítulos. O subtítulo que aborda a sexualidade foi nomeado de *G: Paralelo entre as neuroses da sexualidade e a fome*, todavia, não foi desenvolvida contribuição freudiana para esse subtítulo, sugerindo que esse escrito permaneceu inacabado. Relevante apontarmos que o rascunho supracitado foi escrito no mesmo ano da *Carta 18* (1894) – material que introduziu este capítulo – e, por isso, o conteúdo possui semelhanças de estilo de apresentação, por exemplo, a exposição em categorização da neurose. Outro ponto de realce foi a tentativa freudiana de aproximação de sexualidade e fome, que retoma o início das discussões da construção da psicanálise e suas divergências, principalmente, no que toca a compreensão de que a sexualidade e a fome seriam necessidades naturais com objetivos definidos, a perpetuação da espécie e a sobrevivência. Prenunciamos que essa problemática introduziu uma das publicações do texto de 1905, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

No *Rascunho E: Como se origina a angústia*, Freud (1894) ocupou-se com a angústia de seus pacientes neuróticos, principalmente daqueles em que a angústia se relacionou a uma causa sexual. Desse modo, expôs sete casos, a saber: a) a angústia em pessoas que não iniciaram a vida sexual de forma genital (“virgens”); b) a angústia em pessoas que se tornaram voluntariamente abstinentes, “*Angústia das pessoas excessivamente pudicas*. Nesse caso, o que existe é a defesa – uma completa rejeição psíquica que impossibilita qualquer transformação da

tensão sexual” (FREUD, 1894, p. 239); c) a angústia em pessoas obrigatoriamente abstinentes, “É essencialmente e a mesma, pois a maioria das mulheres desse tipo cria uma rejeição psíquica destinada a evitar a tentação. Nesse caso, a rejeição é uma contingência; [...]” (FREUD, 1894, p. 239); d) a angústia de mulheres que praticam o coito interrompido; e) a angústia de homens que praticam o coito interrompido; f) a angústia de homens que são confrontados com a própria satisfação; g) a angústia de pessoas que se abstém do prazer sexual esporadicamente.

Em todos os casos mencionados foi percebido um ponto comum e introduzido o conceito de tensão sexual para pensá-los. O ponto de união destacado foi a ideia de abstinência, que tem por efeito o acúmulo de tensão sexual física e a angústia, que aparece quando visa transformar essa tensão sexual acumulada. Freud (1894) conceituou tensão sexual em um diálogo com a ideia de tensão endógena:

Aqui podemos supor que a tensão endógena cresce contínua ou descontinuamente, mas, de qualquer modo, só é percebida quando atinge um determinado limiar. É somente acima desse limiar que a tensão passa a ter significação psíquica, que entra em contacto com determinados grupos de ideias que, com isso, passam a buscar soluções. Assim, a tensão sexual física acima de certo nível desperta a libido²⁰ psíquica, que então induz ao coito etc. Quando a reação específica deixa de se realizar, a tensão físico-psíquica (o afeto sexual) aumenta desmedidamente. (FREUD, 1894, p. 238).

De dimensões física e psíquica, Freud (1894) indicou que a angústia de seus pacientes neuróticos se relacionava ao modo como a sexualidade foi constituída e experienciada. Chegando à constatação (nesse momento) de que a angústia de seus pacientes comparece na medida em que resistem ou abstém de satisfação na vivência da sexualidade, em suas palavras:

[...] Nos casos em que há um considerável desenvolvimento da tensão sexual física, mas esta não pode ser convertida em afeto pela transformação psíquica – por causa do desenvolvimento insuficiente da sexualidade psíquica, ou por causa da tentativa de suprimi-la (defesa), ou por causa do declínio da mesma, ou por causa do alheamento habitual entre sexualidade física e psíquica –, a tensão sexual se transforma em angústia. Assim, nisso desempenha um papel a acumulação de tensão física e a evitação da descarga no sentido psíquico. (FREUD, 1894, p. 240).

Para tanto, no *Rascunho E: Como se origina a angústia*, Freud (1894) tratou as possibilidades da origem da angústia como algo do físico que não pode ser transformado no psíquico por causa do desenvolvimento insuficiente da sexualidade psíquica, que nos parece uma condição nesse texto, e demais fatores que não possuem o mesmo destaque que a

²⁰ De acordo com Laplanche e Pontalis (2008), a libido foi caracterizada enquanto fundamento das transformações da pulsão sexual (quanto ao objeto, meta e fonte). Destacamos que esse conceito será contemplado em nossa investigação apenas quando atravessar nossa análise sobre a hipótese de sexualidade ampliada e seu efeito no conceito de Complexo de Édipo feminino, bem como, “É difícil apresentar uma definição satisfatória da libido. Não apenas a teoria da libido evoluiu com as diferentes etapas da teoria das pulsões, como o próprio conceito está longe de ter recebido uma definição unívoca [...]”. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p. 265-266).

sexualidade. Essa discussão freudiana inicial, que traz aspectos do biológico e os une à compreensão de psiquismo, é marca conceitual histórica dessa perspectiva. O pesquisador Fulgêncio (2003) confirma nossa afirmação ao nos lembrar de que na época em que psicanálise freudiana foi desenvolvida o autor em questão sofreu a influência de duas correntes de pensamento, uma relacionada à perspectiva mecânica ou localizacionista, à qual aderiram Charcot, Janet e mesmo Breuer, e outra à dinâmica, que acredita em interação de forças conflitivas à qual as explicações conceituais são compreendidas. Essa segunda linha de pensamento foi aderida pelo filósofo alemão Fechner, pelo médico alemão Helmholtz e o pelo psiquiatra e psicólogo alemão Brücke.

Retornando ao texto *Rascunho E: Como se origina a angústia* (1894), percebemos outras duas problemáticas, que é a de citar o tema da sexualidade como algo também do psíquico, a qual pode ser desenvolvida de forma suficiente ou insuficiente, nos fazendo questionar quais seriam as condições necessárias para um indivíduo desenvolvê-la suficientemente? E esse progresso é possível? E que ao pensar sobre a angústia em pessoas obrigatoriamente abstinentes Freud (1894) utilizou apenas a mulher como referência para a questão, propondo que são com maior frequência as mulheres que desenvolvem rejeição para a vida sexual, perguntamos: será? No momento temos duas hipóteses que podem responder inicialmente as questões acima que são: a) a ideia freudiana de que a sexualidade é desenvolvida suficientemente ou insuficientemente será abandonada adiante, mais especificamente quando a noção de sexualidade for compreendida como constitucional, e b) por motivos que estamos investigando a mulher foi vista como um indivíduo que sofre em demasia com a pressão social.

No *Rascunho F: Coleção III*, Freud (1894) discorreu sobre o caso de um paciente com neurose de angústia. Na elucidação da história clínica desse paciente Freud (1894) aludiu o assunto da sexualidade brevemente e fez uso de construções anteriores nessa menção, ou seja, indicou que no quadro de seu paciente a insuficiência do desenvolvimento da sexualidade foi um dos seus fatores.

No *Rascunho G: Melancolia*, Freud (1895) também apresentou semelhança com o percurso citado acima, construindo um paralelo entre a melancolia e a anorexia. Esse autor também permeou o não desenvolvimento da sexualidade como um dos possíveis fatores para a anorexia nervosa. Realçamos que nesses rascunhos freudianos sobre formas de sofrimento humano não iremos conceituar todas as disposições psíquicas que esse autor esbarrar, o nosso objetivo nesses esboços é o de percorrer os textos que cruzam com o nosso conceito bussolar, a sexualidade na psicanálise freudiana. Ainda no escrito mencionado, Freud (1895) desenhou um *Quadro esquemático da sexualidade* para compreender de que forma ocorre a melancolia

e, de maneira esquemática, demonstrou que o padecimento acontece quando há ultrapassagem do limite somático-psíquico, ou seja, para Freud (1895) não é possível pensar no padecimento humano cindindo somático e anímico, principalmente, no que diz respeito à sexualidade.

O *Manuscrito K: As neuroses de defesa (Conto de fadas natalino)*, de 1896, foi uma análise entre a histeria, a neurose obsessiva e um modo de paranoia. Para Freud (1896), essas formas de neurose de defesa convergem quanto ao modo como o recalque opera, em suas palavras:

1.a vivência sexual (ou a série de vivências) traumática, prematura, a ser recalcada, 2. seu recalque em uma ocasião anterior, que desperta a lembrança correspondente, ocasião em que há formação de um sintoma primário, 3. um estágio de defesa bem-sucedida, que equivale à saúde, exceto quanto à existência de sintoma primário, 4. a fase em que as representações recalcadas retornam, e, na luta entre elas e o Eu, são formados os novos sintomas da doença propriamente dita, 5. uma fase de nivelamento, de dominação ou de cura deficiente. Na maneira como retornam as representações recalcadas revelam-se as diversas diferenças de cada uma das neuroses; outras, no modo de formação do sintoma e na sua evolução. No entanto, o caráter específico de cada uma das neuroses reside no modo como o recalque é realizado. (FREUD, 1896, p. 26).

Dessa forma, na psicanálise freudiana o desenvolvimento da neurose possui em seu esteio uma condição de natureza sexual e o recalque. Por isso, a psicanálise enquanto técnica propôs que para atravessar as contingências do sofrimento o indivíduo deve rememorar (pela fala livre) experiências (nem sempre prazerosas) que remetem a um período anterior à maturidade sexual. Para tanto, para a psicanálise, refletir e atuar sobre a neurose é esbarrar em experiências sexuais recalcadas, posto que, sexualidade e recalque são dispositivos psíquicos que atuam mutuamente no indivíduo. Assim, esse rascunho freudiano que seguiu se estendendo em considerações a respeito das neuroses supracitadas, a ideia de sexualidade ficou ligada ao conceito de recalque²¹ (*Verdrängung* do verbo *verdrängen*), reforçando a análise freudiana de que a neurose emergiria como tentativa de o indivíduo afastar a sexualidade. Sob essa ótica, questionamos: o que haveria de perigoso na sexualidade que faz a neurose se apresentar como saída de defesa? Retornaremos a esse ponto adiante.

O último texto freudiano contemplado no *Volume I: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*, que também bordeou o tema da sexualidade, foi o *Projeto para uma*

²¹ “*Verdrängung* é habitualmente traduzido por “recalque” ou “repressão”. O verbo *verdrängen* genericamente significa “empurrar para o lado”, “desalojar”; também pode ser empregado de modo mais específico para designar a ação de “deslocar massa de ar, água ou outro volume qualquer” [...]. Conotativamente, *verdrängen* remete a uma sensação de “sufoco”, “incômodo”, que leva o sujeito a desalojar o material que o incomoda. Contudo, apesar de ter sido afastada, tal maneira permanece junto ao sujeito, pressionando pelo retorno e exigindo a mobilização de esforços para mantê-lo longe. [...]. Significados do verbo *verdrängen* e do substantivo *Verdrängung*: 1) Empurrar para o lado, desalojar, deslocar, afastar (concretamente ou figurativamente). Também utilizado como substantivo. [...]” (HANNS, 1996, p. 355).

*psicologia científica*²² (1895), baseado nas experiências clínicas do autor, não dizendo respeito à pesquisa de laboratório (BEZERRA, 2013). Nesse escrito Freud (1895) tentou introduzir a ideia de economia nervosa ao funcionamento psíquico, bem como realizar diálogo entre a psicopatologia e a psicologia considerada normal. Para tanto, esse texto foi dividido em três partes: I) *Esquema geral*; II) *Psicopatologia*; e, III) *Tentativa de representar os processos psicológicos normais*, porém, nesta tese trabalharemos apenas com recortes da parte II, *Psicopatologia*, isto é, abordaremos somente aquelas passagens que tocam a nossa chave de leitura, a sexualidade.

Analisando apenas a psicopatologia da histeria, Freud (1895) indicou que na histeria o indivíduo está propenso a uma compulsão de ideias intensas, dito de outra forma, sem qualquer justificativa inteligível o indivíduo é tomado por ideias intrusas que em parte são parcialmente suprimidas (recalcadas) e em outra descarregadas, nas palavras do autor: “[...]: para cada compulsão existe um recalque correspondente e, para cada intrusão excessiva na consciência, existe uma amnésia” (FREUD, 1895, p. 404). Essa forma de conceber a compulsão histérica apresentou o funcionamento do psiquismo na histeria, demonstrando o aspecto conflitivo de algumas lembranças, memórias no psiquismo desses indivíduos (BOCCA; MONZANI, 2015).

Direcionando a compreensão e explicação da origem da compulsão histérica pelo viés quantitativo neuronal, Freud (1895) manteve seu posicionamento anterior sobre o recalque, ou seja, “[...], que o recalque é invariavelmente aplicado às ideias que despertam no ego um afeto penoso (de desprazer) e segundo, a ideias provenientes da vida sexual” (FREUD, 1895, p. 404). Importante destacarmos que quando esse autor se referiu a quantitativo neuronal tratou-se de uma construção de modelos neuronais hipotéticos, pois naquela época da psicanálise freudiana não haviam comprovações sobre a transmissão de estímulos pelo sistema nervoso e tampouco sobre experiências sinápticas entre os neurônios (BEZERRA, 2013).

Dessa maneira, do ponto de vista psíquico, há tendência do Eu em resistir ou se defender de qualquer pensamento que cause desprazer e que esteja relacionado à vida sexual do indivíduo. Um pouco mais adiante, no mesmo texto, Freud (1895) nomeou de defesa patológica

²² “[...], a primeira versão publicada do texto alemão da obra, incluída em *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, foi lançada em Londres em 1950 e a tradução inglesa apareceu quatro anos mais tarde” (STRACHEY, 1996, p. 338). Outra informação histórica sobre esse texto foi mencionada por Bezerra (2003), informando que esse escrito freudiano foi rejeitado e abandonado pelo autor após sua conclusão. Por trinta anos esse escrito ficou em posse do amigo e confidente Fliess, com o conhecimento da analisanda e amiga de Freud, Maria Bonaparte, que também cuidou para que esse escrito se mantivesse intacto. A decisão da publicação foi da filha do autor, Anna Freud, que o fez sem a aprovação de seu pai.

um mecanismo psíquico que visa impedir o despertar do desprazer, bem como defender-se da sexualidade, nas palavras do autor:

A existência de uma segunda precondição da defesa patológica – a sexualidade – também sugere que a explicação deve ser buscada em outra parte. É impossível supor que os afetos sexuais penosos superem tanto em intensidade a todos os demais afetos desprazerosos. Deve haver alguma outra característica das ideias sexuais capaz de explicar como é que só elas ficam sujeitas ao recalçamento. (FREUD, 1895, p. 406).

Logo, de acordo com a citação acima, podemos perceber que algumas problematizações que tocam a sexualidade freudiana ficaram sem explicações, por exemplo: em qual outra parte da sexualidade deve ser buscada a precondição da defesa patológica? Quais características das ideias sexuais explicariam a sujeição desses pensamentos ao recalçamento? Seria cabível interrogarmos qual aspecto da sexualidade humana é recalçado e qual é acessado pelo indivíduo? Ou ainda, é possível acessar parte da sexualidade? E de que parte se trata?

As perguntas acima podem ser pensadas a partir da contribuição de Fulgêncio (2003), de que a psicanálise freudiana pode ser concebida sob os pontos de vista empírico e especulativo, e também pelo direcionamento dos filósofos Bocca e Monzani (2015), que nos diz que a compreensão freudiana sobre o recalçamento ou defesa sobre ideia sexual estava fundada na compreensão tradicional de que a sexualidade seria admitida a partir da adolescência e para a procriação, nas palavras dos autores:

[...] reconheceu que a cena da primeira lembrança, da puberdade, produz um afeto que não pôde ser despertado na situação simbolizada, da infância, mas que teve sua compreensão possibilitada pela maturidade sexual da puberdade. No segundo momento, da adolescência, o evento pretérito, da infância, recebe conotação sexual, o que lhe confere força suficiente para acionar retrospectivamente a defesa do eu. Para que esse esquema faça sentido, Freud tem que admitir a possibilidade de uma liberação sexual precoce, que só seria reconhecida como tal posteriormente, ocasião em que é finalmente compreendida como sexual. Isso equivale a admitir que a criança pode ter sensações sexuais decorrentes de uma liberação sexual ocorrida de um evento de sedução, mas sem os meios adequados para reconhecê-lo como tal. (BOCCA; MONZANI, 2015, p. 32).

Conforme os autores mencionados e com as construções anteriores, a sexualidade nesse escrito freudiano comparece como marca corpórea composta pela união do psiquismo e do biológico, não sendo passível de redução nesses aspectos, e embora o histérico vise defender-se com suas entranhas de sua sexualidade, é uma opção infactível, visto que o sintoma histérico é constituído pelos elementos dessa repulsa. Outro ponto que nos cabe dizer, a título de contribuição, trata-se da presença externa da precocidade na infância dos histéricos, indicada pelos filósofos mencionados, a sedução na etiologia da histeria introduzirá passo importante nessa perspectiva a respeito da neurose, porém esse assunto não é objeto desta tese.

Em suma, o texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895) elucidou e problematizou pontos importantes sobre o conceito de sexualidade, principalmente ao tratá-la como defesa. Então, longe de esgotarmos nossa investigação, seguiremos em uma incursão nos textos técnicos freudianos que tratam a sexualidade. Mas, antes disso, algumas considerações nesse primeiro tópico são igualmente importantes. Foram cinco os manuscritos freudianos, mais o texto *Projeto para uma psicologia científica*, que abordaram o tema da sexualidade e contemplaram discussões semelhantes às correspondências mencionadas, ou seja, constante articulação entre neurose (surgimento, funcionamento) e sexualidade, demonstrando que nas cartas e rascunhos as construções freudianas sobre a ideia de sexualidade não apresentaram divergências, mas complementariedades em seu percurso. O pensamento freudiano também rompeu com algumas influências históricas em suas investigações sobre o corpo e a sexualidade ao indicar que essa não se reduz à união entre os sexos, objetivando a procriação. Assim, entendendo o conceito de sexualidade como constitucional, e em articulação polissêmica, seguiremos para o subcapítulo com textos técnicos de Freud.

2.2 A SEXUALIDADE NA NEURÓTICA FREUDIANA

No subcapítulo anterior identificamos que a noção de sexualidade nas cartas, rascunhos e projeto freudianos foi anunciada como fator que participa da constituição psíquica desde o nascimento, bem como possui fundamental importância no desenvolvimento de uma neurose. Demonstramos, também, que desde os prenúncios do florescimento da psicanálise freudiana a sexualidade foi atribuída a dimensões biológicas e anímicas. Assim, intuindo continuarmos nossa investigação sobre o conceito de sexualidade feminina e seus desdobramentos no Édipo feminino seguimos com este subtópico, intitulado *A sexualidade na neurótica freudiana*, que percorrerá os seguintes escritos: *As neuropsicoses de defesa* (1894); *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (1896); *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1898); e *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1901).

No texto *As neuropsicoses de defesa*, Freud (1894) seguiu com sua investigação sobre as neuroses e as psicoses de defesa, por isso, dividiu o escrito em três partes, a primeira dedicada à neurose histérica, a segunda à neurose obsessiva, e a terceira dedicada à paranoia, entendida como psicose de defesa. Em todas essas formas de padecimento, Freud (1894) entendeu que o

psiquismo se defende da sexualidade ou de sensações sexuais devido à influência de dimensão moral²³ (BOCCA; MONZANI, 2015).

Contrariando a teoria de Janet (1892 – 4 e 1893) sobre a histeria basear-se em uma degeneração da consciência no indivíduo histérico e a pressuposição de Breuer (1893), em que o indivíduo histérico possui capacidade limitada em suas associações, Freud (1894) apontou que na histeria ocorre uma divisão voluntária da consciência, ou seja, uma intenção inconsciente do indivíduo retirar algo ou algum aspecto de sua vida do campo da consciência (BOCCA; MONZANI, 2015). Essa volição em retirar algo da consciência foi compreendida como confronto entre experiências presentes e passadas, onde ao viver algo no presente o indivíduo experimenta uma representação psíquica (antiga ou passada) incompatível com aquele momento e devido a uma insuportabilidade da mesma decide esquecê-la. Os filósofos Bocca e Monzani (2015) nos lembram de que essa intencionalidade inconsciente em suprimir uma experiência desprazerosa fez com que Freud nomeasse essa forma de sofrimento de “histeria de defesa” e que as representações intoleráveis para a consciência são justamente aquelas ligadas à vida sexual do indivíduo e sobre isso a moral social participa, instituindo formas de ser e de comportar-se na sociedade.²⁴

Ainda que inconscientemente, apontar que um indivíduo possa decidir sobre as querelas de suas memórias nos parece pretensão grandiosa da parte de um vivente, e embora não seja de interesse nesta tese tratar sobre esse ponto, a questão será levantada mesmo assim, pois é possível estendê-la até nossas chaves de leitura deste subcapítulo: a sexualidade, a sexualidade feminina. Os questionamentos levantados são: é possível controlar os pensamentos na histeria? É possível controlar a sexualidade? Responderemos nosso primeiro questionamento com algumas contribuições do filósofo e psicanalista Perez (2009), que nos diz que na psicanálise freudiana, na histeria, a decisão do esquecimento de uma representação psíquica pode sugerir ausência parcial no campo anímico, conquanto no campo físico permanece cravado em forma

²³ Na página 41 desta tese a investigação sobre as (re)construções do tema sexualidade e os conceitos imbricados a esse assunto culminou no seguinte questionamento: o que haveria de perigoso na sexualidade que faz a neurose se apresentar como saída de defesa? Retornando a esse ponto, as considerações indicadas acima pelos filósofos Bocca e Monzani (2015) apresentam uma possibilidade de resposta: a sexualidade pode vir a se tornar perigosa a partir da perspectiva moral que intenta controlar as formas de prazeres humanos. Freud (1908) sustentou essa tese no texto *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*, que será abordado adiante, e também no texto *O mal-estar na cultura* (1930), que não será abordado nesta tese.

²⁴ No texto *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna* (1908), que iremos tratar no próximo capítulo, é abordado esse assunto.

de conversões²⁵, sintomas, portanto, controlar o pensamento não se faz sem um preço a ser pago, no caso da histeria, o preço é o adoecimento do corpo. A segunda pergunta será respondida ao final deste subcapítulo.

Retornando ao texto *As neuropsicoses de defesa* e às considerações sobre as representações intoleráveis estarem ligadas à vida sexual do indivíduo, temos uma passagem importante do autor:

Esses pacientes que analisei, portanto, gozaram de boa saúde mental até o momento que houve uma ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa – isto é, até que seu eu se confrontou com uma experiência, uma representação ou um sentimento que suscitaram um afeto tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo, pois não confiava em sua capacidade de resolver a contradição entre a representação incompatível e seu eu por meio de atividade de pensamento. Nas mulheres, esse tipo de representações incompatíveis assoma principalmente no campo da experiência e das sensações sexuais; e as pacientes conseguem recordar com toda a precisão desejável seus esforços defensivos, sua intenção de “expulsar aquilo para longe”, de não pensar no assunto, de suprimi-lo. [...]. Não posso, naturalmente, afirmar que um esforço voluntário de eliminar da mente coisas desse tipo seja um ato patológico, nem sei dizer se, e de que modo, o esquecimento intencional é bem-sucedido nas pessoas que, sob as mesmas influências psíquicas, permanecem saudáveis. Sei que apenas esse tipo de “esquecimento” não funcionou nos pacientes que analisei, mas levou a várias reações patológicas que produziram ou a histeria, ou uma obsessão, ou uma psicose alucinatória. (FREUD, 1984, p. 55).

Referenciando as experiências das sensações sexuais para as mulheres, Freud (1894) costurou suas concepções clínicas à uma dimensão moral social, demonstrando que na ideia de neurótico histérico também participa o imaginário social, ultrapassando os limites anatômicos (BIRMAN, 1999). No caso da histeria em mulheres, Freud (1894) percebeu que o imaginário social era o contrário de libertador, e a experiência da sexualidade penosa. Impossível qualificarmos e quantificarmos esses sofrimentos, por isso, retomamos os dois recortes clínicos freudianos para pensarmos sobre a nossa afirmação. O primeiro recorte é o de uma moça que se culpava por ter pensado em outro rapaz enquanto cuidava de seu pai. O segundo é o de uma governanta que se apaixonou por seu patrão e que se via impedida nessa relação pelos distantes lugares sociais que ocupavam. Ao final desses exemplos, Freud (1894) nos disse que havia muitos outros lábios tristes de mulheres que seguiam nessa direção.

²⁵ Freud (1894) definiu o termo *conversão* mais adiante no mesmo texto de 1894, como: “Quanto ao trajeto entre o esforço voluntário do paciente e o surgimento do sintoma neurótico, formei uma opinião que pode ser expressa, em termos das abstrações psicológicas correntes, mais ou menos da seguinte maneira. A tarefa que o eu se impõe, em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível como “*non-arrivé*”, simplesmente não pode ser realizada por ele. Tanto o traço mnêmico como o afeto ligado à representação lá estão de uma vez por todas e não podem ser erradicados. Mas uma realização aproximada da tarefa se dá quando o eu *transforma essa representação poderosa numa representação fraca*, retirando-lhe o afeto – a soma de excitação – do qual está carregada. A representação fraca não tem então praticamente nenhuma exigência a fazer ao trabalho da associação. *Mas a soma de excitação desvinculada dela tem que ser utilizada de alguma outra forma.* [...]. Na histeria, a representação incompatível é tornada inócua pela *transformação de sua soma de excitação em alguma coisa somática*. Para isso eu gostaria de propor o nome de conversão.” (FREUD, 1894, p. 56).

Ainda no texto supracitado, Freud (1894) tratou sobre a neurose obsessiva e a paranoia. Na compreensão desse psicanalista, a neurose obsessiva possui o mesmo princípio da histeria, há uma representação de ordem sexual incompatível com o psiquismo, todavia, diferencia-se dela quanto a sua manifestação. A representação psíquica incompatível na neurose obsessiva persiste livre na esfera psíquica, todavia, seu afeto liga-se a outras representações também incompatíveis transformando-se em representações obsessivas. Para ilustrar sua teoria, Freud (1894) também fez uso de exemplos nesse tópico, referindo-se a três pacientes. Não mencionaremos os detalhes desses casos apresentados, mas não podemos deixar de indicar que os casos eleitos são de três mulheres que em suas histórias de vida narraram dificuldades em lidar com as manifestações das sensações sexuais em seus corpos. Então, de maneira intencional que não foi explicada pelo autor, mais uma vez as dificuldades das mulheres quanto a sua sexualidade foram eleitas para abordar o tema da neurose. Realçamos que não se trata de apontarmos que na análise freudiana somente a sexualidade da mulher foi destacada, mas o de indicar que sutilmente Freud (1894) percebeu que mulheres e homens vivem a sexualidade de forma diferente, principalmente no que tange a aspectos sociais, que em sua época²⁶ tinham uma rigidez maior sobre a mulher.

Sobre a paranoia como manifestação da psicose, Freud (1894) afirmou que o eu rejeita de maneira mais intensa o afeto²⁷ e a representação incompatível, a ponto de comportar-se como se jamais houvesse lhe ocorrido qualquer representação, permanecendo em um estado de alucinação. A afirmação acima foi exemplificada com outro caso de mulher e ao final do ponto sobre a paranoia admitiu que não possui muitas experiências analíticas nesse tipo de psicose. Antes de finalizarmos o referido trabalho freudiano temos uma consideração importante a ser destacada, para o autor da psicanálise existe a possibilidade de manifestações de “neuroses mistas”, ou seja, neurose histérica com traços obsessivos e vice-versa, sugerindo que

²⁶ Em um extenso e intenso trabalho sobre a biografia de Sigmund Freud, a historiadora e psicanalista francesa Elizabeth Roudinesco (2016) contribuiu com a nossa pesquisa de tese com a seguinte citação a respeito da época em que psicanálise floresceu e sobre o lugar da mulher nessa organização social: “A ordem familiar na qual Freud imergira em sua infância e durante a sua adolescência repousava sobre três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres, a dependência dos filhos. Outorgando à mãe um lugar central, e atentando contra a autoridade paterna, essa nova ordem procurava, além disso, meios de controlar o que, no imaginário da sociedade da segunda metade do século XIX, ameaçava abrir caminho para uma perigosa irrupção do feminino, isto é, para aquela sexualidade “histérica” ou “nervosa”, julgada ainda mais devastadora na medida em que não mais submetida à função materna” (ROUDINESCO, 2016, p. 35). Desse modo, longe de especulações e reafirmando uma passagem freudiana do texto *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), sabemos que todo individual é também social e, por isso, a concepção de histeria nessa perspectiva não seria diferente.

²⁷ Segundo Laplanche e Pontalis (2008), o termo utilizado na psicanálise freudiana foi retirado da psicologia alemã e significa: “[...] qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. Segundo Freud, toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto e da representação. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p. 9). O termo pulsão será atravessado adiante nesta tese.

independentemente da escolha da neurose de defesa, a sexualidade é fator presente em todas elas.

Após dois anos da publicação do texto *As neuropsicoses de defesa* (1894), Freud (1896) publicou o escrito *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*. Dividido da mesma forma que o primeiro (1894), Freud (1896) realizou algumas complementariedades na sua teoria das neuroses histérica, obsessiva e paranoica (nessa ordem), mas antes de iniciar suas considerações sobre as peculiaridades dessas neuroses, na introdução do texto Freud (1896) reconheceu a defesa como o ponto nuclear de toda neurose. Então, se levarmos em conta nossa análise dos textos freudianos até o trabalho de 1896, perceberemos que não é possível falarmos em defesa psíquica na psicanálise freudiana sem tocar na neurose, bem como na sexualidade.

A respeito da origem da histeria, Freud (1896) manteve a posição de fontes acidentais e hereditárias como causadoras dessa patogênese e apontou sua constituição como resultado de um evento na infância relacionado à vida sexual do indivíduo cujo conteúdo consiste:

[...] numa irritação real dos órgãos genitais (por processos semelhantes à copulação). Descobri um determinante específico da histeria – a passividade sexual durante o período pré-sexual – em todos os casos de histeria (inclusive dois casos masculinos) que analisei. Não é necessário fazer mais do que uma menção ao enorme grau em que ficam diminuídas as alegações em prol de uma predisposição hereditária em face desse estabelecimento de fatores etiológicos acidentais como determinantes. (FREUD, 1896, p. 164).

Assim, a partir da citação acima o autor indicou pressuposições complementares importantes sobre a histeria, a presença de estimulações reais nos órgãos genitais no evento traumático e a terminologia pré-sexual, determinando um período do desenvolvimento humano em que o indivíduo ainda não amadurecido sexualmente experencia algo de difícil significação psíquica. Nesse texto também Freud (1896) não fez diferenciação entre homens e mulheres na experiência do comportamento passivo no evento traumático, mas indicou a frequência da histeria no sexo feminino devido a certa suscetibilidade em provocar ataques sexuais. O autor não conceituou ataques sexuais, porém, a nossa hipótese é a de que a noção de ataques sexuais esteja relacionada a ideia de ataques histéricos que podem ser compreendidos pelas formas teatrais²⁸ com que os sintomas dessa neurose se manifestam comportamentalmente nos indivíduos.

A ideia do binômio passividade e atividade é levantada nesse texto sem destaque, porém, é um outro construto freudiano que merece nossa atenção. A noção de passividade foi atribuída à experiência da sedução, pois foi entendida como vivência em que o indivíduo – no caso, a

²⁸ Birman auxilia-nos a pensar a teatralidade histérica como cena, uma representação que tem por objetivo capturar o outro, “Trata-se, pois, de uma *mise-en-scène*, nos seus menores detalhes.” (BIRMAN, 1999, p. 119).

criança – está submetido a um sedutor ativo naquela cena. Dessa maneira, a histeria, por ter sido considerada neurose de defesa, seria por excelência uma neurose passiva, ao contrário da neurose obsessiva, em que o indivíduo é ativo (BIRMAN, 1999). Algumas contribuições de Birman sobre esse assunto, nas palavras desse autor:

É interessante registrar aqui que existia nessa leitura de Freud a incorporação dos valores vigentes no imaginário do século XIX, segundo os quais o feminino se identificaria com a ideia de passividade, enquanto o masculino com a de atividade. Isso porque era um consenso de que a histeria seria uma enfermidade basicamente feminina e a neurose obsessiva uma perturbação fundamentalmente masculina. Com isso, o território do feminino se identificaria com os atributos da passividade, da dor, do masoquismo e do corpo. Consequentemente, a histeria se caracterizaria pela existência de sintomas corpóreos, denominados por Freud conversões. Em contrapartida, o território do masculino se delinaria pelos atributos da atividade, da produção da dor, do sadismo, do pensamento e da vontade. Por isso mesmo, as obsessões se caracterizariam por perturbações sintomáticas nos registros do pensamento [...]. (BIRMAN, 1999, p. 26).

A partir de Birman (1999), as reflexões freudianas sobre as polaridades passividade/atividade mencionadas no texto de 1896 serão revistas, repensadas e articuladas em muitos outros textos freudianos, inclusive aparecerão nos textos que serão trabalhados no próximo capítulo. Então, longe de esgotarmos esse assunto, informamos que estamos apenas o introduzindo e lembrando que essa discussão será feita dentro dos limites de nosso objetivo de tese.

Ainda sobre a histeria na psicanálise freudiana no escrito indicado de 1896, observamos que houve dedicação em analisar a relação entre o trauma sexual e o período de ocorrência na infância. Porém, sem conseguir especificar uma idade cronológica na infância em que o evento causador ocorreria, Freud (1896) indicou que a vivência de valor sexual traumática ocorre na infância e é recalçada, ou seja, inscreve-se enquanto traço mnêmico no inconsciente do indivíduo até se tornar consciente ou com sintomas conscientes. Birman (1999) acrescenta dizendo que nesse momento freudiano ainda haviam influências da concepção de sexualidade do século XIX, ou seja, a centralidade genital e a ordem biológica, corroborando, Bocca e Monzani (2015) indicam que nesse texto freudiano acreditava-se que a sexualidade surgia apenas na puberdade, para tanto vejamos a citação freudiana abaixo:

O lugar dessa predisposição histórica indefinida pode agora ser tomado, inteiramente ou em parte, pela ação póstuma de um trauma sexual na infância. O “recalcamento” da lembrança de uma experiência sexual aflitiva, que ocorre em idade mais madura, só é possível para aqueles em que essa experiência consegue ativar o traço mnêmico de um trauma da infância. Uma teoria psicológica do recalcamento também esclareceria a questão de por que apenas as representações de conteúdo *sexual* podem ser recalçadas. Tal explicação poderia partir das seguintes indicações. Sabe-se que ter representações de conteúdo sexual produz processos excitatórios nos órgãos genitais que são semelhantes aos produzidos pela própria experiência sexual. Podemos

presumir que essa excitação somática seja transposta para a esfera psíquica. Em geral, o efeito mencionado é muito mais forte no caso da experiência do que no caso da lembrança. Contudo, quando a experiência sexual ocorre durante o período de imaturidade sexual e sua lembrança é despertada durante ou após a maturidade, a lembrança passa a ter um efeito excitatório muito mais forte do que o da experiência na época em que ocorreu; e isso porque, nesse ínterim, a puberdade aumentou imensamente a capacidade de reação do aparelho sexual. Esse tipo de relação invertida entre a experiência real e a lembrança parece conter a condição psicológica para a ocorrência de um recalque. A vida sexual proporciona – pelo retardamento da maturidade puberal em comparação com as funções psíquicas – a única possibilidade de ocorrência dessa inversão da efetividade relativa. *Os traumas da infância atuam de modo adiado, como se fossem experiências novas, mas o fazem inconscientemente.* (FREUD, 1896, p. 167).

Importante considerarmos que o conceito de trauma sexual não é objeto desta tese, por isso, iremos abordá-lo apenas nos pontos que tocam a nossa investigação, demonstrando que esse conceito também é produzido em uma variável rede de ideias. Quando Freud (1896) abordou que a histérica é aquela que se defende de sua sexualidade, foi por considerar que esse indivíduo está aprisionado em um corpo psíquico-biológico que é impedido pelo próprio consciente de sentir prazer (BIRMAN, 1999). Outra questão que essa ideia de experiência de sedução a criança levantou foi que até ser seduzida na criança estaria ausente a sexualidade, porém, ao se debruçar sobre o desenvolvimento da neurose, Freud percebeu tamanha necessidade de reformular esse posicionamento e, não por acaso, abandona essa concepção inicial de *sedução* (MONZANI, 2014) para escrever sobre o papel da fantasia na etiologia histérica.

Essa mudança de leme na psicanálise freudiana ou da sedução para a fantasia produziu uma transgressão importante, rompeu com a ideia de sexualidade enquanto instintiva e biológica para uma sexualidade constitutiva. A sexualidade passou a ser pensada a partir de uma complexa economia do sexual em que a fantasia seria um imperativo da atividade sexual presente desde o nascimento no humano. Monzani (2014) corrobora ao propor que a teoria da sedução foi restaurada por Freud a partir de determinado ponto de vista, pois manteve presente a relação imbricada entre fator externo e interno, ou seja, para o desenvolvimento da criança faz-se necessária a presença parental, o desejo da mãe pelo filho. Essa discussão pode ser estendida até o conceito de Complexo de Édipo, assim, para seguirmos a rota proposta, retomaremos esse ponto no próximo capítulo, mas antes de encerrarmos o tópico sobre sedução e fantasia, (in)concluimos com uma passagem de Monzani: “[...] Sedução ou fantasia? Nem uma coisa nem outra. Assistimos a um movimento complexo em que, a bem dizer, nada foi abandonado, mas sim redefinido, repensado, retificado.” (2014, p. 54).

Prosseguindo, para a neurose obsessiva e a paranoia tratadas no texto de 1896 temos que na etiologia da neurose obsessiva, Freud (1896) considerou a mesma importância das

experiências sexuais da primeira infância com a diferença de que nessa vivência o indivíduo – com maior incidência do sexo masculino – a experimenta de forma passiva-ativa. A atividade de ideias obsessivas de autoacusação (característica dessa forma de neurose) que se relacionam a algum ato sexual prazeroso na infância reemergem do recalçamento e provocam sofrimento, então, pela atividade dessas ideias obsessivas, na neurose obsessiva o indivíduo teria um posicionamento subjetivo ativo em relação ao posicionamento passivo da histeria.

Freud (1896) elucidou também que o desenvolvimento da neurose obsessiva acontece da seguinte forma: em um período de imoralidade infantil onde o indivíduo imaturo sexualmente experenciará algo sexual e recalcará, mais tarde, esse indivíduo será tomado por atos de autoagressão de intenção de autoacusação contra o outro sexo, conforme esse autor:

Num primeiro período – o período da imoralidade infantil – ocorrem os eventos que contêm o germe da neurose posterior. Antes de tudo, na mais tenra infância, temos as experiências de sedução sexual que mais tarde tornarão possível o recalçamento, e então sobrevêm os atos de agressão sexual contra o outro sexo, que aparecerão depois sob a forma de atos que envolvem autoacusação. Este período é encerrado pelo advento da “maturação” sexual, frequentemente precoce demais. Uma autoacusação fica então ligada à lembrança dessas ações prazerosas; e a conexão com a experiência inicial passiva torna possível – muitas vezes, só depois de esforços conscientes e lembrados – recalcar-las e substituí-las por um *sintoma primário de defesa*. A conscienciosidade, a vergonha e a autodesconfiança são sintomas dessa espécie, que dão início ao terceiro período – período de *aparente* saúde, mas, na realidade, de defesa bem-sucedida. O período seguinte, o da doença, é caracterizado pelo retorno das lembranças recalçadas – isto é, pelo fracasso da defesa. (FREUD, 1896, p. 169).

Assim, apesar das peculiaridades nas manifestações sintomáticas da neurose histérica e da neurose obsessiva, percebemos que em ambas a estruturação inicial é semelhante, ou seja, ocorre a experimentação de sensações sexuais em tenra idade, onde o indivíduo, incapaz de representá-las psiquicamente, as recalca. Na histeria essas representações recalçadas retornam no corpo, na neurose obsessiva, em forma de pensamento. Também nesse escrito de 1896, foi analisado um caso de paranoia crônica, que foi considerado pelo autor como psicose de defesa, todavia, como o próprio Freud (1896) disse que não possuía interesse de estudar a paranoia, apenas em casos isolados, não iremos investigá-lo.

No texto *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1898), mais uma vez o autor reconheceu a centralidade da psicanálise freudiana na sexualidade humana e a sua participação na formação das neuroses. O contraste desse escrito foi a abordagem das influências dos problemas sociológicos na causação das neuroses e as contribuições do método psicanalítico no tratamento desses padecimentos, nas palavras do autor:

Pesquisas exaustivas durante os últimos anos levaram-me a reconhecer que as causas mais imediatas e, para fins práticos, mais importantes de todos os casos de doença neurótica são encontradas em fatores emergentes da vida sexual. Essa teoria não é

inteiramente nova. Uma dose de importância tem sido concedida aos fatores sexuais na etiologia das neuroses desde tempos imemoriais e por todos os autores que trataram do assunto. Em certas áreas marginais da medicina sempre se prometeu, simultaneamente, a cura das “queixas sexuais” e da “fraqueza nervosa”. Uma vez que a validade da teoria deixe de ser negada, portanto, não será difícil contestar a sua originalidade. [...]. Não me parece nada prematuro, porém, tentar dirigir a atenção dos profissionais da medicina para o que acredito serem os fatos, de modo que eles possam convencer-se da verdade de minhas asserções e, ao mesmo tempo, dos benefícios que podem extrair, na prática, do conhecimento delas. (FREUD, 1898, p. 251).

Desse modo, a primeira crítica social freudiana foi acerca do comportamento de recato, por parte do médico, em suas investigações sobre a neurose de um paciente. Para Freud (1898), o médico que decidir tratar a neurose de seu paciente não deve se deixar influenciar pela pressuposição social de que não deve questionar sua vida sexual para não ferir o recato desses indivíduos nesse interrogatório, “A isso se pode muito bem replicar que não passa da expressão de um puritanismo indigno de um médico que esconde insuficientemente sua fraqueza por trás de argumentos precários” (FREUD, 1898, p. 252).

Freud (1898) criticou o puritanismo na prática médica, pois a psicanálise reconhece a vida sexual como o cerne da neurose, nesse sentido, não há razão para não realizar essa investigação no tratamento desse padecimento. Ainda nesse tópico, Freud (1896) ilustrou que um dos malefícios da suposição de um pudor no exercício médico foi sua percepção de mulheres mais velhas em estado de hemorragias genitais devido à falta de exame médico no local, demonstrando desagrado nessa constatação:

A influência educativa exercida no público pelo mundo da medicina, no decorrer de uma geração, alterou de tal modo as coisas que uma objeção desse tipo é uma ocorrência extremamente rara entre as jovens de hoje. Se viesse a ocorrer, seria condenada como puritanismo absurdo, como recato fora de lugar. [...]. Um médico sempre pode causar danos, quando é inábil ou inescrupuloso, e isso não se aplica mais nem menos à investigação da vida sexual dos pacientes do que a outras áreas. Naturalmente, se alguém, após um autoexame honesto, sentir que não possui tato, a seriedade e a discrição necessários para interrogar pacientes neuróticos, [...]. Tudo o que pedimos, [...], é que se abstenha também de tratar pacientes nervosos. (FREUD, 1898, p. 252-253).

Dessa forma, no pensamento freudiano, a dificuldade em falar sobre a vida sexual é do humano, posto que transpassa uma condição patológica – a neurótica – e insere-se também no social. Intuindo acrescentar essa posição, Freud (1898) exemplificou com recortes clínicos que não raro os obstáculos na investigação da vida sexual partiram do próprio médico e não do paciente.

Em situações envolvendo pacientes do sexo feminino, que na percepção freudiana foram educados sistematicamente para reprimir esses aspectos, deve o médico insistir nas causas sexuais ocultas do padecimento, nas palavras do autor:

Além disso, é do interesse geral que se torne um dever, entre homens e mulheres, um grau mais alto de franqueza sobre as coisas sexuais do que se tem esperado deles até agora. Isso só pode constituir-se em benefício para a moral sexual. Em matéria de sexualidade, somos todos, no momento, doentes ou sãos, não mais do que hipócritas. Será muito bom se obtivermos, em consequência dessa franqueza geral, uma certa dose de tolerância quanto às questões sexuais. (FREUD, 1898, p. 254).

Assim, após indicar que todos os viventes estão submetidos a uma moral sexual que em nada beneficia o desenvolvimento da sexualidade, Freud (1898) seguiu esse texto demonstrando e afirmando que diante dessa moral sexual o ser humano acaba por adotar posturas de defesa em relação à própria sexualidade, e que isso tem por consequência uma saída patológica, a neurose. dessa forma, perguntamos: quais riscos a sexualidade ofereceria à civilização? E, ao próprio indivíduo?

Nos termos freudianos, se considerarmos que a estruturação das neuroses histérica e obsessiva, tem em seu cerne a experimentação de sensações desprazerosas que remetem à vivência infantil de prazer não nomeada, uma civilização sem restrições permitiria aos viventes a experimentação de prazer sem ordenação ou sem restrições, e isso comprometeria a sobrevivência de uma coletividade, visto que, no início do desenvolvimento humano, a fonte do prazer é o próprio corpo, mas ao longo do amadurecimento sexual o indivíduo busca em outros corpos ou em outros objetos sexuais essa satisfação. Nesse sentido, Birman (1999) nos diz que a sexualidade se relaciona à civilização na medida em que impõe restrições nas formas de satisfação ou nas formas do indivíduo sentir o próprio corpo. Essa afirmação será demonstrada no próximo capítulo, em que trabalharemos o texto *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Importante destacarmos que essas considerações freudianas sobre os malefícios de uma ordem social são retomadas em suas investigações mais adiante, no texto *O mal-estar na civilização* (1929), mas que não serão referências textuais em nossa tese.

Seguindo o pensamento freudiano, no texto *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1898), foi proposta, também, análise das características entre neurastenia, neurose de angústia e psiconeurose, mais precisamente sobre as formas de manifestação desses padecimentos e fatores constitucionais. Desse modo, Freud (1898) lançou as seguintes considerações sobre a neurastenia, a neurose de angústia e a psiconeurose: a) as três formas de padecimento possuem manifestações diferentes; b) na constituição do psiquismo pode ocorrer formação de neuroses mistas; c) em todas as patogêneses mencionadas participam causas sexuais; d) a hereditariedade não é fator participante na neurastenia; e) a ordem civilizatória é fator presente nas três patogêneses; e f) já o excesso de trabalho ou trabalho intelectual, ao contrário de outras opiniões médicas, não é fator causador de neurastenia ou neurose, mas uma atividade que pode vir a proteger o indivíduo dessas moléstias.

Ao buscar compreender as nuances na formação da neurastenia e da psiconeurose, Freud (1898) percebeu que há inúmeros casos de neuroses mistas, ou seja, casos em que os sinais da neurastenia e psiconeurose estão unidos. Esse fato ocorre, pois, há um sutil limite entre uma e outra. Na neurastenia, os fatores da vida sexual são atuais, pertencem ao período atual (da maturidade), na psiconeurose, a gênese do sofrimento encontra-se em um período pré-histórico ou da primeira infância, “[...], em todo caso de neurose há uma etiologia sexual; mas a neurastenia é uma etiologia de tipo contemporâneo, enquanto nas psiconeuroses os fatores são de natureza infantil” (FREUD, 1898, p. 255). Conforme o filósofo e psicanalista Fonseca (2013), a ideia de natureza infantil nessa citação relaciona-se a psiconeuroses, pois, nesse modo de sofrimento psíquico sexualidade e genitalidade não são sinônimos, ao contrário, a genitalidade pode vir a ser uma forma de satisfação eleita pelo indivíduo ou não, isso depende única e exclusivamente do processo de desenvolvimento constitucional do indivíduo e as influências que recebeu ao longo dessa maturação, principalmente, no que diz respeito ao período pré-histórico ou de tenra idade.

Ainda sobre a respectiva consideração freudiana se há ou não limite entre neurastenia e psiconeurose, Freud (1898) dedicou-se um pouco mais sobre essa reflexão, perguntando como diagnosticar com segurança e classificar os sintomas de forma adequada. A resposta para essa pergunta foi a seguinte:

Depois de diagnosticar com segurança um caso de neurose neurastênica e classificar seus sintomas corretamente, estamos em condições de traduzir a sintomatologia em etiologia; e podemos então, confiantemente, solicitar do paciente a confirmação de nossas suspeitas. Não nos devemos deixar enganar pelas negativas iniciais. Se sustentarmos firmemente aquilo que inferimos, acabaremos por quebrar qualquer resistência, enfatizando a natureza inacabada de nossas convicções. Desse modo, aprendemos sobre a vida sexual de homens e mulheres toda sorte de coisas, que preencheriam um volume útil e instrutivo; e aprendemos também a lamentar, por todos os pontos de vista, que a ciência sexual hoje em dia ainda seja desacreditada. Já que os pequenos desvios de uma *vita sexualis* normal são por demais comuns para que possamos atribuir qualquer valor a sua descoberta, concederemos peso explicativo apenas às anormalidades sérias e prolongadas na vida sexual de um paciente neurótico. (FREUD, 1898, p. 256).

Assim, conforme a citação acima, o olhar freudiano em defender sua tese sobre a presença da sexualidade nas neuroses alcançou a percepção de que, a respeito da vida sexual humana, pensá-la em termos normais ou anormais não parece auxiliar na investigação da neurastenia, neurose de angústia ou psiconeurose, pois, na vida sexual humana, o normal é também anormal – Freud (1905) abordou sobre as perversões para falar sobre normas, veremos posteriormente –, ou seja, não é possível normatizar a sexualidade humana. Aliás, não podemos ser radicais, a normatização é possível com alguns limites. E quais seriam esses limites? As

renúncias à satisfação, estando as neuroses para exemplificar de que modo a normatização e sexualidade se fundem sob a égide de um social.

Desse modo, reconhecendo a presença de polaridade na vida sexual humana, Freud (1898) seguiu esse escrito criticando sem rodeios a profissão médica pela negligência ao tema da sexualidade, bem como foi categórico ao recomendar uma prática médica não proibitiva, ilustrando, com recortes clínicos fracassados, casos em que a vida sexual do paciente foi ignorada. Para esse autor, após despertado o interesse do indivíduo para a vida sexual, não há como ignorá-la, pois, independente do modo operante, há uma satisfação que objetiva a realização, “Pois a necessidade sexual, uma vez despertada e satisfeita por algum tempo, não pode mais ser silenciada; só pode ser deslocada por outro caminho” (FREUD, 1898, p. 263). Para tanto, sob a sexualidade humana não temos nenhum domínio, pois que, a sua apresentação pode se dar de diversas formas, sendo, portanto, um engodo civilizatório acreditar nesse controle. Entretanto, isso é outra questão que poderia ser pensada pela proposta freudiana sobre as três profissões impossíveis: *educar, curar e governar*, no texto *Prefácio à juventude desorientada de Aichhorn* (1925), onde é posto que sob a vida pulsional não há controle. Não trabalharemos com o texto mencionado, mas a ideia de pulsão o faremos no próximo capítulo.

Ainda sobre a afirmação freudiana acima, o autor acrescentou com algumas recomendações aos médicos, e, para a nossa pesquisa, foram duas as orientações de maior relevância: a primeira, ao propor, no exercício médico, o reconhecimento e a compreensão da importância da satisfação na vida sexual humana; e, a segunda, ao recomendar orientações médicas na vida sexual que se distanciem de medidas restritivas, ou seja, que não tenham como objetivo único a procriação. Essas sugestões freudianas foram por nós destacadas porque tocam sobre o papel da mulher no seio familiar na época em que a psicanálise floresceu.

Ao afirmar a presença da satisfação na vida humana e também na vida sexual conjugal, Freud (1898) provocou a reflexão de que a satisfação que percorre e une um laço conjugal está para além de um objetivo biológico, logo, as mulheres também são indivíduos que possuem necessidades sexuais sendo ou não mães. Freud (1898) seguiu esse pensamento afirmando: “Tudo que impede a ocorrência de satisfação é nocivo” e demonstrou preocupação com técnicas médicas que firam a sensibilidade das mulheres, e perguntou mais uma vez, se haveria a possibilidade de sentir prazer e manter a saúde, nas palavras do autor: “Quem preencher essa lacuna em nossa técnica médica terá preservado o prazer da vida e mantido a saúde de inúmeras pessoas, muito embora, é verdade, tenha também preparado o terreno para uma drástica mudança em nossas condições sociais.” (FREUD, 1898, p. 263).

Isto posto, foi intentando compreender o papel da sexualidade na neurose na investigação freudiana em 1898. Primeiro, enveredamos em uma análise inicial, principalmente, sobre as consequências psíquicas de uma organização social repressiva sobre a vida sexual do indivíduo. Posteriormente, Freud (1898) desafiou seus seguidores e a nós, a pensar a respeito das exigências da organização social, principalmente no que tange à sexualidade humana, sem diferenciação entre homens e mulheres, e, ainda, propôs formas de convivência entre a civilização e as reivindicações sexuais, já que um discurso repressivo e puritano se demonstrou malogrado. Percebemos, nesse escrito, que os anseios freudianos foram desafiadores e inovadores, pois, se por um lado Freud (1898) chamou a prática médica de sua época de negligente, insistindo em um olhar para questões sociais supostamente ocultas, por outro, viabilizou um lugar de indivíduo no tratamento de suas pacientes, ou melhor, criou um espaço de fala e escuta às mulheres, e, por isso, também tem sua originalidade.

Continuando nossa análise das construções freudianas do escrito de 1898, e em vias de finalizarmos nossas considerações a respeito desse texto, mencionamos outro ponto que se sobressaiu e pode auxiliar-nos em nossa investigação sobre a sexualidade, nas palavras do autor:

Ao reportarmos as vicissitudes da enfermidade de um indivíduo às experiências de seus ancestrais, fomos longe demais; esquecemos que, entre a concepção e a maturidade de um indivíduo, há um longo e importante período da vida – sua infância –, no qual se podem adquirir os germes da doença posterior. [...]. Erramos ao ignorar inteiramente a vida sexual das crianças; segundo minha experiência, as crianças são capazes de todas as atividades sexuais psíquicas, e também de muitas atividades somáticas. Assim como a totalidade do aparelho sexual humano não está compreendida nos órgãos genitais externos e nas duas glândulas reprodutoras, também a vida sexual humana não começa apenas na puberdade, como poderia parecer a um exame superficial. Contudo, é verdade que a organização e a evolução da espécie humana se esforçam por evitar uma ampla atividade sexual durante a infância. Aparentemente, no homem, as forças pulsionais sexuais destinam-se a ser armazenadas, de modo que, com sua liberação na puberdade, possam servir a grandes fins culturais. (W. Fliess). (FREUD, 1898, p. 266).

Assim, a essa altura da nossa investigação nos textos freudianos, está mais do que claro que faz parte do método psicanalítico uma investigação clínica que considere as experiências de tenra idade como parte fundamental para compreender a constituição de patogênese de ordem neurótica, mas, além dessa pressuposição constantemente retomada no texto e citação indicada acima, Freud (1898) afirmou a presença de ampla atividade sexual desde a infância. É fato que esse autor não conceituou essa ideia, mas indicou possibilidades de pensá-la quando apontou que se trata de atividade não restrita a um indivíduo homem ou mulher, pois que é uma experiência humana que une o psiquismo e o corpo de um vivente. E, retomando Fonseca (2013), com as considerações acima, Freud (1898) percebeu que a infância não é um período assexuado da vida humana, ao contrário, é justamente o período em que o corpo é marcado por

inúmeras sensações prazerosas ou desprazerosas, sendo, portanto, um período igualmente sexual.

Sem delongas, o texto freudiano de 1898 apresentou de forma intensa e exaustiva os impasses da clínica médica no assunto da sexualidade humana, sobretudo a respeito do sofrimento e das inibições vivenciadas pelas pacientes mulheres de Freud (1898), que se viram impedidas de viver sua sexualidade. Prosseguindo com nossa análise dos escritos freudianos que versam sobre o tema da sexualidade temos o trabalho nomeado *Fragmento da análise de um caso de histeria*²⁹ (1901). Sabemos que o *Caso Dora* tratado não foi a primeira comunicação freudiana publicada acerca da neurose histérica³⁰, porém, como se passaram oito anos desde as primeiras publicações até o texto indicado, destacamos a afirmação freudiana de que houve novas reformulações sobre esse modo de neurose, principalmente, no que toca o tema desta tese. Ademais, como a neurose histérica não é o tema deste estudo, e o primeiro subcapítulo atravessou as cartas freudianas, apostamos que os prenúncios conceituais de nosso interesse foram citados e, por isso, uma apreciação dos primeiros casos de histeria não se fez necessária nesse momento.

O material *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1901) foi publicado em cinco subdivisões³¹ e contém inúmeras riquezas conceituais a respeito da teoria e do método psicanalítico freudiano, porém, objetivando construir um percurso do pensamento do autor sobre o nosso assunto, abordaremos apenas os pontos textuais que possibilitam esse diálogo. Assim, sobre o texto, Freud (1901) comunicou o *Caso Dora* de forma cronológica, reconstruindo conjuntamente com a paciente suas memórias de experiências da infância até a idade de 18 anos, período de início do tratamento psicanalítico.

Solicitando que a paciente narrasse toda a história de sua doença, Freud (1901) acessou conteúdos nomeados de consciente (histórias conhecidas) e inconscientes (fatos retidos, supostamente esquecidos), prestando atenção também nos dados familiares (hereditariedade e estabelecimento de vínculos). Desse modo, nas primeiras construções sobre o caso (Quadro Clínico), Freud (1901) identificou na vida familiar da paciente aspecto hereditário da enfermidade, relacionamento amistoso e próximo ao pai e inamistoso com a mãe. Segundo esse autor, os sintomas neuróticos dessa paciente iniciaram quando ela tinha oito anos de idade, com

²⁹ Conforme notas do editor James Strachey, esse texto foi publicado no ano de 1905.

³⁰ Os primeiros casos freudianos publicados foram agrupados em um volume nomeado de *Estudos sobre a histeria* pelo editor James Strachey e compreende o período de 1893 a 1895.

³¹ Pelo editor James Strachey o manuscrito foi dividido em: a) notas preliminares; b) quadro clínico; c) o primeiro sonho; d) o segundo sonho; e) posfácio.

sofrimento de dispneia crônica, e seguiu seu curso em outras formas de manifestação – predominantemente orais – até os dezoito anos.

Pedir para que o paciente fale livremente é a regra por excelência de um candidato a analisante. É na fala e pela fala que a psicanálise freudiana construiu sua teoria e seu método. Apesar de Dora não ter ido ao consultório de Sigmund Freud espontaneamente, pois fora levada por seu pai após uma intenção suicida, o tratamento de Dora trouxe muitas contribuições para essa perspectiva, inclusive para o nosso tema (SAFATLE, 2016). Então, foi acessando as lembranças de terna idade dessa jovem que Freud (1905) seguiu afirmando que as histéricas sofrem de recordações do passado que mantêm na memória sob um véu de esquecimento, complementado, as histéricas sofreriam de lembranças “[...] ligadas à sexualidade) que não foram suficientemente ab-reagidas.”³² (SAFATLE, 2016, p. 380).

Aquém do núcleo familiar citado, fizeram parte da história dessa paciente e sua neurose um casal íntimo da família, Sra. Ka. e Sr. K., e uma governanta. A Sra. Ka. foi apontada pela paciente como aquela com quem o pai mantinha um relacionamento amoroso escondido. O Sr. K. foi indicado como aquele quem realizou investidas sexuais para com Dora, e a governanta como aquela quem foi apaixonada pelo pai da jovem e buscou alertá-la sobre o caso amoroso do pai com a Sra. Ka. Safatle³³ (2016) acrescenta indicando que a forma com que Dora estabeleceu laços afetivos com as pessoas citadas dizem muito sobre a neurose dessa jovem.

Apoiados nessas considerações, iniciamos com o relato de Dora acerca de uma cena de quando tinha 14 anos de idade e foi surpreendida sexualmente pelo Sr. K. Esse senhor apertou essa jovem e tentou roubar-lhe um beijo. Essa pressão do Sr. K. ao corpo da jovem fez com que Dora sentisse a ereção do pênis do Sr. K. Ao invés dessa jovem sentir excitação genital, foi tomada por desconforto na entrada do tubo digestivo, Freud (1905) nomeou de *deslocamento* da sensação quando o corpo é excitado em uma determinada parte, mas que por motivos outros, excita-se em outro local, no caso genitália-tubo digestivo. Safatle (2016) acrescenta com as seguintes palavras:

³² Conforme Laplanche e Pontalis (2008), ab-reação é uma descarga emocional pela qual o sujeito busca se libertar de uma recordação de um afeto penoso ou traumático. “A persistência do afeto que se liga a uma recordação depende de diversos fatores, e o mais importante deles está ligado ao modo como o sujeito reagiu a um determinado acontecimento. [...]. Se tal reação for suficientemente importante, grande parte do afeto ligado ao acontecimento desaparecerá. Se essa reação for reprimida (*unterdrückt*), o afeto se conservará ligado à recordação.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p. 1).

³³ Na interpretação de Safatle (2016), a relação de Dora com o seu pai foi marcada por uma reivindicação de afeto exclusivo constante dessa jovem, visto que, aos olhos de Dora, a Sra. Ka., a amante de seu pai, lhe roubou essa exclusividade. Pelo fato de silenciar-se (não verbalizar) essa relação entre o seu pai e a Sra. Ka., Dora sentiu-se como objeto de troca, pois o Sr. K. foi o responsável por investidas sexuais a essa jovem. A mãe de Dora fora tratada como aquela que foi desprezada pelo pai, demonstrava pouco afeto em relação aos filhos e tinha traços obsessivos em relação à limpeza.

[...] na explicação freudiana deste desgosto como incapacidade de a histérica idealizar os órgãos sexuais, retirando-os de sua função excremental, cuja atração deve ser objeto de um recalque orgânico. Esta sobreposição entre duas funções de valor contrário (excitação sexual e excrementos), assim como o déficit de idealização indica uma ambivalência insuperável entre desgosto e atração. Tal ambivalência é resultado direto de um recalque que não se realiza no caso da histeria. Ela não recalca a natureza aversiva dos órgãos sexuais através daquilo que Freud chama de “recalque orgânico” fundamentado no trabalho de valores morais, como a vergonha, o que tem por consequência fragilizar uma organização da sexualidade centrada no primado genital. A este respeito, não escapa a Freud o fato de Dora ter um desgosto ligado à zona erógena bucal. Pois o corpo histérico é um corpo onde os prazeres específicos de órgão não se submeteram a uma experiência sexual centrada no prazer genital. Seu corpo é um peculiar corpo no qual as zonas erógenas e as pulsões parciais parecem não se submeter a uma representação da sexualidade ligada à genitalidade e, por isto, capaz de produzir a organização funcional de uma sexualidade em que seria possível a assunção de uma identidade de gênero. (SAFATLE, 2019, p. 382).

Para Safatle (2016), a histérica possui impasses em assumir um corpo todo gozante, visto que, de acordo com o relato da história dessa paciente, Freud (1905), detalhadamente, demonstrou partes do corpo da jovem que foram excitadas e suas respectivas histórias, levando-nos a pensar que cada pedaço do corpo de Dora possuía uma história própria. Nesse sentindo, ainda que em pouco tempo de trabalho (três meses), pelo método psicanalítico Freud (1905) buscou integrar esse corpo fragmentado.

De maneira ofuscada, Freud (1905) e também Dora perceberam essa problemática da corporeidade na histeria, pois, intensamente investigando a cena do beijo, Freud (1905) ouviu a jovem assumir que sabia que existiam outras formas de satisfação sexual que não se relacionam diretamente aos órgãos genitais, nas palavras do autor: “Ela sabia muito bem, disse, que há mais de uma maneira de se obter satisfação sexual, e por isso, a sexualidade humana seria experienciada de forma ampliada. A fonte desse conhecimento, aliás, novamente lhe era inidentificável.” (FREUD, 1901, p. 53). Por acréscimo, por considerar que a sexualidade humana é ampliada, porque o corpo todo é gozante, Freud (1905) chamou de perversões sexuais essa manifestação de sexualidade por transgredirem a função sexual, portanto, “As psiconeuroses são, por assim dizer, o *negativo* das perversões. [...]. As forças impulsoras da formação dos sintomas histéricos não provêm apenas da sexualidade *normal* recalçada, mas também das moções perversas inconscientes.” (FREUD, 1901, p. 55-56).

Essa afirmação freudiana auxilia-nos a pensar na predominância dos sintomas³⁴ somáticos ligados à oralidade (acesso de tosse, dispneia, asma nervosa, afonia) dessa jovem e, conforme Safatle (2016), todos esses sintomas revelam as marcas de longos períodos em que

³⁴ Freud (1901) definiu sintoma da seguinte forma: “[...], o sintoma significa a representação – a realização – de uma fantasia de conteúdo sexual, isto é, uma situação sexual. Melhor dizendo, pelo menos um dos significados de um sintoma corresponde à representação de uma fantasia sexual, enquanto para os outros significados não se impõe tal limitação do conteúdo.” (FREUD, 1901, p. 53).

Dora chupou o dedo, a identificação em relação ao seu pai, que foi fumante por muito tempo, a demanda em relação a um pedido de potência ao pai, que foi descrito como impotente, e a representação da relação sexual. Desse modo, a marca da perversidade na sexualidade neurótica produz um salto significativo na compreensão freudiana que em todos os desdobramentos que fizemos não havia sido apresentada como a marca fundante de um corpo sexuado, embora em todos os textos que percorremos Freud (1905) vinha prenunciando essa possibilidade.

Importante destacarmos que esse trabalho freudiano tem um estilo de escrita que concentrou fatos clínicos (falas da paciente ou de Freud, descrição dos sintomas, exemplos, etc.) e dois sonhos da paciente, em muitas dessas passagens são mencionados conceitos caros à psicanálise. Por isso, intuindo não reduzirmos a preciosidade desse trabalho freudiano, realçamos que abordaremos os conceitos que dialogam com a nossa tese e que, nesse momento, foi a alusão ao conceito de Complexo de Édipo que será abordada de maneira aprofundada no próximo capítulo, mas que iremos apresentá-la tal como foi feto pelo autor.

A alusão ao conceito de Complexo de Édipo no Caso Dora foi percebida por Freud (1905) quando essa paciente manifestava descontentamento nas relações que o seu pai estabelecia com a mãe, a Sra. Ka. e a governanta. Na interpretação freudiana, essa espécie de insatisfação da paciente com essas relações de seu pai tinham um tom de ciúmes, visto que essas três mulheres disputavam com Dora a atenção de seu pai. Essa interpretação foi negada fortemente pela paciente e o pensamento freudiano foi interrompido – pois Dora interrompeu sua análise – antes que Freud (1905) pudesse refletir sobre essas questões.

Assim, se o Caso Dora abriu novos horizontes para pensarmos a histeria e sobretudo a sexualidade, também introduziu a possibilidade de iniciarmos construções a respeito da feminilidade, conforme Birman:

Se esse discurso se iniciou com uma indagação sistemática sobre a sexualidade feminina, representada pela figura clínica da histeria, pôde-se registrar que no seu fechamento o discurso freudiano debruçou-se sobre a feminilidade. Vale dizer, foi pela investigação dos impasses insuperáveis do erotismo feminino, concebido pela lógica fálica, que Freud concebeu a feminilidade como a forma de ser primordial da sexualidade, na qual o falo não regularia mais a produção do erotismo. Quero dizer com isso que a feminilidade condensa tragicamente na sua figura a problemática da sexualidade na psicanálise, antes de mais nada. Além disso, indico que a feminilidade é a forma crucial de ser do sujeito, pois sem a ancoragem nas miragens da completude fálica e da onipotência narcísica, a fragilidade e a incompletude humanas são as formas primordiais de ser do sujeito. Justamente por isso que o sujeito seria desejante. O que nos move no erotismo é a certeza de nossa incompletude, por um lado, e a crença na completude a ser oferecida pelo gozo, por outro. (BIRMAN, 1999, p. 53-54).

Assim, conforme a citação acima, foi a investigação freudiana sobre a histeria que possibilitou discussão sobre a feminilidade, e não podemos esquecer que nesse percurso o

conceito de Complexo Édipo está imbricado. Conforme Birman (1999), a ideia de feminilidade vem a problematizar a lógica fálica, visto que não se orienta a partir dessa.

Voltando a história da jovem Dora, Safatle (2016) propõe que o impasse da histeria se centra justamente em sustentar um corpo todo gozante, ou seja, um corpo que não está totalmente condicionado a uma lógica fálica, retornaremos a esse ponto adiante. Birman (1999) corrobora afirmando que a feminilidade está relacionada a uma posição subjetiva em que o indivíduo assume sua incompletude – e, se voltarmos ao caso Dora, veremos que foi a dificuldade em assumir a sua incompletude e o horror à excitação sexual de seu corpo que contribuiu para a histeria. Desse modo finalizando com Birman (1999), o corpo histérico é aquele que se apresenta amputado, cristalizado em seus sintomas, com estigmas e marcas polimorfos (esse conceito será trabalhado no próximo capítulo).

Assim, esse último subcapítulo atravessou pontos fundamentais da psicanálise freudiana para pensar o tema da sexualidade e da sexualidade feminina. Insofismável que a chave de leitura sexualidade é polissêmica e só pode ser compreendida pelos laços conciliatórios que estabelece com outros conceitos. No texto *As neuropsicoses de defesa* (1894), o tema da sexualidade uniu-se à constituição da neurose, perpassando a ideia de sedução e fantasia. Freud (1984) demonstrou que não existe sexualidade sem fantasia, a fantasia é de ordem psíquica, é o local em que a sexualidade ganha matéria (BIRMAN, 1999), desse modo, assim como não existe um psíquico sem corpo, não existe sexualidade sem fantasia. Também no texto supracitado questionamos: se é possível controlar a sexualidade? Esperamos que a resposta tenha ficado clara, se não, respondemos novamente afirmando que sob a sexualidade não há controle, sendo um engodo social acreditar nessa possibilidade. Freud (1894) demonstrou claramente essa impossibilidade no texto que abordamos conseqüente. No que tange às chaves de leituras sexualidade e sexualidade feminina, consideramos que não houve passagens textuais em que Freud (1894) diferenciou esses termos, houve a percepção aguçada de que homens e mulheres sofrem pressões sociais diferentes sobre seus corpos.

No texto *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (1896), sobressaíram as noções de atividade e passividade em relação às neuroses histérica e obsessiva. Essa passagem deve ser pensada em conjunto com o texto *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1898), em que Freud (1898) comunica que existem neuroses mistas, por esse ponto de vista, atividade e passividade, nesse momento, podem ser pensadas como formas subjetivas do indivíduo se colocar frente à cena sexual insuportável. Nessa lógica, devemos considerar que para se colocar passivo – ainda que inconscientemente – também exige uma cota de atividade, mesmo que não reconhecida. Freud (1898) introduziu outro binômio nesse texto, satisfações

normais e anormais, demonstrando que o limite entre uma e outra é dado pelo social, pois que sobre a sexualidade não há norma. Também nos textos apresentados não foram identificados os termos sexualidade e sexualidade feminina, embora não podemos deixar de mencionar que a predileção freudiana em seus exemplos foram os relatos de mulheres, nos fazendo refletir sobre essa relação e se há uma. Birman (1999) corrobora com nossa reflexão apontando que a percepção freudiana sobre como as histéricas sentiam seu corpo ou buscavam não o sentir e como a manifestação dessa sexualidade era tomada de forma negativa pela sociedade foi a forma com que Freud abriu espaço para pensar a feminilidade, que não se relaciona exclusivamente ao ser mulher, mais isso é assunto para o próximo capítulo. Dito de outro modo, Freud (1898) propôs questionar os lugares sociais atribuídos às mulheres e suas manifestações sexuais, mas esse ponto ainda fica incipiente, nesse momento, para tratarmos de sexualidade feminina e certamente será retomado por nós posteriormente.

Por fim, o texto *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905) tratou sobre a sexualidade ampliada e seu aspecto perverso constitucional, ou seja, sobre um corpo que está para além da biologia, da anatomia, de um corpo pulsante, que embora impedido por sua neurose e pela desorganização de sua sexualidade, sente, sabe que sente, mas esquece! Porque recalca.

3 A SEXUALIDADE AMPLIADA NA PSICANÁLISE FREUDIANA

Demonstramos, anteriormente, no capítulo *A sexualidade no recôncavo das obras freudianas*, que desde o início da construção da teoria e do método psicanalítico freudiano a chave de leitura sexualidade esteve ligada à investigação freudiana sobre os tipos de neurose, principalmente a histeria. Nesse sentido, percorrendo as cartas, os rascunhos e os textos técnicos freudianos publicados, indicamos que a construção freudiana de sexualidade é polissêmica e estabelece laços conciliatórios com outros termos dessa perspectiva que estão para além da neurose.

Porém, nesse rastreamento conceitual do capítulo anteriormente acerca do termo sexualidade, que tinha como objetivo chegar à noção de sexualidade feminina, percebemos que não houve referências freudianas objetivas sobre a relação entre sexualidade e sexualidade feminina. A ideia de sexualidade foi desenvolvida em uma íntima relação com a constituição da neurose, o que nos levou a considerá-la também como constitucional e, quando aludida à sexualidade feminina – em recortes clínicos, geralmente –, relacionava-se à neurose histérica de mulheres e às influências externas para a causação desse padecimento, principalmente as influências sociais, indicando que o interesse freudiano pela histeria abriu caminhos para investigarmos a sexualidade feminina.

O último texto, *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1901), foi o material de conclusão do segundo capítulo e também o que nos permite iniciarmos e seguirmos nossa análise sobre a noção de sexualidade feminina na obra freudiana, e perguntamos: por quê? Porque foi em uma intensa e detalhada descrição do caso de uma adolescente considerada histérica que Freud (1901) demonstrou a importância da investigação sobre a constituição dos sintomas dessa paciente e sua relação com a constituição da sexualidade. Freud (1901) trouxe ao conhecimento da paciente, e posteriormente dos seus leitores, a relevância da investigação de fatos remotos da infância e a forma como esses eventos retornam ao psíquico e ao corpo de maneira integrada.

No *Caso Dora* (1901), o autor descentrou a concepção de sexualidade procriadora para a noção de sexualidade ampliada ao demonstrar que o corpo histérico sofre por uma insuportabilidade de permitir-se a satisfação e que isso não se reduz à satisfação unicamente genital. Desse modo, Freud conclui que “As psiconeuroses são, por assim dizer, o *negativo* das perversões” (1905, p. 55), ou seja, que para além da histeria, em outras formas de psiconeuroses, a questão está em lidar com um corpo gozante ou com um corpo constituído por sexualidade ampliada. Importante lembrarmos que antes da citação acima, mais especificamente cinco

anos antes, na *Carta 52*, o autor renunciou essa ideia “[...], a histeria não é sexualidade repudiada, mas, antes, *perversão repudiada*” (FREUD, 1896, p. 287). Na época dessa correspondência, o autor discutia a dificuldade de a mulher histérica sentir prazer em um período maduro, pois que, na infância, essa dificuldade não estava instalada. E o termo perversão foi utilizado para apontar que a sexualidade não pode ser reduzida ao genital, heranças de pensamento do médico forense Krafft-Ebing (2017).

Assim, intuindo seguirmos com nossa investigação sobre sexualidade feminina e seus desdobramentos no Complexo de Édipo feminino – outra ideia abordada no *Caso Dora* (1901), mas de forma breve –, iniciamos este capítulo com os seguintes textos freudianos: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905); *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* (1905); *Sobre o esclarecimento sexual das crianças* (1907); *Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade* (1908); *Romances familiares* (1908); *A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna* (1908); *Sobre teorias sexuais infantis* (1908); *A vida sexual humana* (1916); e *III O tabu da virgindade* (1918).

3.1 DA SEXUALIDADE INFANTIL À TEORIA DA SEXUALIDADE INFANTIL

Inicialmente, de maneira especulativa, os termos sexualidade ampliada e sexualidade feminina parecem convergir quando tomam o psíquico e o corpo de forma erogenizada, não reduzidos à genitalidade.³⁵ A união entre o psíquico e o corpo foi realizada pela psicanálise freudiana com a introdução do termo *Trieb*³⁶ ou pulsão e por dialogar com a ideia de sexualidade ampliada será iniciada nesta tese neste capítulo, e posteriormente no último. Esse termo, que levantou muitos questionamentos por psicanalistas devido às traduções realizadas pelas obras completas freudianas por James Strachey para o idioma português – de *Trieb* para *Instinkt* –, sob o ponto de vista do psicanalista Laplanche (2016) são conceitos que nunca foram

³⁵ Não esquecemos que no pensamento freudiano a sexualidade feminina foi indicada como complexa por possuir duas erógenas destacadas: o clitóris e a vagina.

³⁶ Conforme o *Dicionário comentado do alemão de Freud* (1996), de Luiz Alberto Hanns, “*Trieb*, tal qual usado em alemão, entrelaça quatro momentos que conduzem do geral ao singular: 1) um princípio geral do ser vivente; 2) uma força que se manifesta biologicamente, colocando em ação os seres de cada espécie; 3) estímulos e sensações que se manifestam ‘no’ corpo somático do sujeito, como se da biologia da espécie algo brotasse nele e o aguilhoasse; e, por fim, 4) algo que se manifesta ‘para’ o sujeito, fazendo-se representar ao nível interno e íntimo, como se fosse sua vontade ou um imperativo pessoal.” (HANNS, 1996, p. 339). Desse modo, ao fazer uso desse conceito, a psicanálise rompeu com a cisão entre mente e corpo, unindo o anímico e o biológico. A pulsão apresenta quatro componentes fundamentais: 1) pressão (*Drang*), quantidade de força dispendida para a ação, portanto, toda pulsão é ativa; 2) finalidade (*Ziel*), todo objetivo pulsional é a satisfação; 3) objeto (*Objekt*), é o elemento mais variável, visto que a satisfação pode eleger qualquer objeto para o seu deleite; 4) fonte (*Quelle*), origem somática da pulsão. Nas palavras freudianas: “Por ‘pulsão’ podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, [...]. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico.” (FREUD, 1905, p. 159).

colocados como convergentes, divergentes ou opostos pelo próprio Freud, nas palavras do psicanalista: “A pulsão não é mais psíquica que o instinto. A diferença não está entre somático e psíquico, mas entre, por um lado, inato, atávico e endógeno e, por outro, adquirido e epigenético (mas nem por isso menos ancorado no corpo).” (LAPLANCHE, 2016, p. 32).

Desse modo, sem nos delongarmos nessa discussão e intuirmos seguir com a nossa investigação, para nós, neste momento, cabe considerarmos que o conceito de *Trieb* traduzido por pulsão introduzido no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (*Sexualtheorie*), em 1905, considera que na gênese a pulsão não é adaptativa (LAPLANCHE, 2016), por isso, a ideia de limitá-la e fixá-la a determinadas partes do corpo não se sustenta nessa perspectiva, principalmente após o escrito de 1905 supracitado. Corroborando com a nossa afirmação, Fonseca (2012) indica: “Nesse texto, Freud dissocia a sexualidade humana do suposto alvo privilegiado da biologia: a genitalidade reprodutiva. Esta é uma norma apenas relativa, possível ou plausível, que depende do processo de desenvolvimento da própria sexualidade.” (FONSECA, 2012, p. 21).

A partir das contribuições acima, entendendo a sexualidade humana para além da hereditariedade, de uma adaptação, fixação ou rigidez, iniciamos com o texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), mas, antes de discuti-lo, convém alertá-los sobre três pontos desse trabalho: primeiro, explicitamente, conceituar a sexualidade feminina não foi o objetivo desse texto freudiano, todavia, encontram-se nesse escrito referências importantes para pensarmos esse conceito. Segundo, conforme o próprio nome sugere, esse escrito foi dividido em três partes que dialogam entre si. A primeira tratou sobre o conceito de pulsão sexual, a segunda parte relacionou os conceitos de pulsão sexual e sexualidade infantil, e a terceira, que discorreu sobre a puberdade e suas transformações pulsionais na vida adulta. E o terceiro ponto relaciona-se à história do desenvolvimento desse texto, que contém inúmeras notas de rodapé na publicação das *Obras Completas* pela Editora Imago.

Segundo Haute, Westerink e Kistner (2016), de 1905 a 1924 Freud argumentou quatro vezes o texto mencionado, corroborando com os autores, Laplanche (2016) comunica que o escrito foi retomado por Freud nos anos de 1910, 1915, 1920 e 1924. A cada vez que Freud realizava uma publicação, acrescentava longos parágrafos, por isso, a edição de 1924 publicada na coleção foi considerada “oficialmente aprovada” e contém essas inúmeras notas de rodapé que mencionamos anteriormente. A primeira edição foi publicada apenas na língua alemã (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016). Assim, a fim de explorarmos o texto freudiano da maneira mais detalhada possível, pois é um trabalho rico em desenvolvimentos conceituais, principalmente sobre a sexualidade humana, salientamos que em nossa explanação

consideraremos as subdivisões de cada parte, o que de maneira nenhuma intenta afirmar que são passagens divergentes, desse modo, vamos ao texto.

Para conceituar pulsão, Freud (1905) percorreu sete pontos na primeira parte daquele escrito: 1) as aberrações sexuais; 2) desvios com respeito ao alvo sexual; 3) considerações gerais sobre as perversões; 4) pulsão sexual nos neuróticos; 5) pulsões parciais e zonas erógenas; 6) esclarecimento sobre a aparente preponderância da sexualidade perversa nas psiconeuroses; e 7) indicação do infantilismo da sexualidade. Realçamos que embora Freud (1905) tenha ampliado o pensamento de Krafft-Ebing (2017) quanto ao objetivo unidirecional da manifestação da sexualidade, as terminologias utilizadas para refletir sobre a sexualidade humana foram realizadas em uma relação com a psicopatologia também discutida pelo médico supracitado, visto que os termos utilizados também fazem referência a uma concepção médica.

Assim, contrariando a opinião popular de que as necessidades sexuais do homem são definidas e fixadas pela natureza, Freud (1905) iniciou o ponto 1) *as aberrações sexuais* afirmando que a pulsão sexual se faz presente desde tenra idade, e que seu objetivo, que seria a satisfação, considera o *objeto sexual* e o *alvo sexual*. Freud chamou de *objeto sexual* “[...] a pessoa de quem provém a atração sexual” (1905, p. 128) e de *alvo sexual* “[...] a ação para a qual a pulsão impele” (1905, p. 128). Desse modo, diferentemente de seus predecessores, Freud (1905) iniciou seu escrito rompendo com a visão desses e compreendendo o impulso sexual (*Sexualtrieb*) sob uma perspectiva ampliada quanto à eleição de objetos e objetivos, “[...] realmente não há nada além de uma variedade de atividades sexuais e orientações nas quais não há puramente normal ou absolutamente anormal”³⁷ (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016, p. 25, tradução nossa).

Seguindo o texto, Freud (1905) concentrou e continuou a primeira parte de seu escrito discutindo sobre os chamados homossexuais ou *invertidos* (termo médico da época). Para Haute, Westerink e Kistner (2016), essas construções não tinham o intuito de resolver uma suposta etiologia da homossexualidade, mas de indicar que a inversão, como uma das formas de manifestação da sexualidade, não pode ser excluída nessa investigação, por isso, Freud (1905) seguiu discorrendo sobre o inatismo, a degeneração e a bissexualidade (hermafroditismo), nas palavras dos autores:

Em vez de formular abordagens e respostas alternativas para a questão da etiologia, Freud centra-se na observação da homossexualidade dentro e fora do ambiente clínico. Estas observações são as seguintes: em primeiro lugar, a homossexualidade pode ser encontrada em muitas pessoas que dificilmente se desviam da norma sexual

³⁷ “[...] *there is indeed nothing but a variety of sexual activities and orientations in which there is no purely normal or absolutely abnormal sexuality*” (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016, p. 25).

comum. Em segundo lugar, a homossexualidade não afeta as realizações das pessoas, pelo contrário, os homossexuais são frequentemente evoluídos intelectualmente e moralmente. Em terceiro lugar, a homossexualidade pode ser encontrada em todas as civilizações. No entanto, a avaliação moral da homossexualidade em diferentes contextos culturais varia. Disso ele basicamente conclui que a homossexualidade como tal não pode ser classificada como anormal, significa que as visões estabelecidas sobre a distinção entre a sexualidade normal e anormal precisa ser reconsiderada.³⁸ (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016, p. 26, tradução nossa).

Então, conforme os autores acima, Freud (1905) demonstrou que a homossexualidade não pode ser compreendida em termos degenerativos, visto que é um modo de manifestação da sexualidade e para ser considerada *aberração sexual* precisa ser compreendida na e pela relação da pessoa de quem procede e o objeto eleito. Logo, sobre a *aberração sexual*, o autor dedicou algumas considerações em um tópico intitulado (B) *animais e pessoas sexualmente imaturos como objetos sexuais*, porém, como não traz elucidações diferentes das que trabalhamos até agora para o nosso objetivo, não as mencionaremos.

Salientamos, também, que a discussão freudiana acerca da noção de bissexualidade nessa primeira parte do texto foi realizada em relação ao exame da sexualidade na homossexualidade, não se relacionando a um aspecto constitucional que as análises freudianas aludiram em algumas passagens do segundo capítulo e que iremos abordar apenas se atravessar os textos eleitos e acrescentarem a nossa pesquisa de tese. Outra consideração importante nessa primeira parte do texto foi acrescentada em nota de rodapé após 10 anos da primeira publicação, onde Freud (1915) indicou que fazem parte da constituição da homossexualidade as primeiras relações parentais, essa é uma questão que trabalharemos adiante.

No ponto 2) *desvios com respeito ao alvo sexual*, do texto de 1905, Freud identificou como perversões as transgressões anatômicas que têm por objetivo percorrer outras áreas do corpo antes do alvo sexual final para o coito. Para elucidar sua ideia o autor dividiu esse segundo ponto em duas partes, a saber: A) *Transgressões anatômicas* e B) *Fixações de alvos sexuais provisórios*.

Em A) *Transgressões anatômicas*, Freud (1905) afirmou que o objeto sexual, enquanto objetivo pulsional, não se restringe à genitália, logo não se restringe à união dos órgãos genitais. O autor nomeou de *supervalorização do objeto sexual* essa atividade sexual que toma outras

³⁸ “Instead of formulating alternative approaches and answers to the question of etiology, Freud focuses on the observation of homosexuality in and outside of the clinical setting. These observations are as follows: Firstly, homosexuality can be found in many persons who hardly deviate from the common sexual norm. Secondly, homosexuality does not disturb a persons’s achievements – on the contrary, homosexuals are often highly advanced intellectually and morally. Thirdly, homosexuality can be found in all civilizations; however, the moral evaluation of homosexuality in different cultural contexts varies. From this he basically concludes that homosexuality as such cannot be classified as abnormal. This means that the established views oh the distinction between normal and abnormal sexuality need to be reconsidered.” (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016, p. 26).

partes do corpo como alvo sexual. Evidenciamos que, juntamente a essa afirmação, o autor considerou que esse fato pôde ser estudado no homem, enquanto na mulher, devido à “[...] atrofia cultural, em parte por sua discrição e insinceridade convencionais, permanece envolta numa obscuridade ainda impenetrável.” (FREUD, 1905, p. 143).

Essa citação freudiana acima retomou as problemáticas sociais que o próprio autor percebeu sobre as diferenças sociais a respeito das manifestações das sexualidades masculina e feminina mencionadas no capítulo anterior. Porém, cabe-nos acrescentar também que esse ponto foi retomado pelo autor em 1920, com a seguinte nota de rodapé: “Nos casos típicos, falta à mulher uma ‘supervalorização sexual’ do homem, mas essa quase nunca se mostra ausente com respeito ao filho que ela dá à luz.” (FREUD, 1920, p. 143). Essa menção, que atribui a relação mãe-filho a ordem do sexual, onde o filho pode ser tomado como objeto sexual pela mulher, será abordada adiante, quando tocarmos a concepção de sexualidade feminina, por ora, dizemos que em 1920 o autor havia avançado com sua teoria das pulsões, a ideia de sexualidade feminina estava desenvolvendo-se em relação à maternidade, e certamente há uma contradição nas hipóteses freudianas acima: se parte da sexualidade da mulher foi indicada como obscura e impenetrável como é possível afirmar que não há uma supervalorização pela mulher em sua própria sexualidade?

O uso sexual da mucosa dos lábios e da boca, uso sexual do orifício anal, substituição imprópria do objeto sexual – fetichismo também foram contemplados no tópico A) Transgressões anatômicas com a intenção de demonstrar que as práticas sexuais e seus objetivos não são limitados aos genitais, mas ampliados, envolvendo todo o corpo. Haute, Westerink e Kistner corroboram nossa análise com as seguintes palavras:

Segundo Freud, a observação das atividades sexuais e relacionamentos mostra que o objetivo sexual quase nunca é limitado aos genitais, mas envolve todo o corpo como uma superfície de excitação e prazer. [...]. Todas as atividades, atividade oral-genital, anal-genital, fetichismo, sadomasoquismo, voyerismo, exibicionismo, beijos, envolvem partes do corpo que não pertencem ao objeto sexual *strictu sensu*.³⁹ (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016, p. 29, tradução nossa).

Portanto, indicando o aspecto ampliado da sexualidade no corpo, no ponto B) *Fixações de alvos sexuais provisórios*, Freud (1905) tratou das atividades sexuais que encontram impasses em sentir satisfação com o alvo sexual normal e, por isso, buscam outros alvos sexuais “[...], que podem tomar o lugar dos normais” (FREUD, 1905, p. 147). Não falaremos sobre essa

³⁹ “According to Freud, to the observation of sexual activities and relationships shows that the sexual aim is hardly ever limited to the genital, [...]. After all, like oral-genital activities, anal-genital activities, fetishism, sadomasochism, voyeurism, and exhibitionism, kissing involves body parts that do not belong to the sexual apparatus *sensu strictu*.” (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016, p. 29).

discussão freudiana entre “normal” e “anormal” porque o aspecto ampliado da sexualidade que gostaríamos de levantar foi realizado.

No tópico 3) *considerações gerais sobre as perversões*, Freud (1905) concluiu com dois pontos: primeiro, nenhum ser humano é despojado de um lado obscuro ou perverso, posto que a perversão é constituída na mesma medida em que a sexualidade o é no humano, portanto, uma dissociação entre perversão e sexualidade não parece possível. Segundo a perversão, enquanto traço constitucional da sexualidade, está unida ao movimento da pulsão sexual, que muitas vezes precisa lutar com forças como a vergonha e o nojo, que visam limitar e restringir o desenvolvimento da pulsão sexual. Haute, Westerink e Kistner (2016) acrescem que Freud (1905) realizou essa afirmação baseando-se nos estudos de histeria em que a vergonha e o nojo foram compreendidos como formações de reações, forças psíquicas que visam reprimir o desprazer, que é consequência da excitação sexual, mas essa discussão não para por aí, seguindo.

Conforme Haute, Westerink e Kistner (2016), as considerações freudianas sobre a vergonha e o nojo foram reformuladas algumas vezes, a saber: primeiro, foram compreendidas como limitação “determinada organicamente”, posteriormente, foram pensadas em relação à moralidade cultural, ou seja, a vergonha e o nojo poderiam ser manifestações interiorizadas da cultura, posto que existiam casos em que essas duas características permaneciam independentemente da moral cultural. Assim, para os autores supracitados, Freud concluiu essa questão naquele momento da seguinte forma:

[...] Freud argumentou que a sexualidade infantil ainda não foi organizada por meio da primazia genital, mas envolveu todas as zonas erógenas e talvez até mesmo toda a superfície do corpo como fontes de sensações prazerosas. No devido tempo (puberdade) e para alguns ainda desconhecidos, as zonas erógenas não genitais não produzem mais excitação sexual, mas desprazer, se manifestando em nojo e vergonha. Embora Freud não pudesse fornecer as respostas para todas as questões em aberto sobre a sexualidade infantil, desprazer e repressão, era claro que a repressão poderia ser pensada sem referências a influências externas, portanto, sem referência à moralidade cultural interiorizada. [...], a moralidade cultural sempre será estruturada de acordo com os padrões psíquicos que resultam de processos orgânicos.⁴⁰ (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016, p. 31, tradução nossa).

⁴⁰ “[...], Freud argued that infantile sexuality was not yet organized through genital primacy, but involved all erogenous zones and maybe even the whole body surface as sources of pleasurable sensations. In due time (puberty) and for some as yet unknown reason, the nongenital erogenous zones no longer produce sexual excitement, but unpleasure manifesting itself in disgust and shame. Although Freud could not deliver the answer to all the open questions on infantile sexuality, unpleasure, and repression, it was clear that repression could be thought of without references to external influences, hence, without reference to interiorized cultural morality. [...], cultural morality will Always be structured according to the psychic patterns that result from organic processes.” (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016, p. 31).

Assim, como os autores citados demonstraram, a moralidade cultural é um fator externo a ser considerado no desenvolvimento da sexualidade e da neurose, porém, não pode ser tomada sem referência a uma construção anterior, que envolve fatores psíquicos e biológicos. No ponto 4) *pulsão sexual nos neuróticos*, Freud (1905) retomou as afirmações anteriores concluindo que nas neuroses as forças pulsionais sexuais participam de maneira predominante, ou exclusiva ou parcial, e, por isso, “[...], os sintomas são a atividade sexual dos doentes” (FREUD, 1905, p. 155). Portanto, para Freud (1905), as manifestações sintomáticas desses indivíduos possuem como fontes a pulsão sexual normal e aquelas consideradas perversas, que são convertidas em fantasias e ações. Desse modo, a discussão entre neurose e perversão retorna à premissa “[...] a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão” (FREUD, 1905, p. 157), demonstrando que sobre a sexualidade humana não há dicotomias entre neurose e perversão. A questão sobre a presença da perversão na sexualidade humana será retomada na segunda parte do texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), em que será abordada a sexualidade infantil.

Caminhamos nessa primeira parte do texto freudiano fazendo uso da terminologia pulsão e sua relação com a sexualidade humana sem conceituá-la devidamente, e mesmo que tenhamos apresentando na introdução as problemáticas do uso desse termo, não o explicamos, pois, até esse ponto 5) *pulsões parciais e zonas erógenas*, o próprio autor não o havia feito, desse modo, é no ponto indicado que encontramos a sua definição, nas palavras do autor:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, o que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e se alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico. Outra hipótese provisória de que não podemos furtar-nos na teoria das pulsões afirma que os órgãos do corpo fornecem dois tipos de excitação, baseados em diferenças da natureza química. A uma dessas classes de excitação designamos como a que é especificamente sexual, e referimo-nos ao órgão em causa como a “zona erógena” da pulsão parcial que parte dele. (FREUD, 1905, p. 159).

Embora parte da citação acima tenha sido acrescentada em 1915, ano em que Freud desenvolveu o texto *As pulsões e seus destinos*, afirmamos que em 1905 Freud havia percebido a importância de concepção conceitual que unisse o corpo e o psíquico para entender a gênese da neurose, essa afirmação pode ser comprovada pela própria investigação freudiana que desenvolvemos no segundo capítulo e até agora. Nos últimos pontos 6) *esclarecimento sobre a aparente preponderância da sexualidade perversa nas psiconeuroses* e 7) *indicação do*

infantilismo da sexualidade da primeira parte do texto de 1905, o autor reafirmou as considerações sobre a importância da investigação da vida sexual dos indivíduos para a compreensão da formação da neurose. Logo, a fim de não ficarmos repetitivos nessa tese e por considerarmos que extraímos da primeira parte do texto as problemáticas necessárias para a nossa pesquisa sobre a compreensão de sexualidade no pensamento freudiano, concluímos essa parte com os autores Haute, Westerink e Kistner (2016), que nos indicam que insofismável foi a investigação freudiana sobre a neurose, principalmente a histérica e a explicação que essa forma de padecimento forneceu para a compreensão futura de sexualidade, pois, tomada como modelo, a histeria abriu os estudos para a sexualidade humana de forma não reduzida à genitalidade, onde as experiências infantis primevas não podem ser negadas e as perversões são constituintes, como demonstramos acima.

A segunda parte do texto freudiano, em que o conceito de pulsão sexual foi mencionado em relação ao desenvolvimento da sexualidade infantil, também teve algumas subdivisões como a primeira parte, foram elas: 1) *o período de latência sexual da infância e suas rupturas*; 2) *as manifestações da sexualidade infantil*; 3) *o alvo sexual da sexualidade infantil*; 4) *as manifestações masturbatórias*; 5) *a investigação sexual infantil*; 6) *as fases de desenvolvimento da organização sexual*; e 7) *as fontes da sexualidade infantil*. Assim, seguindo o raciocínio de sexualidade não apenas genital porque envolve todo o corpo, se acresce a premissa de que há sexualidade na infância, afinal os estudos sobre histeria também confirmaram essa hipótese freudiana.

A razão freudiana encontrada para refletir acerca do descaso para com a sexualidade infantil foi chamada de *amnésia infantil*, ou seja, “[...], encobre os primeiros anos da infância, até os seis ou oito anos de idade. [...] numa amnésia semelhante à que observamos nos neuróticos em relação às vivências posteriores, e cuja essência consiste num mero impedimento da consciência (recalcamento)” (FREUD, 1905, p. 164-165). Fortalecendo as suas afirmações anteriores, nesse ponto, percebemos que o autor manteve a ideia de atividade sexual na infância, e com essa asserção vamos para o início da segunda parte do texto, 1) *o período de latência sexual da infância e suas rupturas*.

Nesse ponto textual, Freud (1905) afirmou que as pulsões sexuais apresentadas aos indivíduos desde o nascimento sofrem avanços ou suspensões em seu percurso, e, por isso, não foi possível precisar todas as suas formas de manifestação, visto que é uma fase do desenvolvimento humano sexual oscilante. Segundo o autor, essas suspensões ou inibições sexuais são consequências de condição e fixação hereditárias, nos parecendo que Freud (1905) manteve o posicionamento apontado na primeira parte do texto de que a presença da inibição

no desenvolvimento sexual envolve fatores psíquicos e biológicos intrinsecamente ligados. Importante considerarmos que a inibição da pulsão sexual não foi tratada no sentido de sua não manifestação, mas de supressão, que acaba por obrigar uma mudança de rota e, mesmo assim, sua expressão. Esse fato nos leva a afirmar que a pulsão, em suas dimensões psíquica e biológica, está parcialmente condicionada a esses elementos.

No ponto 2) *as manifestações da sexualidade infantil*, Freud (1905) considerou como formas de expressão da sexualidade infantil as atividades do chuchar [*Ludeln* ou *Lutschen*], que aparecem no indivíduo desde o nascimento e pode persistir posteriormente, até a maturidade, por exemplo, e a atividade do autoerotismo⁴¹, que compreende a sensação da satisfação com e no próprio corpo. Fonseca (2012) corrobora essas pressuposições freudianas elucidando que a *Trieb* oral pode ser considerada a porta de entrada do indivíduo ao circuito pulsional, visto que o objeto pulsional eleito pode ser o seio, mas não é necessariamente o único. O psicanalista Kusnetzoff acrescenta:

Queremos dizer que a boca não é apenas aquela cavidade anatômica que cumpre determinadas funções de ordem biológica, mas também qualquer outro sistema ou atividade corporal que preencha os requisitos essenciais deste modelo – corpo oco, aconchegante, com movimentos de inclusão e expulsão, etc. – será entendido como *boca*. Assim, por exemplo: – o complexo aerodigestivo, incluindo, sobretudo na primeira etapa, todo o trato gastrointestinal; – os órgãos da fonação e da linguagem; – todos os órgãos dos sentidos [...]; – a pele, com todas as suas funções superficiais (tato) ou profundas (sensações propioceptivas). [...]. O objeto da etapa oral é o seio, ou seja, tudo aquilo que se refere ao seio materno ou o substitui. É necessário destacar que o seio materno vai satisfazer não só a necessidade biológica da alimentação, mas também outros tipos de necessidade, [...]. (KUSNETZOFF, 1982, p. 30-31).

Assim, conforme Kusnetzoff (1982), a cavidade oral quando despertada, inicialmente se apoia à função somática vital, porém, como o próprio Freud (1905) demonstrou, não se reduz a ela. Seguindo esse raciocínio freudiano de um corpo pulsional marcado por funções somáticas que se estendem para outras áreas erógenas, iniciamos o ponto 3) *o alvo sexual da sexualidade infantil*, em que Freud (1905) abordou justamente as *características das zonas erógenas* e o *alvo sexual infantil*.

Nesse ponto, Freud (1905) apontou que a característica fundamental da zona erógena é a sensação de prazer em determinada parte do corpo, realçando que embora existam certas zonas erógenas predestinadas, a qualidade do estímulo pode percorrer o corpo todo. A noção de alvo sexual da pulsão infantil foi entendida como a atividade que causa satisfação estimulando determinada área erógena. Esses conceitos que indicam um corpo gozante

⁴¹ No texto *Sobre o esclarecimento sexual das crianças*, Freud (1907) comunicou que a expressão autoerotismo foi introduzida pelo médico, psicólogo e estudioso da sexualidade humana Havelock Ellis.

dialogam com a tese freudiana de que a sexualidade é ampliada, ou seja, é uma sexualidade que não se reduz à genitalidade, embora na maturidade parcialmente se subordina a essa área, como veremos adiante.

No ponto 4) *as manifestações masturbatórias*,⁴² Freud (1905) seguiu seu texto percorrendo outras extensões do corpo que inicialmente são predeterminadas e que, posteriormente, na maturidade, podem vir a ser zonas erógenas eleitas para formas de satisfação. Nesse sentido, após a atividade oral, temos a atividade anal e a atividade genital, que se organizam de modo semelhante a oral, ou seja, temos as zonas erógenas que serão destacadas, como o próprio nome sugere, e posteriormente a possibilidade de extensão para outras áreas do corpo. Freud (1905) entendeu essa disposição transgressora da pulsão sexual como perversa polimorfa, ou seja, quando a atividade sexual é estendida para outros fins que não o prazer genital. Acrescentando essa ideia os autores Haute, Westerink e Kistner (2016) afirmam:

A conclusão final a ser extraída das opiniões de Freud sobre a natureza polimorfa perversa da sexualidade infantil já estava prenunciada em sua elaboração sobre o objetivo sexual: estritamente falando, não há perversões, uma vez que o que costumávamos chamar de perversões são, na verdade, apenas atividades sexuais em continuidade com (por meio de exclusividade e fixação) a disposição sexual original de todos os seres humanos. O adjetivo polimorfo ressalta a ideia de que a sexualidade infantil não é estruturada por qualquer princípio ou ordem inata.⁴³ (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016, p. 32-33, tradução nossa).

Assim, indicando a disposição perversa polimorfa como parte fundamental da sexualidade humana, que se mostra ampliada, seguimos com o ponto 5) *a investigação sexual infantil*, em que se destaca a pulsão dirigida para o saber sobre a própria origem. A pulsão de saber foi entendida nesse escrito do seguinte modo: por volta dos três, quatro anos de idade, ameaçada pela chegada de um novo bebê, a criança inicia uma atividade investigatória sobre a origem da vida, “A ameaça trazida para suas condições existenciais pela chegada conhecida ou suspeitada de um novo bebê, assim como o medo de que esse acontecimento traga consigo a perda de cuidados e de amor, [...]” (FREUD, 1905, p. 183).

Esse enigma da existência foi identificado por Freud (1905) como o mesmo Enigma de Tebas, apresentado a Édipo, *O enigma da esfinge*, e marca o movimento exploratório humano

⁴² Freud (1912) publicou fragmentos de um longo debate sobre o tema da masturbação intitulado *Contribuições a um debate sobre a masturbação*. Nesse escrito tratou essa atividade como uma entre tantas outras formas de satisfação sexual.

⁴³ “The ultimate conclusion to be drawn from Freud’s views on the perverse polymorphous nature of infantile sexuality is already foreshadowed in his elaborations on the sexual aim: strictly speaking, there are no perversions, since what we used to call perversions are in fact merely sexual activities in continuity with (through exclusiveness and fixation) the sexual disposition original to all human beings. The adjective “polymorphous” underscores the idea that infantile sexuality is not structured by any innate principle or order.” (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016, p. 32-33).

de buscar o sentido da vida e o lugar no mundo como condições de existência. Pelo escrito freudiano, até o início dessa travessia, a diferença sexual anatômica ainda não se apresentou ao indivíduo como questão:

[...], o fato de existirem dois sexos é inicialmente aceito pela criança sem nenhuma rebeldia [...]. Para o menino, é natural presumir uma genitália igual à sua em todas as pessoas que ele conhece, sendo-lhe impossível conjugar a falta dela com a sua representação dessas outras pessoas. Essa convicção é energicamente sustentada pelos meninos, [...] e, somente abandonada após sérias lutas internas (o complexo de castração). As formações substitutivas desse pênis perdido das mulheres desempenham um grande papel na forma assumida pelas diversas perversões. A suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis. [...] a garotinha não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas consequências. (FREUD, 1905, p. 183-184).

Desse modo, é a partir da experiência de falta para a menina, que não possui o pênis, e de posse para o menino, que o possui, mas sente medo de perdê-lo ao visualizar a genitália feminina, que Freud (1905) introduz reflexões que nos auxiliaram a começar a entender a sexualidade feminina. Esse complexo de castração experienciado por ambos, meninas e meninos, nos auxiliam a considerar um primeiro ponto a respeito da sexualidade feminina, ela inscreve-se a partir de uma falta. Porém, se tomarmos que o medo de perder o pênis pelo menino também pode ser considerado experiência de falta, então, nada temos ainda em relação à peculiaridade da sexualidade feminina, apenas que meninas e meninos precisam lidar com uma perda que é própria do desenvolvimento da sexualidade.

Outra questão a ser levantada nesse ponto relaciona-se ao fato de Freud (1905) ter nomeado o enigma da existência como Enigma de Tebas aludindo ao Enigma da Esfinge do Rei Sófocles. Embora tenhamos conhecimento de que o conceito de Complexo de Édipo será desenvolvido adiante, no texto de 1905 Freud não fez referência objetiva a essa ideia. Auxiliando-nos com essa observação, os autores Haute, Westerink e Kistner (2016) explicam que a definição do conceito de Complexo de Édipo⁴⁴ estava ausente em 1905 devido à impossibilidade teórica, pois, naquele período a sexualidade infantil foi considerada autoerótica e a noção edipiana insere a ideia de sexualidade infantil objetal, que só ocorre no início das mudanças da puberdade.

⁴⁴ Segundo Haute, Westerink e Kistner (2016), a compreensão do conceito de Complexo de Édipo como fundamental para o entendimento da psicopatologia foi formulado pela primeira vez no quarto ensaio de *Totem e tabu* (1913) e no texto *O eu e o isso* (1923) adquiriu a sua concepção estrutural.

Essa formulação de sexualidade infantil objetal foi apresentada por Haute, Westerink e Kistner (2016) como *O problema das relações de objetos*.⁴⁵ Essa problemática destacada pelos autores citados esteve presente nas entrelinhas das primeiras construções freudianas do texto de 1905. Quando Freud (1905) anunciou que na preponderância da atividade oral temos a necessidade vital, a necessidade de nutrição (fonte somática) e, também, uma extensão dessa que além do próprio corpo é também o corpo daquele que faz a função materna chegamos a um impasse na teoria freudiana, que conforme demonstramos acima não seguiu para as questões relacionais específicas do infante e de seus cuidadores nesse momento do texto. Haute, Westerink e Kistner (2016) dizem que Freud resolveu esse impasse indicando que o laço afetivo entre a criança e seu cuidador é um modo de sexualidade.

Desse modo, para os autores supracitados, na teoria freudiana faltou explicação para entender a importância das primeiras relações na constituição do indivíduo, “O que está faltando aqui é uma teoria do apego⁴⁶ [...]” (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016, p. 57, tradução nossa), embora esses autores acreditem que a *teoria da sedução* permita reflexão em algumas questões dessa ordem. Assim, objetivando retorno ao texto freudiano, finalizamos essa discussão com uma passagem dos autores acima, “Freud, por incrível que pareça, nunca tenta esconder os problemas que assombram o seu próprio sistema” (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016, p. 59, tradução nossa), e essa característica tão presente nos trabalhos freudianos marcam grandiosidade na obra desse autor.

Então, no ponto 5) *a investigação sexual infantil*, Freud (1905) concluiu que as crianças não são ingênuas quanto à presença de atividade sexual, pois que o próprio ímpeto infantil em buscar explicações ou teorias para entender a existência são dessa ordem. No ponto 6) *as fases de desenvolvimento da organização sexual*, Freud (1905) elucidou que no período em que a vida sexual infantil é autoerótica, ou seja, ainda não está direcionada para a atividade genital, chama-se *pré-genital*, sendo subdividida em dois momentos, a saber: primeiro, *oral* ou *canibalesca*, onde a atividade sexual permanece unida à necessidade vital (nutrição), “O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na *incorporação* do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da *identificação*, um papel psíquico tão importante” (FREUD, 1905, p. 187). O psicanalista Kusnetzoff (1982) corrobora com a afirmação freudiana explicando que esse período foi identificado como canibalístico porque refere-se ao aparecimento dos dentes e a incorporação dos objetos é elementarmente sádica,

⁴⁵ “The problem of object relations.”

⁴⁶ “What is missing here is a theory of attachment [...]”. (HAUTE; WESTERINK; KISTNER, 2016, p. 59).

destrutiva. A ideia de identificação é entendida como processo psíquico no qual o indivíduo irá se constituir.

A segunda divisão pré-genital foi nomeada de *sádico-anal*, “Nela, a divisão em opostos que perpassa a vida sexual já se constitui, mas eles ainda não podem ser chamados de masculino e feminino, e sim ativo e passivo. [...]. Nessa fase, [...], já é possível demonstrar a polaridade sexual e o objeto alheio” (FREUD, 1905, p. 187). A ideia de sadismo foi relacionada à analidade, pois relaciona-se à tendência de expulsar o objeto e a retê-lo (KUSNETZOFF, 1982). Dessa maneira, a polaridade pulsional expulsar e reter inseriu o binômio ativo e passivo, que na psicanálise freudiana relaciona-se à noção de ambivalência entendida como a experimentação de atividades pulsionais opostas pelo indivíduo.

Porém, assim como Freud afirma o antagonismo humano pelas preferências pulsionais na constituição o refuta na seguinte citação:

Para completar o quadro da vida sexual infantil é preciso acrescentar que, com frequência ou regularmente, já na infância se efetua uma escolha objetual como a que mostramos ser característica da fase de desenvolvimento da puberdade, ou seja, o conjunto das aspirações sexuais orienta-se para uma única pessoa, na qual elas pretendem alcançar seus objetivos. Na infância, portanto, essa é a maior aproximação possível da forma definitiva assumida pela vida sexual depois da puberdade. (FREUD, 1905, p. 188).

Embora parte da citação acima tenha sido acrescentada em nota de rodapé no ano de (1924), sendo chamada de *estágio fálico*, é uma afirmação que traz muitas problemáticas: a primeira delas diz sobre a construção do próprio texto, pois Freud (1905) afirmou a noção de ambivalência e logo em seguida referiu-se à escolha objetual. Ora o sentido de uma corrente pulsional unidirecional sugere contrariar a ideia de ambivalência pulsional, que amplia formas de sexualidade; por outro lado, o próprio autor não tratou os conceitos como substitutos, sobreposições e, tampouco, os excluiu, nos levando a considerar também que quando Freud (1905) nos disse que o indivíduo na puberdade elege um objeto sexual (que pode se conservar na maturidade), também não nos disse que esse objeto é único para o indivíduo.

No último ponto do texto 7) *as fontes da sexualidade infantil*, Freud (1905) indicou que são três as fontes da sexualidade infantil, a saber: impulsos orgânicos; impulsos pelas zonas erógenas; e, o terceiro, as pulsões parciais de ver (que aparecem de forma espontânea na constituição da criança) e para a crueldade (relacionada à pulsão de dominação). Essas pulsões são independentes das zonas erógenas e incluem outras pessoas como objetos sexuais. Freud (1905) afirmou o desconhecimento sobre a origem dessas pulsões e em nota de rodapé disse que as observações dessas pulsões não foram realizadas em crianças, mas em adultos, demonstrando dúvida nessas considerações e falta de prova empírica. Assim, a segunda parte

do texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* explorou o desenvolvimento da sexualidade infantil e como essa constituição pode vir a eleger determinadas zonas erógenas na maturidade.

A terceira e última parte do texto citado foi nomeada de *As transformações na puberdade*, e foi subdividida em cinco partes, a saber: 1) o primado das zonas genitais e o pré-prazer; 2) o problema da excitação sexual; 3) a teoria da libido; 4) diferenciação entre o homem e a mulher; e 5) o encontro do objeto, e possui algumas problemáticas. A primeira delas diz respeito à compreensão desse período em que as pulsões parciais experienciadas na vida sexual infantil subordinam-se à zona genital, “A pulsão sexual coloca-se agora a serviço da função reprodutora; [...]” (FREUD, 1905, p. 196). Esse estreitamente pulsional foi criticado por Haute, Westerink e Kistner (2016), que apontam que esse posicionamento freudiano reintroduziu a abordagem tradicionalista sobre a noção de sexualidade em que nas formas de manifestação teria um único alvo, o genital. Concordando com os autores mencionados, se anteriormente tínhamos possibilidade de compreender a pulsão sexual de maneira plural, nessa passagem freudiana isso não nos parece possível.

A segunda problemática introduzida por Freud logo no início de seu texto encontra-se nessa citação:

Posto que o novo alvo sexual atribui aos dois sexos funções muito diferentes, o desenvolvimento sexual de ambos passa agora a divergir muito. O do homem é o mais consequente e também o mais facilmente acessível a nossa compreensão, enquanto o da mulher representa até mesmo uma espécie de involução. (FREUD, 1905, p. 196).

Pelos rastreamentos textuais freudianos que realizamos até o momento, apontamos que no pensamento freudiano havia inclinação em conceber a constituição sexual de homens e mulheres de maneiras diferentes – essa opinião foi marcada nos textos em que houve atravessamentos sociais e, de maneira especulativa consideramos que a eleição por exemplos clínicos de mulheres também carrega esse objetivo. Conforme a afirmação acima, claramente há diferença na constituição sexual de homens e mulheres, porém, a problemática que levantamos diz respeito à consideração do desenvolvimento da sexualidade da mulher ser tomado como regressão e não ser abordada no próprio tópico concepção que articule essa ideia. Por outro lado, é possível considerarmos que esse pensamento será intuído adiante no texto e, por isso, seguimos com os pontos 1) *o primado das zonas genitais e o pré-prazer* e 2) *o problema da excitação sexual*, que podem ser expostos de maneira conjunta.

Então, nos pontos mencionados acima, Freud (1905) afirmou a preponderância da zona genital em relação às outras zonas erógenas no início da puberdade e ao longo da maturidade. Para o autor, as zonas erógenas são despertadas por *tensão sexual*. Essa tensão carregada de

desprazer pressiona o organismo como um todo para a liberação, e quando liberada é sentida como prazer. Esse aspecto dinâmico do organismo, que não pode ser compreendido de maneira dissociada do psiquismo, foi prenunciado no texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895), quando a atenção freudiana estava em construir psicofisiologia (articulação entre uma química voltada para a conservação e outra para a sexualidade) (FONSECA, 2012).

Segundo Fonseca (2012), a ideia freudiana de pré-prazer e pós-prazer, que subordina a sexualidade infantil à genitalidade na maturidade, é herança biológica que não garante resultado. Do ponto de vista normativo, esse psicanalista e filósofo apontou que nessa proposta Freud (1905) delineou “[...] uma situação na qual, durante a progressiva excitação sexual, sente-se cada vez mais prazer, até que se chegue ao orgasmo. Os estímulos se acumulam prazerosamente até um momento de clímax, possível pelo amadurecimento e pelo privilégio no adulto da zona erógena” (FONSECA, 2012, p. 110). Então, conforme Freud (1905) e a análise de Fonseca (2012), na sexualidade infantil os prazeres preliminares são descarregados de forma imediata. Na sexualidade adulta o acúmulo de tensão tem a necessidade de descarga pelo orgasmo, porém, afirmarmos que o aumento de tensão seria prazer é uma problemática difícil de assegurar, como disse Laplanche (2016), e que nós não temos a intenção nessa tese de desenvolver e, por isso, ficará em suspenso. Os pontos 1) *o primado das zonas genitais e o pré-prazer* e 2) *o problema da excitação sexual* introduzem o ponto 3) *a teoria da libido*.

Nesse ponto Freud utilizou a noção de libido para compreender aspectos químicos da excitação sexual que dominam as formas psíquicas da sexualidade, nas palavras do autor: “Estabelecemos o conceito da *libido* como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual” (FREUD, 1905, p. 205). Conforme o pensamento freudiano, a excitação sexual que percorre o corpo todo possui representação psíquica (*libido do ego*) e é investida em objetos sexuais (*libido do objeto*). Auxiliando-nos a compreender de que maneira essa teoria articula-se à noção de sexualidade, o psicanalista e filósofo Fonseca disse:

O interesse de Freud pela definição do conceito de libido, [...], é especificar como a sexualidade provém de uma energia própria, distinta daquela que anima os impulsos de conservação do Eu, pela ligação especial desta última com as representações do mundo, inclusive o próprio corpo. A distinção entre dois tipos de impulso, o sexual e o de conservação, é baseada no conceito de zona erógena. Este define o impulso sexual como alguma coisa parcial que visa o estímulo de um órgão receptivo: especialmente pele, mucosas e os órgãos dos sentidos. A meta do impulso é obter satisfação ou prazer, independente de uma necessidade objetiva, como satisfazer a fome. Toda estimulação é sentida pela consciência como desprazerosa, pois demanda uma modificação: o aparelho psíquico se constitui fundamentalmente como instrumento para diminuir a carga de estimulação interna ou externa à qual o organismo está submetido. [...]. Assim, todo impulso provoca desprazer, pois, a partir do momento que acumula energia, faz pressão por se descarregar, e é isso que o esforço vital do

psiquismo tenta corrigir, tendo como meta o desprazer [...]. (FONSECA, 2012, p. 106-107).

Então, a partir das considerações de Freud, a teoria da libido uniu e manteve a proposta freudiana de pensar a sexualidade nas dimensões biológicas e psíquicas e, no caso da sexualidade infantil, que prenuncia manifestações na sexualidade adulta, determinou que a motivação orgânica do prazer pode ser diversa (FONSECA, 2012), embora haja subordinação da sexualidade adulta à genitalidade (entendida como pós-prazer).

Se até o momento do texto freudiano a sexualidade infantil e a sexualidade adulta foram tratadas pela via da contiguidade, no ponto 4) *diferenciação entre o homem e a mulher*, encontramos significativas contribuições a respeito da sexualidade feminina. Importante evidenciarmos que na primeira versão de seu texto, Freud (1905) apontou que masculino e feminino são características presentes na infância e na puberdade é definida, indicando fixação em masculino ou feminino, porém, em 1915, em nota de rodapé, o autor disse:

É indispensável deixar claro que os conceitos de “masculino” e “feminino”, cujo conteúdo parece tão inambíguo à opinião corriqueira, figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõem em pelo menos três sentidos. Ora se empregam “masculino” e “feminino” no sentido de *atividade* e *passividade*, ora no sentido *biológico*, ora ainda no sentido *sociológico*. O primeiro desses três sentidos é o essencial, assim como o mais utilizável em psicanálise. A isso se deve que a libido seja descrita no texto masculina, pois a pulsão é sempre ativa, mesmo quando estabelece para si um alvo passivo. O segundo sentido de “masculino” e “feminino”, o biológico, é o que admite a definição mais clara. Aqui, masculino e feminino caracterizam-se pela presença de espermatozoides ou óvulos, respectivamente, e pelas funções decorrentes deles. A atividade e suas manifestações concomitantemente – desenvolvimento muscular mais vigoroso, agressividade, maior intensidade da libido – costumam ser vinculadas à masculinidade biológica, embora essa não seja uma associação necessária, já que existem espécies animais em que essas propriedades correspondem, antes, à fêmea. O terceiro sentido, o sociológico, extrai seu conteúdo da observação dos indivíduos masculinos e femininos existentes na realidade. Essa observação mostra que, no que concerne ao ser humano, a masculinidade ou a feminilidade puras não são encontradas nem no sentido psicológico nem no biológico. Cada pessoa exhibe, ao contrário, uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os traços biológicos do sexo oposto, e ainda uma conjugação de atividade e passividade, tanto no caso de esses traços psíquicos de caráter dependerem dos biológicos quanto no caso de independê-los. (FREUD, 1915, p. 207-208).

Desse modo, embora o texto de 1905 acesse questões sociais sobre o desenvolvimento da sexualidade feminina, indicando que as meninas sofrem maiores inibições em seu desenvolvimento, Freud (1915) ampliou a questão ao dizer que masculino e feminino são traços de caráter, que podem estar presentes em um único indivíduo. Nesse sentido, de acordo com as considerações freudianas nesse momento textual, a diferenciação entre a sexualidade masculina e a feminina só pode ser realizada em termos sociológicos, e a problemática que levantamos é a seguinte: essa questão será mantida em seus textos posteriores sobre a sexualidade feminina? Voltaremos a esse problema.

É igualmente importante salientarmos que a discussão de 1905 sobre a *diferenciação entre o homem e a mulher* culminou em exploração das *zonas dominantes no homem e na mulher*. Reafirmando a primazia da genitalidade, Freud (1905) inicialmente toma a zona erógena clitoriana como análoga ao pênis, dizendo que na menina a estimulação e a excitabilidade do clitóris são semelhantes à peniana. Porém, quando mulher, a excitabilidade clitoriana atravessa outros contingentes, “Quando enfim o ato sexual é permitido, o próprio clitóris é excitado e compete a ele o papel de retransmitir essa excitação para as partes femininas vizinhas, assim como lascas de lenha resinosa podem ser aproveitadas para atear fogo a um pedaço de lenha mais dura” (FREUD, 1905, p. 209). Para Freud (1905), a área vizinha indicada foi a zona erógena vagina. Desse modo, nessa análise freudiana, se houvesse a possibilidade de pensarmos em diferenciação entre a sexualidade feminina e a masculina seria em relação às zonas dominantes, pois que se na mulher a zona dominante se desloca, no homem permanece a mesma desde a infância.

Assim, se a pressuposição freudiana acima fosse levada na literalidade diríamos que as divergências entre a sexualidade masculina e a feminina estariam concluídas, mas como o legado do método psicanalítico freudiano com as histéricas foi investigar os efeitos das marcas do corpo no psiquismo e vice-versa, indicar o deslocamento de zona erógena na mulher – do clitóris para vagina – sugere que essa análise não finalizou nesse ponto, e isso pode ser confirmado com a última afirmação freudiana desse tópico “Esses determinantes, portanto, estão intimamente relacionados com a natureza da feminilidade” (FREUD, 1905, p. 209), que com acréscimo de uma nota de rodapé indicou outras leituras que iremos percorrer para pensar a questão. E antes de finalizarmos essa questão, que será explorada adiante, acrescentamos Birman (1999), que em um traçado sobre as geografias do feminino indicou que a feminilidade é um posicionamento subjetivo diferente de qualquer outro.

Vimos que a pulsão sexual impele o indivíduo à atividade de obtenção de prazer, e que no início do desenvolvimento pulsional essa atividade estava ligada à nutrição e, posteriormente, a objetos exteriores. Freud (1905) nomeou esse movimento de *o encontro do objeto* e elucidou a respeito no ponto 5, último tópico do texto de 1905. É significativo indicarmos que nesse item a discussão freudiana levantou o que apontamos anteriormente a respeito das construções titulada por Haute, Westerink e Kistner (2016) como *O problema das relações de objetos*. Embora Freud (1905) não tenha desenvolvido sobre a importância e as consequências psíquicas da presença ou ausência das primeiras relações no desenvolvimento das pulsões na sexualidade infantil, nesse ponto, o autor tratou sobre a presença da mãe e do pai no desenvolvimento sexual da fase chamada de *fálica* (em 1924).

Freud (1905) chamou de *ternura* o sentimento de estima que a criança expressa pelas pessoas que cuidam dela. Essas pessoas, geralmente a mãe, foram compreendidas como objeto sexual substituto, pois que envolve a criança em atividades de ordem sexual (acariciar, embalar, beijar, etc.). Desse modo, essa primeira relação que insere o indivíduo em seu próprio percurso pulsional, no período da puberdade, período de maturação sexual, causa problemática, posto que direciona a pulsão sexual da criança aos pais:

[...] quase sempre já diferenciado através da atração pelo sexo oposto: a do filho pela mãe e da filha pelo pai. [...] à subjugação e ao repúdio dessas fantasias claramente incestuosas consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas, do período da puberdade. (FREUD, 1905, p. 214).

Sem referenciar a noção de Complexo de Édipo e já explicamos anteriormente o motivo, Freud (1905) levantou a questão da presença da barreira do incesto na cultura. Segundo o autor, essa barreira, que é uma exigência cultural, impede que os pais e as pessoas de laços consanguíneos sejam eleitos para as satisfações pulsionais sexuais imediatas, embora possam permanecer como objetos sexuais nas fantasias, “[...], ou seja, o das representações não destinadas a concretizar-se” (FREUD, 1905, p. 213). Para exemplificar a sua afirmação, mais uma vez, Freud (1905) elucidou os impasses que a barreira do incesto causa em moças, sugerindo que nesses indivíduos as inibições sexuais (principalmente após o casamento) são causadas pela dificuldade em romper a ternura infantil dirigida ao pai. Essa questão, que envolve o desenvolvimento da sexualidade feminina, será retomada adiante.

Assim, o texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) que iniciou com discussão sobre a sexualidade dialogando com a psicopatologia, perpassou e elucidou questões relevantes como: 1) no que tange à sexualidade humana, as nomenclaturas normal e perversa não são dicotômicas, tampouco opostas, diríamos que são inversamente complementares, retomando a citação freudiana: “[...], às expensas da sexualidade anormal; a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão” (FREUD, 1905, p. 157), desse modo, Freud (1905) introduziu que a pulsão não possui caráter adaptativo (LAPLANCHE, 2016); 2) todo o corpo humano (sem exceção) é erógeno e potencialmente estimulável, por isso, desde o nascimento, a sexualidade apresenta-se como constitutiva; 3) a sexualidade infantil é perverso polimorfa, porque não é reduzida à genitalidade, citando Monzani: “[...] Ela é um conjunto disperso, autônomo, de atividades sem ordem nem organização. Cada uma delas segue seu próprio destino e não tem nada a ver com sua vizinha” (2014, p. 35); 4) a sexualidade infantil é ampliada, e como sugerida por Laplanche (1997), é ampliada até o período pré-genital, pois no pós-genital subordina-se à zona genital; 5) as investigações sexuais infantis, que abriram

caminhos para pensar a diferenciação entre o homem e o mulher, iniciaram discussão que retomaremos e que é a seguinte: seja homem ou mulher há impedimento da ordem do sexual que inibe o desenvolvimento de ambos e foi chamado por Freud (1905) de recalque e compreendido como obstáculo psíquico; 6) ainda sobre a diferenciação entre o homem e a mulher, o fato da zona erógena no homem ser a mesma desde a infância não exclui o corpo que habita esse indivíduo e, para as mulheres, valem as mesmas considerações. Dessa forma, precisamos de mais elementos para pensar a sexualidade feminina na psicanálise freudiana e, por isso, seguiremos a nossa investigação.

O texto *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* (1905) foi escrito no mesmo ano que o escrito anterior e, por isso, acreditamos que Freud (1905) retomou muitas das ideias já apresentadas. Desse modo, intuindo não ficarmos repetitivos em nossa investigação, analisaremos apenas os pontos que dialogam com a nossa tese. Assim, nesse trabalho freudiano, o que se destacou foi uma redefinição sobre a participação de causas acidentais na neurose e uma passagem sobre o recalque.

Sobre a participação de causas acidentais na neurose, Freud (1905) revisou seu ponto de vista acerca da influência de algumas experiências na causação da neurose, indicando que pelo método psicanalítico para compreender a constituição da neurose deve-se considerar o desenvolvimento da constituição sexual. Nessa revisão, o autor afirmou a ênfase sobre a preponderância do sexual na constituição psíquica. A respeito do recalque foi dito que para definição de constituição sexual normal ou perversa deve-se atentar para o *recalque sexual orgânico*.

Para Safatle (2016), esse conceito freudiano foi utilizado para pensar a neurose histérica, que demonstra incapacidade de submeter as pulsões parciais das zonas erógenas ao primado genital. Dessa forma, afirmamos que a neurose histérica abriu os caminhos para a sexualidade, principalmente a feminina, visto que os estudos freudianos partiram da escuta de mulheres com esse padecimento e, conforme demonstramos, a sexualidade feminina toma o corpo da mulher de maneira diferente quando estabelece deslocamentos das zonas erógenas. Importante destacarmos novamente que mesmo tendo iniciado com a escuta da histeria em mulheres, os homens histéricos também foram ouvidos – os trabalhos freudianos iniciais fazem essa referência – e, também, a partir das explorações do texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), nos parece incerto afirmarmos que o termo sexualidade feminina relaciona-se especificamente à mulher, por isso, continuamos com a nossa investigação.

O texto *Sobre o esclarecimento sexual das crianças*⁴⁷ (1907) foi escrito por Freud em formato de carta dirigida ao médico Moritz Fürst, em Hamburgo, que havia solicitado texto para publicar na *Revista de Medicina Social e Higiene* (MORAES, 2018). Dessa maneira, esse trabalho, desenvolvido a partir de uma série de perguntas freudianas sobre esclarecer ou não as crianças a respeito dos assuntos sexuais, retomou passagens elucidadas no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Não por acaso, Freud (1907) fez referências constantes a esse texto. Logo, retomando o questionamento freudiano, a resposta dada foi a seguinte: após o nascimento, o indivíduo traz consigo a sexualidade, as sensações sexuais corpóreas são sentidas desde que esse indivíduo vem ao mundo e são desenvolvidas até a maturação sexual, a crença de que a criança deve e será preservada desse contato até a puberdade é errônea. Para Freud (1907), o esclarecimento sexual deve ser tratado de maneira semelhante a outros assuntos, e acrescentando Laplanche (2016), o sexual é problemático para o adulto que já constituiu sua sexualidade e é confrontado por ela por meio das crianças, nos levando a considerar que no questionamento freudiano a resposta é um processo dialógico, o adulto envolve a criança e é envolvido por ela, citando a psicanalista Mariotto (2009), a criança é humanizada na relação com outro ser humano. Logo, esse ponto que insere outra investigação – a constituição do indivíduo –, ficará em suspensão nessa tese que não tem esse objetivo. Por ora basta considerarmos que nesse texto freudiano houve definitivamente um rompimento com os predecessores que apontavam que a sexualidade humana se apresentava a partir da puberdade.

A respeito de nossa investigação, se há (ou não) concepção freudiana de sexualidade feminina, afirmamos que os textos *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* (1905) e *Sobre o esclarecimento sexual das crianças* (1907) não exploraram especificamente essa questão, mas demonstraram a importância da fantasia no desenvolvimento da sexualidade. Portanto, seguimos nosso raciocínio com a intenção de investigar se há fantasia na concepção freudiana que seja específica à sexualidade feminina, visto que, anteriormente, quando indicamos a reformulação freudiana da teoria traumática ou da sedução para a fantasia afirmamos com Birman (1999) que a fantasia é o campo psíquico no qual a sexualidade se inscreve e se corporifica, “Contudo, não se pode esquecer que o corpo não é nem somático nem tampouco o organismo, mas ultrapassa em muito o registro biológico da vida, sendo marcado pelas pulsões” (BIRMAN, 1999, p. 23).

⁴⁷ *Zur sexuellen Aufklärung der Kinder* (offener Brief na Dr. M. Fürst) (1907).

Desse modo, os textos que serão analisados são *Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade* (1908) e *Sobre teorias sexuais infantis*⁴⁸ (1908). Como o próprio título sugere, no primeiro texto, Freud (1908) estudou o papel da fantasia na neurose histérica e concluiu que muitos dos sintomas histéricos visíveis são fantasias inconscientes encobertas. É fundamental nesse momento realizarmos uma parada em relação ao primeiro escrito e indicarmos que nesse texto freudiano foi realizado contraste entre fantasia consciente e inconsciente e, como até o momento não conceituamos de maneira apropriada essas noções sumamente importantes para a psicanálise freudiana, iremos fazê-lo de maneira abrangente, pois são ideias reformuladas ao longo da obra freudiana.

Segundo Laplanche (2001), a noção de consciência na psicanálise freudiana foi pensada em relação ao inconsciente, assim, tanto a consciência como o inconsciente são operações psíquicas, a diferença reside em seu modo operante. Então, enquanto a consciência considera a experiência individual que presta interpretação imediata da circunstância vivida, a noção de inconsciente no sentido descritivo refere-se a conteúdos que não estão conscientes e no sentido tópico adquire novos sentidos, nas palavras do autor:

B) No sentido “tópico”, inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro da sua primeira teoria do aparelho psíquico. É constituído por conteúdos recalcados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente* [...]. [...]: a) Os seus “conteúdos” são “representantes*” das pulsões; [...]. (LAPLANCHE, 2016, p. 235).

Portanto, consciente e inconsciente são operações psíquicas elementares na psicanálise freudiana. Retornando ao texto *Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade* (1908), Freud utilizou os termos fantasias conscientes e inconscientes para apontar que quando determinada prática sexual é abandonada e não encontra maneira de expressão substituta pela sublimação, a fantasia consciente vivida nessa atividade torna-se inconsciente. Sublimação é outro conceito freudiano que alude atividades humanas que não possuam relação explicitamente com a sexualidade, embora seja impulsionada por essa (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016). Deste modo, nesse escrito, Freud (1908) demonstrou que os possíveis mistérios que possam conter sintoma histérico, desvelar a fantasia é uma forma de conhecê-lo.

Outro ponto levantado nesse trabalho foi a ideia de bissexualidade presente no título do texto citado e mencionado nas conclusões sobre os sintomas histéricos da seguinte forma: “(9) Os sintomas histéricos são a expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina” (FREUD, 1908, p. 153). Essa infinitesimal

⁴⁸ *Über infantile Sexualtheorien* (1908).

passagem freudiana sobre a presença da bissexualidade na histeria aponta que no sintoma histórico a problemática reside em admitir as polaridades masculina e feminina em um mesmo indivíduo (SAFATLE, 2016). Acrescentando essas considerações, Passos e Kuss (2015) indicam que o *Caso Dora* (1901) – trabalhado anteriormente – e o artigo supracitado sugerem caminhos para refletirmos sobre a sexualidade feminina, visto que no caso dessa jovem, Freud (1901) demonstrou as nuances das relações amorosas dessa paciente, o pai, Sr. K., a mãe, Sra. Ka., e no texto afirmou a relação entre bissexualidade e sexualidade.

Enfatizando o papel da fantasia na constituição da sexualidade, Freud (1908) seguiu com esse raciocínio no texto *Sobre teorias sexuais infantis* (1908). Segundo Moraes (2018), esse artigo freudiano foi publicado pela primeira vez na revista *Sexual – Probleme*, (originalmente chamada de *Mutterschutz*, Revista de Proteção Materna conforme tradução da autora), e manteve a subversão iniciada nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), “[...], da teoria da sexualidade infantil à teoria infantil da sexualidade” (MORAES, 2018, p. 114). Ainda, a autora supracitada acrescenta outra reflexão importante sobre esse escrito freudiano:

Acerca do curioso título desse artigo, vale ressaltar a ousadia freudiana de empregar o termo “teoria” – um termo usado geralmente para designar um conjunto estruturado de conceitos e/ou ideias de um campo de pesquisas específico – para as construções e hipóteses que as crianças fazem acerca dos enigmas da sexualidade. Isso indica claramente que o aparelho psíquico é, do ponto de vista freudiano, uma fábrica de teorias para dar conta do sexual e, aqui, teorizar não exclui atividades análogas como fantasiar, ficcionalizar, inventar. A criança é vista como um *Forscher*, ou seja, um investigador, um pesquisador. (MORAES, 2018, p. 114).

Dessa maneira, é entendendo a criança como indivíduo ainda imaturo que busca compreender a própria existência observando o mundo externo e se comunicando com aqueles com quem convive que vamos ao texto freudiano de 1908. Assim, partindo do pressuposto que a criança se encontra com o sexual desde o nascimento e que independentemente da idade – ora mais cedo, ora mais tarde – esse indivíduo buscará por respostas para essa compreensão, Freud (1908) comunicou: “Estou convencido de que nenhuma criança – ao menos nenhuma com pleno domínio da palavra e menos ainda bem dotada intelectualmente – possa deixar de se ocupar com os problemas sexuais nos anos *anteriores* à puberdade.” (FREUD, 1908, p. 96).

A descoberta da criança acerca do sexual é chegada com a experiência da frustração. Compreendida como vivência subjetiva, onde o indivíduo lidará com a imposição de duas perdas estruturantes, pela primeira vez, Freud (1908) nomeou esse momento de complexo de castração [*Kastrationskomplex*]. Segundo o autor, a primeira frustração é despertada pela chegada de um novo bebê, em suas palavras:

Então, sob a incitação desses sentimentos e preocupações, a criança começa a se ocupar com o primeiro grande problema da vida e se coloca a pergunta sobre *de onde vêm as crianças*, que primeiramente quis dizer: “de onde saiu essa incômoda criança?” Acreditamos ouvir o eco dessa primeira pergunta enigmática em inúmeros enigmas do mito e da lenda; a própria pergunta é, como qualquer pesquisa, um produto da necessidade da vida, como se ao pensamento fosse colocada a tarefa de evitar a recorrência de acontecimentos tão temidos. Suponhamos nesse meio – tempo que o pensamento da criança logo se liberte de sua incitação e que prossiga trabalhando como se fosse uma pulsão autônoma de investigar [*selbständiger Forschertrieb*]. Se a criança já não tiver sido muito intimidada, ela toma, mais cedo ou mais tarde, o caminho seguinte e exige resposta dos pais e das pessoas que dela cuidam, as quais, para ela, são a fonte de saber. Mas esse caminho fracassa. (FREUD, 1908, p. 99).

Para a criança, as respostas recebidas são duvidosas e causam desconfiança em relação aos adultos. Essa primeira vivência que cria uma teoria que algo faltou ou deixou de ser revelado por alguém de confiança foi considerada como o primeiro “conflito psíquico”, que desenvolve “cisão psíquica” [*Spaltung*] e origina o Complexo Nuclear de uma Neurose [*Der Kernkomplex der Neurose*], nas palavras de Freud:

[...] as crianças recusam a crença na teoria da cegonha e que, portanto, a partir desse primeiro logro e recusa, alimentam uma desconfiança em relação aos adultos, adquirem o pressentimento de algo proibido que lhes é negado pelos “maiores” e, por isso, mantêm em segredo suas investigações posteriores. Mas, com isso, também vivenciaram o primeiro ensejo de um “conflito psíquico”, no qual essas opiniões, pelas quais elas sentem uma predileção pulsional, não são “corretas” para os adultos e entram em oposição com outras sustentadas pela autoridade dos “maiores”, mas que para elas mesmas não são aceitáveis. Desse conflito psíquico pode logo desenvolver-se uma “cisão psíquica” [*Spaltung*]; uma das opiniões, à qual está ligado o bom comportamento, mas também a suspensão da reflexão, torna-se predominantemente consciente; a outra, para qual o trabalho de investigação trouxe novas provas que, nesse meio-tempo, não devem ter validade, torna-se reprimidamente “inconsciente”. O complexo nuclear da neurose encontra-se, desse modo, constituído. (FREUD, 1908, p. 100).

A segunda experiência de frustração igualmente importante está “[...] em atribuir um pênis a todos os humanos, inclusive aos do sexo feminino” (FREUD, 1908, p. 102). Segundo Freud (1908), meninos e meninas entendem o pênis como sexo único. O menino que o tem, experencia uma certeza e, posteriormente, uma “ameaça de castração” ao perceber que a menina não tem pênis. A menina, por sua vez, primeiro toma seu clitóris como minipênis, porém, percebendo que esse órgão não se comporta como um, desenvolve inveja pelo pênis e sente-se castrada. Freud (1908) comunicou que essa teoria de sexo único encontra raízes na anatomia, que reconheceu o clitóris como órgão homólogo ao pênis, e na fisiologia dos processos sexuais, que entendia que esse órgão se comportava como um.

Juntamente a essas questões da anatomia e da fisiologia sobre as genitálias masculinas e femininas, Freud (1908) comunicou que há desconhecimento sobre a cavidade da vagina pela criança, porque, de maneira geral, os pais ou os cuidadores, no momento dos cuidados

higiênicos, não estimulam essa região. Salientamos que não iremos discutir se essa estimulação deve ou não ser realizada, a questão que está sendo colocada é como a criança sente seu corpo sexual e atribui teorias para entendê-lo. Dessa maneira, essa explicação freudiana sobre as teorias sexuais infantis culminou na seguinte citação que nos leva a refletir sobre a sexualidade feminina:

A anatomia reconheceu o clitóris no interior da vulva feminina como o órgão homólogo ao pênis, e a fisiologia dos processos sexuais pôde acrescentar que esse pequeno pênis que não cresce mas comporta-se, realmente, na infância da mulher, como um pênis legítimo e correto, que se torna a sede de excitações às quais se chega quando tocado; que sua capacidade de estímulo confere à atividade sexual da menininha um caráter masculino e que é necessário um impulso recalcante [*Verdrängungsschubes*] nos anos da puberdade para, através da remoção dessa sexualidade masculina, a mulher [*Weib*] poder surgir. Como muitas mulheres atrofiam-se em sua função sexual – seja por seu apego a essa excitabilidade do clitóris, de maneira que elas permanecem anestesiadas no coito, seja porque o recalçamento ocorre em excesso, a ponto de seu efeito ser parcialmente suspenso por uma formação histérica substitutiva –, nada disso refuta a teoria sexual infantil de que a mulher possui, tal como o homem, um pênis. (FREUD, 1908, p. 104).

Então, para o autor, as sexualidades masculinas e femininas, no início, repousam sobre uma teoria de sexo único, mas, ao longo do desenvolvimento, diante das experiências de frustração e castração, há cisão que convoca o menino e a menina a lidarem com o que restou dessa vivência singular. E, sobre a sexualidade feminina, assunto de nossa tese, Freud (1908) apontou que essa se assemelha à masculina pela forma com que é tomada pela criança, ou seja, a estimulação do clitóris equivaleria a estimulação do pênis, porém, a menina, no decorrer de sua maturação, pode vir a descobrir que essa zona erógena equivale a parte da sua genitália e, por isso, há outros modos de satisfação que não se reduzem ao clitóris. Porém, essa investigação da menina está intrinsecamente ligada às experiências anteriores de castração e, por isso, a mulher pode vir a surgir.

Precisamos de mais elementos para entender a frase freudiana “[...], a mulher [*Weib*] poder surgir” (FREUD, 1908, p. 104), e, por isso, seguiremos com a nossa investigação, mas antes de fazê-lo há uma questão indispensável sobre a tradução desse texto freudiano. A citação que utilizamos acima foi realizada recentemente, em 2018, pela Editora Autêntica, e teve como objetivo uma tradução direta do idioma alemão para o português. A mesma citação realizada pela Editora Imago em 1996 foi baseada na tradução inglesa de James Strachey (KEHL, 2018), e causa um sentido radicalmente diferente em relação à sexualidade feminina, então, primeiro, vamos à citação: “[...], e a sua excitabilidade confere à atividade sexual da menina um caráter masculino, sendo necessária uma vaga repressão nos anos da puberdade para que desapareça essa sexualidade masculina e surja a mulher” (FREUD, 1908, p. 197).

Se atentarmos para a última linha de ambas as citações temos a seguinte interpretação: na tradução de Moraes (2018) a mulher pode vir a surgir se o recalque da sexualidade masculina ocorrer, não há um imperativo. Diferentemente, na tradução de Strachey (1996), temos que o recalque da sexualidade masculina na menina é condição para que a mulher surja. Essa sutil diferença entre possibilidade e imperativo é fundamental no método psicanalítico freudiano, que tomou as narrativas de seus pacientes como contingências do inconsciente e não como imperativo absoluto. Dessa maneira, acrescentando pequena passagem de um livro do psicanalista Dunker “Ora, quando alguém fala, este alguém vai construindo um mundo, com seus pressupostos, com sua história e com seus futuros” (DUNKER, 2019, p. 70), a fala livre na psicanálise freudiana tem o objetivo de abrir portas e não as fechar, metaforicamente falando. Por fim, a respeito das traduções, informamos que na medida do disponível, utilizaremos as traduções recentes dos textos freudianos, ou seja, aquelas que foram traduzidas do alemão para o português nesta tese, e a respeito da sexualidade feminina, no texto de 1908, foi entendida como possibilidade que se relaciona ao encontro com a castração.

Ainda sobre a questão da castração, o psicanalista Nasio (1997) aponta que esse conceito na psicanálise não deve ser entendido na literalidade como mutilação dos órgãos, mas como experiência que apresenta ao indivíduo limites em relação às suas escolhas amorosas, ao próprio corpo e ao mundo que o cerca. Essa experiência, que foi apresentada na psicanálise freudiana como período do desenvolvimento constitucional da sexualidade infantil, não se reduz a uma dimensão cronológica: “Ao contrário, a experiência inconsciente da castração é incessantemente renovada ao longo de toda a existência [...]” (NASIO, 1997, p. 13).

Igualmente à literatura freudiana, Nasio (1997) apresentou que o complexo de castração acontece de forma diferente no menino e na menina. Então, no menino, à vista de diferença na genitália da menina e diante do fracasso de crença própria de que a genitália feminina poderia igualar-se a sua, o menino percebe que a posse do pênis não é garantida, instalando-se a primeira experiência de castração. Na menina, a experiência acontece de forma similar, com a diferença de que a crença está em primeiro acreditar que sua genitália pode ser entendida como substituta do menino e, conseqüente, de que isso não é possível. Em ambas as experiências, a crença inicial do pênis como sexo único é condição para a entrada no Complexo de Édipo (NASIO, 1997). Claramente, a experiência do complexo de castração introduz o indivíduo a outra experiência, e como o último capítulo tem a intenção de desdobrá-la, nesse momento finalizamos essa exploração indicando que a castração é o limite que recai sobre o sexual.

O próximo texto explorado foi *Romances familiares* (1908) e seguiu abordando o papel da fantasia na constituição da sexualidade e a participação da relação parental nessa

constituição. Segundo Freud (1908), ao longo do desenvolvimento o indivíduo ansiará por autonomia, que será conseguida se houver desprendimento da autoridade dos pais. Nessa separação há uma fantasia de negligência (em algum aspecto) pelos pais e, concomitantemente, a sensação de hostilidade, nas palavras do autor:

A psicologia das neuroses nos ensina que, entre outros fatores, contribuem para esse resultado os impulsos mais intensos da rivalidade sexual. O sentimento de estar sendo negligenciado constitui obviamente o cerne de tais pretextos, pois existe sem dúvida um grande número de ocasiões em que a criança é negligenciada, ou pelo menos sente que é negligenciada, ou que não está recebendo todo o amor dos pais, e principalmente em que lamenta ter de compartilhar esse amor com seus irmãos e irmãs. [...]. Mas já aqui evidencia-se a influência do sexo, pois o menino tem maiores tendências a sentir impulsos hostis contra o pai do que contra a mãe, tendo um desejo bem mais intenso de libertar-se *dele* do que *dela*. (FREUD, 1908, p. 219).

Desse modo, a partir da citação acima e do percurso textual que realizamos até o momento, fica claro que a constituição da sexualidade está ligada à fantasia (LAPLANCHE, 2016) e ao modo como essa fantasia é vivida enquanto corpo. Salientamos, também, que esse último texto de 1908 realiza um redirecionamento dos elementos que circundam a questão da sexualidade – principalmente a feminina – pois Freud (1908) começou a privilegiar as primeiras relações da infância para pensar a questão. Então, se antes a questão centrava-se nos encontros e desencontros do indivíduo com o sexual no próprio corpo, a partir de 1908 o autor introduziu reflexões sobre as influências dos relacionamentos parentais e o mundo externo na constituição sexual previamente rascunhada pelas pulsões sexuais parciais.

3.2 O SEXUAL FEMININO NO SOCIAL

Dando continuidade ao nosso mergulho nos textos freudianos que refletem sobre a sexualidade feminina, esse último subcapítulo seguirá com as contribuições sociais freudianas sobre o assunto supracitado. Ressaltamos que desde o primeiro capítulo vimos demonstrando os recortes dessas comunicações, então, neste tópico, intentamos explorar três escritos freudianos: *A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna*⁴⁹ (1908), *A vida sexual humana*⁵⁰ (1916) e *O tabu da virgindade*⁵¹ (1918). Sabemos que esses três textos não são os únicos que marcaram investigação sobre as consequências de determinados discursos sociais para o psiquismo, para a sexualidade e para a neurose. Enfim, nos textos citados e em pelo

⁴⁹ *Die “Kulturelle” sexualmoral und die moderne Nervosität* (1908).

⁵⁰ *Das menschliche Sexualleben* (1916).

⁵¹ *III – Das Tabu der Virginität* (1918).

menos oito que lembramos imediatamente⁵², esse intuito comparece, mas, pela necessidade de recorte analítico em nossa pesquisa, estudaremos apenas os escritos supracitados na perspectiva de encontrarmos referência à sexualidade feminina.

Segundo Moraes (2020), o texto *A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna* foi publicado na revista *Sexual – Probleme* e realizou diálogo com o livro *Ética sexual: questões fronteiriças da vida nervosa e da vida anímica*, de Christian von Ehrenfels (1908). Em versão ampliada, esse artigo expôs um debate com estudiosos renomados da psiquiatria, como Krafft-Ebing, Erb e Binswanger (MORAES, 2020). A apresentação dos pontos de vista dos autores citados foi a introdução freudiana de seu artigo, porém, nesta tese, seguiremos apenas com a explanação freudiana sobre as consequências da moral para a vida sexual humana.

Para teorizar sobre esses efeitos, Freud (1908) comunicou que as suas afirmações foram baseadas nas observações clínicas das neuroses. Desse modo, a primeira relação que o autor estabeleceu entre moral e sexual foi a de que a primeira impulsiona o surgimento da neurose pela repressão [*Unterdrückung*]. Não iremos discutir como essa relação se estabelece, pois não é o objetivo desta tese. Marcamos o efeito da repressão porque se ela incide sobre a neurose, consequentemente recai sobre as pulsões sexuais, que são a base desse padecimento (como já demonstramos acima). Freud apresentou a pulsão sexual na seguinte citação:

[...], a pulsão sexual é formada por muitos componentes, [...]. Ela coloca à disposição do trabalho da cultura quantidades de força extraordinariamente grandes, e isso precisamente em consequência de uma peculiaridade especialmente marcante, que é a de poder deslocar a sua meta sem perder essencialmente em intensidade. Chamamos essa capacidade de trocar a meta originariamente sexual por outra, não mais sexual, mas psiquicamente aparentada a ela, de capacidade para a sublimação. Em oposição a essa capacidade de deslocamento, na qual reside o seu valor cultural, ocorre também à pulsão sexual uma fixação particularmente obstinada, através da qual ela se torna inutilizável e ocasionalmente degenera nas assim chamadas anormalidades. (FREUD, 1908, p. 73).

Dessa maneira, Freud (1908) considerou que a cultura visa conter as várias formas de manifestação da pulsão sexual, autorizando como forma legítima apenas a meta sexual da reprodução ou uma manifestação sublimada dessa, por isso, nos termos freudianos, a cultura repousa sobre a repressão das várias formas da pulsão sexual, que, por efeito, impulsiona a neurose que, em sua constituição, já sofre com inibições pulsionais anteriores.

⁵² Salientamos que a afirmação acima não tem o intuito de reduzir os números de textos freudianos que atravessam o social, pelo contrário, de exemplificar que esses diálogos são realizados com frequência em muitos textos que pelos títulos sugerem um olhar clínico. Desse modo, os oito escritos freudianos lembrados que realizam incursão social, mas que também exploram muitas outras problemáticas freudianas são: *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte* (1915), *Psicologia das massas e análise do eu* (1912), *O futuro de uma ilusão* (1927), *Uma vivência religiosa* (1928), *O mal-estar na cultura* (1930), *Sobre a conquista do fogo* (1932), *Por que a guerra?* (1932), *Comentários sobre o antisemitismo* (1938), entre outros.

Para discutir essa influência repressora cultural sobre a neurose, Freud (1908) retomou a frase que as *neuroses são o negativo da perversão* e acrescentou: “[...], porque nelas, após o recalçamento [*Verdrängung*], as moções perversas se manifestam a partir do que é inconsciente na vida anímica, pois elas contêm, no estado ‘recalcado’, as mesmas inclinações que os positivamente perversos” (FREUD, 1908, p. 78). Desse modo, Freud (1908) demonstra que há uma parcela sexual individual que não está à revelia da cultura, ou o sexual é irreconciliável com a cultura (LAPLANCHE, 2016), na medida em que cobra renúncia pulsional. Outro ponto que a citação acima alude é sobre o papel da fantasia inconsciente, que parece trabalhar em favor a cultural quando o indivíduo consegue manifestar seus impulsos nela. Exploramos acima o papel da fantasia na sexualidade.

Antecipamos que nesse artigo, apesar de denunciar os efeitos da repressão social ao sexual, em nenhum momento Freud (1908) mudou de ideia sobre a necessidade da renúncia pulsional na organização social e na constituição psíquica. Nesse sentido, seguindo o raciocínio do texto, a crítica freudiana é de que a renúncia pulsional exigida a todos não é vivenciada da mesma forma, já que a sublimação, destino pulsional por excelência elevado, apenas a minoria alcança.

Então, foi refletindo sobre esses limites pulsionais que Freud (1908) estabeleceu diálogo entre os discursos sociais sobre o casamento e a abstinência, e que culminou em algumas referências sobre a sexualidade feminina, nas palavras do autor:

[...]; a “dupla” moral sexual válida para o homem em nossa sociedade é a melhor confissão de que a própria sociedade que promulgou os preceitos não acredita em sua viabilidade. Mas a experiência também mostra que as mulheres, às quais – enquanto verdadeiras portadoras dos interesses sexuais dos seres humanos – foi concedido em menor grau o dom de sublimar a pulsão, e para as quais o lactente é, na verdade, suficiente como substituto do objeto sexual, mas não a criança crescida, que as mulheres, como estou dizendo, sob as decepções do casamento, desenvolvem neuroses graves que as perturbam durante a sua vida. Nas condições culturais da atualidade, há muito tempo o casamento deixou de ser a panaceia contra o sofrimento nervoso da mulher. (FREUD, 1908, p. 82).

Nessa perspectiva, Freud (1908) reconheceu que as repressões sociais recaem sobre as mulheres, principalmente sobre os fins sexuais desses indivíduos de modo mais severo que nos homens, o que não significa que os homens saem ilesos dessas influências. Então, nesse escrito de 1908, o autor demonstrou o quanto se manteve atento às questões sociais de sua época sobre o indivíduo mulher e os seus modos de manifestação da sexualidade. Sob a ótica social, realçamos que na citação acima o autor fez referência ao papel da maternidade para a mulher, e como teceremos sobre esse ponto posteriormente, no último capítulo desta tese, retomaremos esse ponto adiante.

Entre os anos de 1915-1916 e 1916-1917, Freud realizou algumas conferências introdutórias à psicanálise na Universidade de Viena durante a Primeira Guerra Mundial (MORAES, 2020). Então, o próximo texto é a conferência *A vida sexual humana* (1916), desenvolvida após oito anos do texto anterior e que expõe discussão pertinente sobre sexual e sexualidade. Desde os primeiros escritos freudianos vimos indicando uma inquietação do autor em compreender a sexualidade humana, ora os genitais se destacavam nessa compreensão e ora essa era uma problemática inteligível porque outras partes do corpo se destacavam. Após 1905, a compreensão freudiana sobre sexual e sexualidade apontou para outras direções, principalmente ao descentrar sexualidade de genitalidade, assim, esse escrito de 1916, que realiza considerações pertinentes sobre essa discussão, iniciou com uma afirmação importante, sexual e sexualidade são construtos diferentes, mas que dialogam entre si, nas palavras do autor:

Senhoras e senhores! Poderíamos pensar que não haveria dúvida sobre o que se deve entender por “sexual”. É que, antes de tudo, o sexual é o indecente, é aquilo sobre o que não se deve falar. [...]. [...]. Falando sério, não é fácil indicar o que constitui o conteúdo do conceito de “sexual”. Tudo o que tem a ver com a diferença entre os dois sexos seria, talvez, a única coisa pertinente, mas os senhores acharão isso demasiadamente sem graça e muito amplo. [...]. Porém, se os senhores considerarem a função da reprodução como o núcleo da sexualidade, correrão o perigo de excluir toda uma série de coisas que não objetiva a reprodução e que, no entanto, certamente são sexuais, como a masturbação ou mesmo o beijar. (FREUD, 1916, p. 187-188).

Logo, independentemente dos julgamentos morais “decente” e “indecente”, que reprimem os corpos, temos boca, ânus, pé, mão, cabelo, ou seja, um corpo que desde a sua constituição está à revelia das pulsões sexuais. Ora, não devemos esquecer que se a manifestação sexual “indecente” não puder se realizar conscientemente, o fará na fantasia (1908), e que essa é a sutil diferença entre o universo particular de um neurótico e de um não neurótico. Assim, entendemos que o sexual na obra freudiana é o corpo, as suas excitações, e as suas extensões, que são as escolhas amorosas (esse assunto será abordado no último capítulo).

Nesse sentido, o autor seguiu a citação acima retomando a presença da sexualidade na infância, sua constituição sexual no indivíduo e as investigações infantis, que daremos atenção. Então, sobre essa investigação, Freud (1916) afirmou que não se trata de experiência ligada à diferença entre os sexos, pois o pênis é tomado como único e o clitóris comporta-se como um, o que se inscreve nessa investigação é o complexo de castração, que para a menina tem uma problemática. Quando a menina toma o clitóris como homólogo ao pênis e a castração recai sobre essa experiência, existe a possibilidade desse indivíduo ser barrado a conhecer o orifício vaginal.

Desse modo, até essa conferência, Freud (1916) manteve o posicionamento de que a forma como o complexo de castração é tomada pelo indivíduo é a sutil diferença entre a sexualidade feminina e a masculina. Assim, antes de finalizarmos nossa exploração dessa conferência freudiana, traremos a última passagem do autor sobre as noções de sexual e sexualidade:

Certamente os senhores terão ouvido falar que o conceito de sexual na psicanálise sofre uma ampliação abusiva, com o propósito de sustentar as teses sobre a causação sexual das neuroses e sobre a significação sexual dos sintomas. Agora os senhores podem julgar por si próprios se essa ampliação é injustificada. Nós ampliamos o conceito de sexualidade apenas o bastante para que ele também possa abranger a vida sexual dos perversos e das crianças. Ou seja, nós lhe devolvemos sua dimensão correta. O que se nomeia de sexualidade fora da psicanálise diz respeito apenas a uma sexual restrita, a serviço da reprodução e chamada de normal. (FREUD, 1916, p. 206).

Portanto, enquanto conceito, Freud (1916) deixou claro que a noção de sexualidade está contida no conceito de sexual, por isso, a partir desse momento, os próximos textos freudianos que trabalharemos, inclusive no próximo capítulo, terão uma redefinição terminológica. Ao invés de nos referirmos à sexualidade feminina de forma reduzida, usaremos o termo sexual feminino em nossas investigações. Embora mantemos a dúvida se há um sexual feminino e um masculino.

O último texto freudiano que contribuíra com esse subcapítulo chama-se o *Tabu da virgindade* (1918), e foi a terceira comunicação do autor em uma série de textos sobre a psicologia da vida amorosa escrita durante a primeira guerra. Interessante que para explicar as ideias contidas nesse texto, Freud (1918) referenciou o tema da virgindade na mulher em algumas tribos indígenas e a vida na cidade. Em nossa pesquisa, nos limitaremos à reflexão sobre o assunto da vida na cidade.

Freud (1918) expôs que a virgindade da mulher – em relação ao homem – possui em seu entorno uma série de problemáticas sociais que no homem passa despercebida. A primeira delas é a organização dos costumes da vida cotidiana, que separava homens de mulheres, “mulheres de um lado, homens de outro”. A outra problemática dizia respeito à representação de enigmático da mulher, que na psicanálise freudiana surge na investigação sexual infantil em que recai o complexo de castração de forma diferente na mulher, um corpo de genitália mutilada, e por efeito “[...] influência no julgamento sobre a mulher” (FREUD, 1918, p. 164). Ainda nas palavras do autor: “Aqui ficamos reduzidos às duas primeiras explicações, a do horror ao sangue e à do horror inaugural, [...]” (FREUD, 1918, p. 164), que trata sobre a primeira relação sexual.

Segundo Freud (1918), a primeira relação sexual da mulher mobiliza uma série de moções que em nada auxilia para a posição feminina advir. A dor, geralmente infligida nesse ato, o sangue que pode vir acompanhado, o discurso social sobre proibição do sexual e o marido escolhido, que remete às primeiras relações amorosas e liga a mulher ao homem, muitas vezes contribuem para uma mulher frígida ou anestesiada. Assim, para o autor, a mulher, além de precisar superar sua fase masculina – na qual ela inveja o pênis – terá também que ultrapassar as questões acima, que se relacionam intrinsecamente com seu desenvolvimento libidinal, nas palavras freudianas:

Após essa enumeração dos motivos para a continuada reação paradoxal da mulher à defloração, perceptível na frigidez, podemos resumidamente enunciar que a *sexualidade* inacabada da mulher se descarrega no homem que primeiro a faz conhecer o ato sexual. [...]. Creio que deva chamar a atenção do observador o fato de que, em um número quase que extraordinariamente elevado de casos, a mulher permanece frígida e se sente infeliz num primeiro casamento, ao passo que após a dissolução desse casamento ela se torna uma mulher carinhosa e capaz de fazer feliz seu segundo marido. [...]. Portanto, podemos dizer, concluindo: a defloração não tem apenas uma consequência cultural de atar, de maneira duradoura, a mulher ao homem; ela também desata, contra o homem, uma reação arcaica de hostilidade que pode assumir formas patológicas, exteriorizando-se com bastante frequência no aparecimento de inibições na vida amorosa do casal, [...]. (FREUD, 1918, p. 172-173-175).

Como podemos perceber nesse texto de 1918, Freud (1918) realizou inúmeros recortes culturais, principalmente sobre o sexual feminino e a mulher, inclusive indicou apontamentos sobre as escolhas amorosas desses indivíduos que referenciam à época do complexo de castração, e posteriormente ao Complexo de Édipo, embora uma indicação a essa última experiência não tenha sido direta. Portanto, a fim de seguirmos nossa investigação, caminharemos para o último capítulo desta tese, que tem a intenção de tratar sobre os desdobramentos do sexual feminino no Complexo de Édipo e de que forma a noção de pulsão nos auxilia nessa compreensão.

4 O COMPLEXO DE ÉDIPÓ NA PSICANÁLISE FREUDIANA

Ao longo das tessituras anteriores sobre o conceito de sexualidade feminina na obra freudiana, demonstramos que a chave de leitura inicial – sexualidade –, posteriormente sexualidade feminina, culminou em uma reflexão sobre o termo sexual feminino no Complexo de Édipo na menina. Embora o conceito de Complexo de Édipo na psicanálise freudiana ainda não tenha sido explorado nesta tese, pois iremos fazê-lo neste capítulo dedicado a essa investigação, neste momento cabe-nos justificar ao leitor o uso dos termos sexual feminino e Complexo de Édipo na menina. Então, vamos à explicação do primeiro termo citado.

Vimos, desde o primeiro capítulo deste estudo, que a investigação freudiana sobre a ideia de sexualidade estava fortemente influenciada por pressuposições biológicas e psicopatológicas de predecessores. Essas concepções, que não foram abandonadas totalmente na obra freudiana, passaram por rearranjos até o ano de 1905, com o texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em que a discussão de sexualidade e sexual se colocou de maneira objetiva nessa perspectiva. Evidentemente devemos considerar nessa afirmação que o exaustivo rastreamento das cartas, rascunhos e projeto freudiano no primeiro capítulo desta tese objetivou demonstrar como a chave de leitura sexualidade foi se construindo ao longo dos anos. Em 1905 redefine-se para uma investigação sobre o sexual e, posteriormente, reconstrói-se, como mostraremos neste último capítulo.

Apropriando-nos das pesquisas de Laplanche (2016) e dos textos freudianos, o termo sexualidade rearranjou-se para sexual nesta tese, pois conforme ambos os psicanalistas, a ideia de sexualidade na psicanálise freudiana está para além de uma redução ao inatismo e, por isso, a concepção de sexual vem a corroborar. Parte de uma íntima ligação entre o anímico e o corpo, o sexual, no qual as concepções de sexualidade ampliada e de pulsão estão imbricadas, constitui-se nas relações que o indivíduo estabelece com o próprio corpo e nas que estabelece com os seus primeiros cuidadores, o que será tratado neste capítulo. O termo feminino, que comparece junto ao termo sexual, refere-se a uma posição subjetiva que não necessariamente relaciona-se à mulher. Exploraremos essas intuições neste capítulo.

Considerando as informações do parágrafo acima e retomando toda a nossa investigação e marcações sobre as sutis diferenças acerca da concepção freudiana de sexualidade feminina e sexualidade masculina, neste capítulo, sem nenhuma pretensão de adentrar discussões envolvendo gênero, abordaremos o conceito de Complexo de Édipo no menino e na menina, pois foi assim que as investigações freudianas sucederam e, posteriormente, de que forma os desdobramentos do sexual feminino inserem-se nessa singular experiência do Complexo de

Édipo. Salientamos que, diferentemente dos capítulos anteriores, que percorreram os textos freudianos de forma cronológica, este capítulo não o fará por um único motivo, os textos freudianos que conceituam de maneira pormenorizada a experiência edipiana no menino e na menina são dois: *Organização genital infantil*, de 1923, e *O declínio do Complexo de Édipo*, de 1924, e sobre os desdobramentos do Édipo na menina também são dois: *Sobre a sexualidade feminina* (1931) e *A feminilidade* (Conferência XXXIII) (1933), os demais textos que serão utilizados nesta tese introduzem e completam os escritos mencionados. Assim, sem mais delongas, esperamos neste capítulo responder as questões: de que forma a sexualidade feminina é compreendida no pensamento freudiano? Vamos à tese.

4.1 MENINOS TÊM PÊNIS E MENINAS TÊM VAGINA

Vimos que a investigação sexual das crianças geralmente inicia no terceiro ano de vida e está ligada a uma sutil diferença anatômica, meninos têm pênis e meninas têm vagina. A visualização dessa diferença no corpo de outrem compõe as experiências anteriores de castração e inscreve no psiquismo uma perda de ordem corpórea, ou seja, para o menino a possibilidade da perda e para a menina uma perda já posta (FREUD, 1908). Essa perda registrada no psiquismo (Complexo de Castração) prepara o indivíduo para outra experiência igualmente significativa, o Complexo de Édipo, onde será desenhada a escolha de um objeto amoroso, ou seja, um homem ou uma mulher, o que não implica rigidez no sentido de que um indivíduo não possa relacionar-se com um homem e uma mulher.

A primeira alusão ao conceito de Complexo de Édipo foi feita em 1897, na *Carta 71*, em uma das correspondências trocadas entre Freud e o amigo e confidente Fliess, nas palavras do autor:

Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme pelo pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças histéricas. [...]. Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de *Oedipus Rex*, apesar de todas as objeções levantadas pela razão contra a sua pressuposição do destino; e podemos entender por que os “dramas do destino” posteriores estavam fadados a fracassar lamentavelmente. [...]. Cada pessoa da plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalcamiento que separa seu estado infantil do seu estado atual. (FREUD, 1897, p. 316).

Percebendo um sentimento de amor pela sua mãe e um sentimento hostil pelo seu pai, Freud (1897) associou essa experiência ao mito Édipo Rei, do filósofo Sófocles (2016). Esse autor conceituou de Complexo de Édipo os sentimentos amorosos e hostis que o indivíduo sente em relação ao pai e à mãe e afirmou, posteriormente, que essa experiência é fundamentalmente

sexual e marca o redirecionamento do sexual, de pré-genital para genital, culminando na escolha amorosa.

Após vinte e seis anos da *Carta 71* (1897), no texto *Organização genital infantil*⁵³ (1923), Freud tratou sobre a experiência edipiana. Logo no início desse escrito o autor trouxe considerações importantes, nas suas palavras:

A aproximação da vida sexual infantil a do adulto vai muito além e não tem a ver apenas com o surgimento de uma escolha de objeto. [...]. A principal característica dessa “organização genital infantil” é, ao mesmo tempo, sua diferença da organização genital definitiva do adulto. Ela reside no fato de que, para ambos os sexos, apenas *um genital*, o masculino, possui um papel. Portanto, não há um primado genital, mas um primado do *falo* [*Phallus*]. Infelizmente, só podemos descrever essas relações para o menino; falta-nos o conhecimento para os processos correspondentes na menininha. (FREUD, 1923, p. 238-239).

Desse modo, conforme a citação acima, percebemos que embora os estudos freudianos (dessa época) já considerassem a constituição do sexual do homem e da mulher de formas divergentes, há um primado ao qual todos (homens e mulheres) se submetem, o primado do falo. Segundo Freud (1923), o menino, ainda pequeno, percebe que homens e mulheres são diferentes, porém, essa diferença, no início, não se referencia à genitália. Para o menino, todos os seres vivos possuem a mesma genitália e nas coisas inanimadas são atribuídas características análogas a esse membro.

Ao longo dessas investigações [*Forschungdrang*], ao se deparar com os genitais de uma coleguinha, prima, ou irmã mais nova, o menino descobre que a sua genitália não é universal. A menina, no percurso da mesma investigação, nega essa diferença e atenua a presença dessa falta com a crença de que um dia o seu clitóris (entendido como análogo ao pênis, um minipênis) irá crescer, nas palavras no autor:

A falta de pênis será considerada consequência de castração, e a criança encontra-se agora diante da tarefa de se haver com a relação da castração com a sua própria pessoa. [...]. Só me parece que a importância do complexo de castração só pode ser corretamente apreciada se considerarmos sua origem na fase do primado do falo. (FREUD, 1923, p. 240).

E em nota de rodapé a essa comunicação é acrescentada a seguinte afirmação: “[...]. Entretanto, só se deveria falar de complexo de castração quando essa representação da perda tivesse se vinculado ao genital masculino” (FREUD, 1923, p. 240). As citações acima viabilizam considerarmos que: a partir de uma experiência corpórea o primado do falo inscreve uma falta de ordem psíquica; o complexo de castração é vivido mais intensamente no período fálico, embora haja experiências igualmente castradoras anteriormente (falamos sobre isso no

⁵³ *Die infantile Genitalorganisation (eine Einschaltung in die Sexualtheorie)* (1923).

capítulo anterior); e, com o acréscimo da nota de rodapé, a sugestão freudiana de que o termo complexo de castração se vincule ao genital masculino. A respeito dessa última comunicação seguiremos investigando se essa ideia se mantém ou não, pois que se a terminologia complexo de castração for uma experiência de ordem masculina, perguntamos qual seria a terminologia para a experiência de ordem feminina? Esperamos encontrar essa resposta adiante.

Sobre a diferença anatômica, Freud (1923) indicou que as crianças não aceitam facilmente essa distinção, principalmente quando se trata da mãe, que na imaginação da criança, conservaria o pênis por longo tempo. A mãe só será compreendida como aquela que perdeu o pênis quando os problemas das teorias do nascimento estiverem minimamente organizados. Para Freud (1923), essas teorias sobre a origem e o nascimento que culminam na falta do pênis, no caso da menina, desdobram-se para a constatação de que a mulher pode dar à luz. Assim, para o autor, em 1923, a menina atravessa o vazio ou a falta do pênis com a possibilidade de ter um filho. Mas, se a *posteriori* essa menina – mulher não tiver um filho, como podemos compreender a experiência dessa falta? Voltaremos a essa questão adiante.

Segundo o texto *Organização genital infantil* (1923), no início do período genital meninos e meninas têm pênis e, no final, meninos têm pênis e meninas têm filhos. Salientamos que até um parágrafo antes da conclusão desse texto Freud (1923) fez uso dos termos menino, menina, homem e mulher, indicando que comunicava a organização genital infantil desses gêneros. Já a ideia de feminino e masculino sugere relacionar-se a uma posição subjetiva entre um indivíduo e outrem. No último parágrafo o autor comunica essa interpretação:

Na fase seguinte da organização genital infantil há, na verdade, um masculino, mas nenhum feminino; a antítese aqui é entre o genital masculino ou castrado. Só com o término do desenvolvimento, na época da puberdade, é que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. O masculino reúne o sujeito, a atividade e a posse do pênis; o feminino estende-se ao objeto e à passividade. A vagina é considerada o albergue do pênis; ela assume a herança do ventre materno [*Mutterleibes*]. (FREUD, 1923, p. 242).

Assim, Freud (1923) concluiu o texto supracitado reforçando o pensamento de que as polaridades sexuais masculino e feminino definem-se na puberdade e embora a citação acima reúna ao masculino a atividade e a posse do pênis perguntamos: uma vez que foi entendido que na mulher a posse desse órgão não é possível por razões óbvias o desdobramento para ter um filho também não poderia ser compreendido como posição masculina? E se ter filho não for possível, como poderíamos conceber essa posição na mulher? Voltaremos a essas questões adiante.

O texto *O declínio do Complexo de Édipo*⁵⁴ (1924) objetivou demonstrar de que forma a experiência do Complexo de Édipo “[...], sucumbe ao recalçamento, [...]” (FREUD, 1924, p. 247). Para o autor, esse selamento acontece quando o menino e a menina sofrem “[...] a ausência da satisfação esperada e a continuada privação [*Versagung*]” (FREUD, 1924, p. 247), ou seja, quando a menina se vê impedida de ser objeto amoroso do pai e o menino se vê na mesma posição em relação à mãe. Portanto, o Complexo de Édipo só seria dissolvido diante da experiência de fracasso [*ginge so zugrunde*].

Freud (1924) compreendeu que a experiência do Complexo de Édipo é simultânea ao período fálico e, por isso, desenvolve-se até certo ponto, quando submerge e dissolve-se no período de latência. Essa experiência inscreve no psiquismo duas possibilidades importantes, nas palavras do autor:

O Complexo de Édipo ofereceu à criança duas possibilidades de satisfação, uma ativa e uma passiva. Ela poderia se colocar, masculinamente, no lugar do pai e, como ele, relacionar-se com a mãe, de forma que logo o pai seria sentido como um obstáculo, ou substituir a mãe e ser amada pelo pai, de maneira que a mãe se tornaria supérflua. Sobre o que constitui essa satisfatória relação amorosa a criança deve ter apenas noções [*Vorstellungen*] imprecisas; mas é certo que o pênis teve aí um papel, pois as sensações no órgão o testemunham. Ainda não houve ocasião para duvidar do pênis na mulher. A aceitação da possibilidade de castração, a compreensão de que a mulher é castrada poria fim às duas possibilidades de satisfação a partir do Complexo de Édipo. Ambas trariam consigo a perda do pênis, a masculina como efeito de punição e a feminina como precondição. (FREUD, 1924, p. 250).

Assim, de acordo com a citação acima, no menino a dissolução do Complexo de Édipo está em aceitar a castração sob o ponto de vista de perda. Essa condição, que implica uma insatisfação amorosa, não se realiza sem conflito entre o narcisismo⁵⁵ e o investimento libidinal dos objetos materno e paterno, nas palavras do autor:

[...]. Nesse conflito vence normalmente a primeira força, o Eu da criança se afasta do Complexo de Édipo. [...]. Os investimentos de objetos são abandonados e substituídos por identificação. A autoridade parental ou paterna introduzida no Eu forma aí o núcleo do Supereu, que toma emprestado do pai sua severidade, perpetua a proibição do incesto e assim assegura o Eu contra o retorno dos investimentos libidinais de objeto. Os anseios libidinais pertencentes ao Complexo de Édipo serão em parte dessexualizados e sublimados, o que provavelmente ocorre em cada transformação em identificação, e em parte inibidos quanto às metas [*zielgehemmt*] e transformados em moções de ternura. O processo salvou, por um lado, o genital, afastou dele o perigo de sua perda, e, por outro, paralisou-o, suspendeu sua função. Com ele se inicia o

⁵⁴ *Der Untergang des Ödipuskomplexes* (1924).

⁵⁵ Segundo Laplanche e Pontalis (2008), o conceito de narcisismo não é unívoco na psicanálise freudiana e assim como alguns conceitos trabalhados em nossa tese, é um conceito que perpassa construções e reconstruções na obra desse autor. Então, intuindo a explicação do termo acima, temos que de maneira geral esse conceito pode ser compreendido como algo que integra o Eu e a forma desse relacionar-se com os objetos de investimento (libidinais) a sua volta.

período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança. (FREUD, 1924, p. 251).

Nesse sentido, no período fálico, o Complexo Édipo do menino submete-se à ameaça da castração e dá lugar ao Supereu. Já na fase fálica da menina, o clitóris comporta-se como um minipênis e, por isso, a menina desenvolve expectativa de que um dia terá um pênis “grande” como o menino. Essa expectativa não cumprida gera na menina sentimento de prejuízo e inferioridade, nas palavras do autor:

Ela ainda se consola durante algum tempo com a expectativa de que mais tarde, quando crescer, ela receberá um apêndice tão grande quanto o do menino. É nesse ponto, então, que se bifurca o complexo de masculinidade da mulher. Porém, a menininha não entende a sua falta atual como sendo de natureza sexual, mas a explica com a suposição de que já possuiu um membro igualmente grande, e que depois perdeu pela castração. Ela parece não estender essa conclusão sobre si mesma a outras mulheres adultas, mas atribui a elas, exatamente no sentido da fase fálica, um genital grande e completo, portanto, masculino. Assim se produz a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, enquanto o menino teme pela possibilidade de sua consumação. (FREUD, 1924, p. 252-253).

De acordo com a citação acima, apesar de meninos e meninas se sentirem iguais durante alguns anos de seu desenvolvimento, na menina haverá um momento de inscrição de uma sutil diferença. Percebendo a diferença anatômica e, concomitantemente, a sensação de frustração frente as suas expectativas, a menina desliza do pênis para o bebê. Freud (1924) entendeu que essa frustração não é facilmente tolerada pela menina e, por isso, realiza-se essa equação simbólica, como tentativa de compensação da sensação de perda.

Desse modo, o Complexo de Édipo na menina resulta no desejo de dar um filho ao pai. Porém, como esse fato não se realiza, esse complexo vagarosamente é abandonado e mantido latente no inconsciente, “Ambos os desejos, de possuir um pênis e um filho, permanecem fortemente investidos no inconsciente e ajudam a preparar o ser feminino para seu futuro papel sexual.” (FREUD, 1924, p. 253). Essa citação sobre a possível resolução do complexo edipiano na menina nos convoca a uma percepção e questionamento, a saber: a forma como o autor referenciou o termo feminino sugere que se trata da mulher e não de uma posição feminina; então, a respeito do *futuro papel sexual* da mulher, questionamos qual seria?

Freud (1924) não respondeu à pergunta acima e ainda afirmou, ao final desse texto, que a compreensão do desenvolvimento sexual da menina é soturna e insatisfatória, demonstrando que, até 1924, a psicanálise freudiana possuía lacunas sobre o tema do sexual na menina. Após um ano do escrito mencionado, Freud (1925) escreveu o texto *Algumas consequências*

psíquicas da distinção anatômica entre os sexos,⁵⁶ que pelo título sugere tratar sobre algumas peculiaridades do desenvolvimento sexual do menino e da menina.

Logo no início da introdução sobre essa diferença o autor retoma o que havia apontado em 1924 a respeito da dificuldade em compreender o ponto fundante da distinção entre o desenvolvimento sexual na experiência edipiana do menino e da menina, bem como, apresentou lacunas de entendimento sobre o Complexo de Édipo no menino. A primeira dificuldade freudiana que nos chamou a atenção não foi mencionada nos textos anteriores que investigamos e diz o seguinte:

Uma dificuldade de compreensão surge pela complicação de que o Complexo de Édipo, mesmo para o menino, é duplamente orientado, ativo e passivo, de acordo com a constituição sexual. O menino também quer substituir a mãe como objeto de amor do pai, o que chamamos de posição feminina. (FREUD, 1925, p. 261).

Assim, conforme a citação, percebemos que o Complexo de Édipo do menino foi reinterpretado, na medida em que o autor reconheceu que os impasses sobre a constituição sexual não é apenas questão de menino ou menina e tampouco a posição feminina o é.

As considerações freudianas sobre o Édipo da menina iniciam com uma afirmação e, posteriormente, com uma pergunta. A afirmação está em considerar essa experiência como mais nebulosa do que em relação ao menino, por que? Porque Freud (1925) questionou qual o momento que a menina abandona a mãe para tomar o pai como seu objeto. E a nossa pergunta diante desse questionamento é: esse abandono acontece? Para responder a sua pergunta, Freud (1925) buscou elucidar alguns pontos da pré-história edípica da menina, nas palavras do autor:

Na menininha é diferente. Num instante ela está preparada para o seu julgamento e sua decisão. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo.⁵⁷ Neste ponto, bifurca-se o assim chamado complexo de masculinidade da mulher, o qual, eventualmente, trará grandes dificuldades ao desenvolvimento predeterminado da feminilidade, caso a mulher não consiga logo superá-lo. A esperança de algum dia ter um pênis e assim igualar-se ao homem pode conservar-se até épocas incrivelmente tardias e tornar-se motivo de atos estranhos, incompreensíveis de outro modo. Ou a mulher ingressa no processo que eu gostaria de chamar de recusa [*Verleugnung*], que não parece ser nem raro nem muito perigoso na vida anímica [...]. A menina se recusa a aceitar o fato de sua castração, reforça a convicção de que, sim, possui um pênis, e é obrigada a conduzir-se na sequência como se fosse um homem. (FREUD, 1925, p. 264-265).

Assim, de acordo com a comunicação acima, a travessia do Complexo de Édipo na menina fundamenta-se pela aceitação da castração e pela inveja do pênis e pode resultar em um

⁵⁶ *Einige psychische Folgen des anatomischen Geschlechtsunterschieds* (1925).

⁵⁷ A citação acima é acompanhada da seguinte nota de rodapé: “Esta é a oportunidade de corrigir uma afirmação que fiz há muitos anos. Eu acreditava que o interesse sexual das crianças não era despertado, como o dos que estão quase maduros, pela diferença entre os sexos, mas que se inflamava no problema de ser onde vêm as crianças. Pois bem ao menos para a menina, isso certamente não vale. Para o menino, poderá ser ora assim, ora de outro modo, ou, para ambos os sexos, são as circunstâncias da vida que decidem.” (FREUD, 1925, p. 264).

encontro com a feminilidade ou em um complexo de masculinidade, que seria uma tentativa de se igualar ao homem, ou seja, a crença de que possui pênis, sem tê-lo. Já para o surgimento da feminilidade, a condição é o abandono da sexualidade clitoriana. Caso esse desdobramento para a feminilidade se dê há um outro deslizamento: “Ela abandona o desejo do pênis para colocar em seu lugar o desejo de uma criança e, com essa intenção, toma o pai como objeto de amor. A mãe se torna objeto de ciúme, e a menina se transforma em uma pequena mulher.” (FREUD, 1925, p. 268).

Segundo Freud (1925), a diferença entre o Complexo de Édipo no menino e na menina é que na menina “[...] é uma formação secundária. As repercussões do complexo de castração o precedem e o preparam” (FREUD, 1925, p. 269), ou seja, enquanto no menino esse complexo se encerra com a castração, a menina é introduzida a esse complexo pela castração. A principal diferença está em uma castração consumada e em uma castração ameaçada. E Freud (1925) acrescentou que tão importante como reconhecer o início da constituição desse complexo é indicar o seu desfecho, no qual, em ambos (meninos e meninas), o Supereu é o herdeiro que reúne e incorpora objetos ao Eu. O autor finalizou esse escrito indicando que esses objetos são de características femininas e masculinas, “[...] de maneira que a pura masculinidade e a pura feminilidade são construções teóricas de conteúdo incerto.” (FREUD, 1925, p. 271).

Percebemos até agora que nos textos elencados o autor fez uso dos termos feminino, masculino, feminilidade e masculinidade. Ao que nos parece, a utilização desses termos (até o escrito de 1925) ainda é incerta para o próprio autor, pois que há momentos em que feminino e masculino são referenciados ao gênero mulher e homem, e em outras circunstâncias fazem referência a uma posição subjetiva desdobrada na experiência edipiana. Os termos feminilidade e masculinidade são apresentados apenas em 1925 e também foram referenciados a uma posição subjetiva ligada à experiência do Complexo de Édipo, mais propriamente em relação à castração. Por isso questionamos: os termos feminilidade e masculinidade seriam referências conceituais que viriam a substituir os vocábulos feminino e masculino, que também trataram sobre uma posição subjetiva desdobrada no Complexo de Édipo? Voltaremos a esse ponto adiante.

Além da incerteza quanto ao uso das expressões acima, temos a certeza (pela comunicação do autor) que tanto no menino quanto na menina o atravessamento da experiência resulta na constituição do Supereu e, conforme mencionamos na introdução deste capítulo, que os textos freudianos não seriam utilizados de maneira cronológica – como realizado anteriormente –, para abordarmos essa constituição trabalharemos com dois pontos do texto *O ego e o id* (1923) que abordam essa questão. O primeiro ponto do texto citado chama-se *III O*

ego e o superego (ideal do ego). Destacamos que como o próprio título sugere, Freud (1923) trabalhou a ideia de Ego Ideal e Ideal do Ego, porém, não iremos nos dedicar a essa questão, utilizaremos apenas as considerações que tratam sobre a construção do Supereu no psiquismo.

No início dessa discussão Freud (1923) afirmou algo que não é novidade para nós, as identificações de um indivíduo ao pai ou à mãe servem-se da relação triangular edipiana e da disposição bissexual de cada indivíduo. Para o autor, no menino, a relação ambivalente de hostilidade e afeto que esse indivíduo estabelece com o pai e com a mãe culmina em (nas palavras do autor):

[...] com a demolição do complexo de Édipo, a catexia objetual da mãe, por parte do menino, deve ser abandonada. O seu lugar pode ser preenchido por uma de duas coisas: uma identificação com a mãe ou uma intensificação com o pai. Estamos acostumados a encarar o último resultado como o mais normal; ele permite que a relação afetiva com a mãe seja, em certa medida, mantida. Dessa maneira, a dissolução do complexo de Édipo consolidaria a masculinidade no caráter de um menino. De maneira precisamente análoga, o desfecho da atitude edipiana numa menininha por ser uma intensificação de sua identificação com a mãe (ou a instalação de tal identificação pela primeira vez) – resultado que fixará o caráter feminino da criança. [...] Pareceria, portanto, que em ambos os sexos a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é o que determina se o desfecho da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe. Esta é uma das maneiras pelas quais a bissexualidade é responsável pelas vicissitudes subsequentes do complexo de Édipo. (FREUD, 1923, p. 45).

Então, de acordo com a citação, Freud (1923) tratou a dissolução do Complexo de Édipo no menino e na menina de forma análoga, considerando que pela disposição da bissexualidade, as identificações maternas e paternas agrupam-se na constituição egóica e não se excluem. O superego, consequência do atravessamento do Complexo de Édipo, expressa-se “[...] sob a forma de um imperativo categórico” (FREUD, 1923, p. 47), repreendendo as diversas manifestações pulsionais do indivíduo.

No ponto *V As relações dependentes do ego*, Freud (1923) indicou que uma característica importante do superego é o caráter do complexo paterno, a sua dominação em relação ao ego e ao id (que é regido pelo princípio do prazer e, por isso, busca a satisfação incessantemente). Assim, se há contribuição nos pontos indicados deste capítulo, é de que o início da constituição do superego é o resultado dessa experiência.

Após a internalização da instância paterna no Supereu, a próxima tarefa a resolver é descolar esse último das pessoas que ele originalmente representou animicamente. Nessa via notável de desenvolvimento foi utilizado justamente o interesse genital narcísico, da conservação do pênis, para a limitação da sexualidade infantil (FREUD, 1931, p. 290). Então, tanto para a menina quanto para o menino, o Supereu é o herdeiro do Complexo de Édipo que irá limitar e frustrar as tentativas de realizações prazerosas do ego e do id. Ocupando um lugar

de pai no psiquismo – metaforicamente falando – o Supereu delimitará inclusive as expressões da sexualidade *a posteriori*.

Assim, sobre os textos acima que trataram a experiência do Complexo de Édipo e o seu declínio – para utilizar a expressão freudiana –, percebemos que as comunicações não indicaram exatamente quais seriam os desdobramentos do Édipo feminino. Esse desenvolvimento é realizado com os textos dos anos de 1931 e 1933, como veremos agora.

Na obra freudiana temos dois únicos textos que carregam em seu título o tema da sexualidade feminina e da feminilidade são eles: *Sobre a sexualidade feminina* (1931) e *A feminilidade* (Conferência XXXIII) (1933). Ambos os escritos partem da noção de Complexo de Édipo para pensar os assuntos mencionados, então, vamos ao primeiro texto que foi dividido pelo autor em quatro pontos.

Freud (1931) iniciou o primeiro ponto do texto *Sobre a sexualidade feminina* realizando apanhado geral do Complexo de Édipo no menino e o correlacionou com as sutis diferenças desse complexo na menina. A primeira percepção freudiana mencionada foi feita em forma de pergunta e tem o seguinte tom: partindo do pressuposto que faz parte do Complexo de Édipo a experiência de ambivalência de sentimentos, que em um primeiro momento o afeto e a hostilidade deslizam para ambos os genitores, e em um segundo momento, o afeto é direcionado para o genitor do sexo oposto e a hostilidade direcionada para o genitor do mesmo sexo, como a menina experimenta essa situação em que a mãe é o primeiro amor e depois a sua rival? E Freud (1931) acrescentou se pai e mãe são objetos amorosos, perguntou: como a menina se direciona ao pai depois de encontrar a sua mãe?

Interessante notarmos que esses questionamentos sobre a escolha objetal da menina foram correlacionados ao deslizamento da zona erógena: “Há muito tempo compreendemos que o desenvolvimento da sexualidade feminina se complica pela tarefa de abandonar a zona genital originariamente mais importante, o clitóris, por uma nova, a vagina.” (FREUD, 1931, p. 285). Freud (1931) não explicou esse pensamento e tampouco nós o faremos neste momento, visto que estamos ainda introduzindo o escrito freudiano a respeito da sexualidade feminina. Seguimos.

Intuindo propor uma compreensão sobre o desenvolvimento da sexualidade da menina e o objeto amoroso mãe, Freud (1931) indicou a relação da menina com a mãe como primária e embora em alguns casos seja perceptível uma ligação intensa da menina com o pai, não se deve desconsiderar que em algum momento anterior a mãe também foi eleita para essa relação. Dessa maneira, Freud (1931) chamou a atenção para a fase pré-edípica da mulher, visto que

esse momento contém primevas fixações e recalcamientos que podem vir a explicar a constituição da neurose (*a posteriori*).

Não iremos explicar a constituição da neurose, pois, como informado desde o início desta pesquisa, não é o nosso tema de tese, todavia, cabe-nos questionamento que atravessa esse assunto, pois que toca em nossa questão de pesquisa. Alguns parágrafos textuais mais adiante das considerações acima, mencionando sobre as suas possibilidades e as impossibilidades clínicas no universo feminino ao abordar sobre a ligação amorosa da menina com a mãe, o autor comunicou: “Entre elas, a de que essa fase de ligação com a mãe permite suspeitar de uma íntima relação com a etiologia da histeria, o que não deve surpreender, se percebemos que ambas, a fase e a neurose, pertencem ao caráter singular da feminilidade.” (FREUD, 1931, p. 288).

Nessa passagem o autor trouxe outro conceito, a feminilidade, e ainda o relacionou à neurose histérica. E, embora não explique essa afirmação, a destacamos para retornarmos adiante e para marcarmos que com essa declaração o autor deixa claro que sexualidade feminina e feminilidade são conceitos distintos. Cabe-nos seguir investigando qual o estatuto teórico de cada um, se há ou não convergências e divergências, por isso, seguimos com o segundo ponto do texto freudiano.

Freud (1931) iniciou esse ponto afirmando que a presença da bissexualidade na constituição sexual humana é mais visível na mulher do que no homem, pois que a mulher possui duas zonas orientadoras, o clitóris (tomado como análogo ao pênis) e a vagina, que (geralmente) se apresenta à menina na época da puberdade. E, embora Freud (1931) não tenha indicado o motivo pelo qual a vagina possa se expor à menina nessa fase, pensando na psicologia do desenvolvimento humano e na experiência clínica psicanalítica, a nossa hipótese é a de que nesse período (geralmente) a menina experimenta a menarca, a primeira menstruação, fato que pode redirecionar uma atenção para essa zona erógena, porém, de todo modo, são hipóteses embasadas em outros campos, que nesse momento não respondem a problemática.

Desse modo, para o autor, a sexualidade feminina divide-se em dois períodos, “[...], das quais a primeira tem um caráter masculino; apenas a segunda é especificamente feminina” (FREUD, 1931, p. 289). Em nossa hipótese, essa comunicação relaciona-se às predominâncias das zonas erógenas indicadas acima. Após essa afirmação, o autor reconheceu que essa transição no desenvolvimento feminino em nada se parece com o desenvolvimento do homem, e acrescentou em tom de questão qual seria “[...] a função do clitóris viril [...]” (FREUD, 1931, p. 289) Freud (1931) não soube explicar essas peculiaridades e seguiu sua construção sobre o desenvolvimento do Complexo de Édipo na menina.

Após o período de ambivalência sentimental em relação aos genitores e a experiência da castração, que culmina no surgimento do Supereu (que introduz o indivíduo à cultura), Freud (1931) continuou o segundo ponto do texto discorrendo sobre as três implicações do complexo de castração na mulher. Importante evidenciarmos que essa experiência na mulher foi marcada pelo autor da seguinte forma: “A mulher reconhece o fato de sua castração e, com isso, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas também se revolta contra essa situação desagradável.” (FREUD, 1931, p. 291). Então, diante dessa falta e a sensação de inferioridade, a revolta da mulher resulta em três orientações que são: primeiro, a recusa da sexualidade, insatisfeita com o clitóris, desiste da atividade masculina; segundo, constitui-se o “complexo de masculinidade”, a mulher busca igualar-se ao homem, sustentando uma fantasia de possuir um pênis imaginário; e, terceiro, nas palavras do autor:

Só um terceiro desenvolvimento, bastante indireto, desemboca na normal configuração feminina final, a que toma o pai como objeto e assim encontra a forma feminina do complexo de Édipo. Portanto, o complexo de Édipo na mulher é o resultado final de um longo desenvolvimento; ele não é destruído pela influência da castração, mas criado por ela; ele escapa das intensas influências hostis que atuam no homem como destruidoras e, inclusive, muito frequentemente, não é absolutamente superado pela mulher. [...]. Portanto, a fase da ligação exclusiva com a mãe, que pode ser chamada de pré-edípica, reivindica na mulher uma importância muito maior do que a que pode ter no homem. Muitos fenômenos da vida sexual feminina, antes não acessíveis ao entendimento, encontram-se remetidos a essa fase. (FREUD, 1931, p. 291-292).

Assim, conforme o autor expôs, diferentemente do Complexo de Édipo do menino, que culmina na castração, na menina esse complexo inicia com o surgimento da castração e leva em consideração a fase pré-edípica. A relação com a mãe, que é fundamental nesse complexo, na menina põe em jogo o surgimento da feminilidade [*Weibtn*], visto que esse desenvolvimento só é possível se houver deslizamento das ligações objetais afetivas da mãe para o pai. Essa última afirmação freudiana só nos certifica de que o desenvolvimento da feminilidade não é algo unicamente da mulher, posto que dá proeminência à função do objeto pai para esse aparecimento, mas não discutiremos esse ponto neste momento. Por ora, a questão que se faz é anterior: de que forma o objeto pai contribui para o surgimento da feminilidade? No ponto dois do texto Freud (1931) não respondeu, o fez no terceiro ponto textual.

O ponto três do texto de 1931 iniciou com longa explanação sobre a presença das metas sexuais ativas e passivas na menina. Nessa parte do escrito, o autor não poupou o leitor de exemplos de recortes do desenvolvimento infantil da menina em que as metas passivas e ativas se apresentam e transitam ao longo dos períodos oral, anal e fálico. Interessante notarmos que na explicação desse jogo de inter-relação de moções ativas e passivas, Freud (1931) colocou a

mãe, enquanto objeto afetivo, no centro para pensar esse binômio, o que demonstrou sua tentativa de indicar a importância do período pré-edípico na menina.

Desse modo, entendendo a moção ativa como a expressão de algo que impulsiona o indivíduo em direção ao objeto (no caso a mãe), e a moção passiva como a expressão de retraimento, afastamento (também em relação à mãe), Freud (1931) chegou à questão do deslizamento do objeto mãe para o objeto pai no Complexo de Édipo da menina e afirmou:

Com o afastamento em relação à mãe, também cessa a masturbação clitoriana e, bastante frequentemente, como o recalamento da masculinidade pregressa da menininha, uma boa parte do seu anseio sexual fica permanentemente danificado. A passagem ao pai como objeto é realizada com o auxílio dos anseios passivos, na medida em que estes escaparam à reviravolta. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora livre para a menina, desde que seja limitado pelos restos da superada ligação pré-edípica à mãe. (FREUD, 1931, p. 303).

Então, de acordo com a citação acima, é a impulsão da atividade passiva que leva a menina ao deslocamento do objeto e à possível assunção da feminilidade. Dito de outra forma, para o desenvolvimento da feminilidade há de se reconhecer os limites e as liberdades que a castração impõe. E, embora as expressões ‘atividade passiva’, ‘limite e liberdade’ não percam de vista a sua complexidade ou o seu paradoxo, para o desenvolvimento da feminilidade Freud (1931) deixou claro que é necessário buscar formas de atravessar os furos do corpo.

No último ponto do texto de 1931 o autor comunicou que todas as afirmações anteriores já foram exploradas por ele e retomou passagens textuais de outros psicanalistas discutidas na época sobre o Complexo de Édipo da menina. Não iremos abordar as concordâncias e discordâncias freudianas a respeito desses autores, por isso, finalizamos este último ponto com duas afirmações importantes do autor. A primeira foi longamente discutida por nós no primeiro capítulo e trata da insuficiência das leis biológicas em explicar uma experiência, pois que o indivíduo está em constante movimento e igualmente é influenciado pela vivência acidental. E a segunda e última afirmação tratou do destaque das primeiras relações da menina com a mãe para uma (possível) compreensão do desenvolvimento posterior do complexo edipiano.

O último texto freudiano eleito para tratarmos sobre o Complexo de Édipo na menina foi desenvolvido após dois anos do escrito anterior e chama-se *A feminilidade* (1933), e propôs em sua comunicação um estilo de conferência, com tom mais didático, embora não tenha sido proferida devido às condições de saúde do autor. Vamos ao texto.

Em tom de inquietude e provocação, o início dessa conferência freudiana retomou a discussão de nosso primeiro capítulo sobre uma possível distinção entre masculino e feminino. Retomando as considerações da ciência anatômica, Freud (1931) disse que nesse campo do conhecimento a distinção pode ser feita em torno do produto e da função sexual, porém há uma

ressalva: “[...], em ambos os sexos, os outros órgãos, as formas e os tecidos corporais mostram uma influência do gênero, mas esta é inconstante e sua medida é variável; trata-se dos assim chamados caracteres sexuais secundários.” (FREUD, 1933, p. 315). Desse modo, a suposta divisão que haveria entre masculino e feminino, quando submetida a essa concepção, causa incerteza.

Depois, retomando novamente a ciência para pensar essa distinção, o autor disse que essa área compartilha da concepção de que em ambos os sexos há partes do sexo oposto. A isso dá-se o nome de disposição bissexual, nas palavras do autor:

[...], como se o indivíduo não fosse nem homem nem mulher, e sim ambos a cada vez, só que com mais um do que do outro. Vocês serão, então, solicitados a se familiarizar com a ideia de que a proporção a partir da qual o masculino e o feminino se mesclam no indivíduo sofre oscilações extraordinárias. [...], e tirar a conclusão de que aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida, que a anatomia não consegue apreender. (FREUD, 1933, p. 315-316).

Então, conforme a citação acima, as pressuposições da ciência anatômica para pensar a masculinidade e a feminilidade são insuficientes. E a ciência psicológica dá conta? Perguntou o autor. Partindo da ideia de que masculino e feminino não são diferenças psicológicas, Freud (1933) desaconselhou a pensar esse binômio a partir das características “ativo” para masculino e “passivo” para feminino, uma vez que até para uma posição passiva a atividade também se faz presente. E “[...] caracterizar psicologicamente a feminilidade através da preferência por metas passivas” (FREUD, 1933, p. 317), questionou o autor, que respondeu:

Naturalmente, isso não é a mesma coisa que passividade; é preciso uma grande porção de atividade para que uma meta passiva se estabeleça. Talvez isso ocorra de tal maneira que no caso da mulher, por sua participação na função sexual, ela estenda para outras esferas de sua vida uma preferência, mais ou menos ampla, pela conduta passiva e por anseios de meta passiva, conforme o modelo de vida sexual se limite ou se amplie. Devemos, contudo, atentar para que a influência das normas sociais não seja subestimada, normas que, de forma semelhante, forçam a mulher para situações passivas. Tudo isso ainda está muito obscuro. Não queremos ignorar uma relação particularmente constante entre a feminilidade e a vida pulsional. A repressão [*Unterdrückung*] à sua agressividade, que é prescrita constitucionalmente e imposta à mulher socialmente, favorece a formação de intensas moções masoquistas, que conseguem vincular eroticamente as tendências destrutivas voltadas para dentro. O masoquismo é, portanto, como se diz, legitimamente feminino. Mas, se vocês encontrarem o masoquismo em homens, como é frequente, o que lhes resta senão dizer que esses homens apresentam traços femininos muito evidentes? Agora vocês já estão preparados para o fato de que a psicologia também não irá resolver o enigma da feminilidade. (FREUD, 1933, p. 317-318).

Então, do ponto de vista psicológico, Freud (1933) novamente afirmou sobre a presença de características femininas e masculinas na mulher e no homem, demonstrando, conforme a citação acima, que apesar da forte influência do discurso social sobre a mulher, essa não é uma ação unicamente suficiente para alguma determinação. Outra reflexão que a citação acima

levantou, embora não tenha sido trabalhada nesse momento pelo autor, foi da sutil diferença entre feminino, masculino e feminilidade. O autor aproximou a feminilidade da vida pulsional, já feminino e masculino ficaram relacionados a características secundárias. Logo, vamos seguir com o texto a fim de identificar outras reflexões.

No parágrafo seguinte o autor o iniciou comunicando que a psicologia não dá conta de resolver o mistério da feminilidade. E a psicanálise? Perguntamos. Para tratar a questão Freud (1933) partiu da seguinte proposição: o que torna uma mulher, mulher? Primeiro, devemos levar em conta a disposição bissexual humana. Segundo, toda adaptação constitutiva não se faz sem revolta. Terceiro, ao longo do desenvolvimento, as diferenças entre homem e mulher iniciam-se na entrada do período fálico, nas palavras do autor:

Estaríamos autorizados a sustentar que na fase fálica da menina o clitóris é a zona erógena condutora. Mas ele não vai permanecer assim; com a viragem para a feminilidade, o clitóris deve ceder, totalmente ou em parte, a sua sensibilidade, e, com isso, sua importância, à vagina, e essa seria uma das duas tarefas que devem ser cumpridas no desenvolvimento da mulher, enquanto o homem, com mais sorte, na época do amadurecimento sexual, só precisa continuar o que ele ensaiou no período do primeiro florescimento sexual. (FREUD, 1933, p. 321).

Logo, de acordo com a citação acima e com as considerações freudianas após essa citação, ao longo da fase fálica a menina deve deslizar de zona erógena (do clitóris para a vagina), e também trocar de objeto, da mãe para o pai, porém, surge outro questionamento: “[...], mais especificamente, sobre como a menina passa da mãe para a ligação com o pai, ou, em outras palavras: de sua fase masculina para a fase feminina que foi determinada para ela.” (FREUD, 1933, p. 321-322). Para responder essa pergunta, mais uma vez o autor retomou a importância de conhecer a fase da “[...] ligação pré-edípica com a mãe” (FREUD, 1933, p. 322), ou seja, buscar compreender como ocorre a constituição das fases orais, sádico-anais e fálicas, sobretudo como acontece o fim dessa ligação da criança com a mãe, que geralmente “[...] ocorre sob o signo da hostilidade; a ligação com a mãe acaba em ódio.” (FREUD, 1933, p. 325).

Essa hostilidade para com a mãe pode ser impulsionada por muitos fatores, Freud (1933) citou alguns exemplos que em seu esteio colocam a mãe em posição de insuficiência, de falta, como: a criança que não recebeu leite suficiente, a retirada precoce (ou não) do seio materno, o surgimento de outra criança que comparece como inibidora da continuidade do aleitamento e do cuidado materno. Para Freud (1933), a criança “[...] se sente destronada, roubada, prejudicada em seus direitos, lança um ódio ciumento sobre o irmãozinho e desenvolve contra a mãe infiel um ressentimento, que frequentemente se expressa em uma desagradável alteração em sua conduta.” (FREUD, 1933, p. 327).

Segundo o autor, a criança retrocede a algumas condutas que havia conquistado, por exemplo, o domínio das excreções. Desse modo, na compreensão freudiana, esse ciúme, essa hostilidade que é tida como comum, parte da constituição subjetiva, relaciona-se intrinsecamente a qualquer exigência de inibição libidinal da mãe para com a criança, que na fase fálica, pela intensidade com que é vivida, direciona-se ao impedimento de atividades prazerosas ligadas ao genital. Então:

Todos esses fatores: os abandonos, as decepções amorosas, o ciúme, a sedução e a proibição subsequente também produzem efeito na relação do menino com a mãe e, afinal, não são capazes de afastá-lo da mãe como objeto. Se não encontramos algo que seja específico para a menina [...]. (FREUD, 1933, p. 328).

Por isso, perguntamos, o que seria peculiar ao universo da menina?

Freud (1933) respondeu apontando que essa diferença se inicia no complexo de castração, no momento em que a diferença anatômica se coloca como condição, apresentando efeitos psíquicos. Logo, diante da genitália do menino, a menina imediatamente percebe a diferença (complexo de castração), porém reluta em admitir essa diferença. Sentindo-se prejudicada, a menina inveja o pênis [*Penisneid*]:

[...], que deixa marcas indeléveis em seu desenvolvimento e na formação de seu caráter, e mesmo no caso mais favorável não será superada sem um extremo dispêndio psíquico. Que a menina reconheça o fato de sua falta de pênis não quer dizer, absolutamente, que ela se submeta facilmente a ele. (FREUD, 1933, p. 329).

Esse desejo de possuir o pênis e a identificação da própria castração é o ponto fundamental do desenvolvimento sexual da menina, nas palavras do autor:

[...] é um ponto de viragem no desenvolvimento da menina. Dele partem três orientações de desenvolvimento: uma leva à inibição sexual ou à neurose; a seguinte, à alteração do caráter, no sentido de um complexo de masculinidade; e a última, finalmente, à feminilidade normal. Sobre todas as três aprendemos bastante, ainda que não tudo. (FREUD, 1933, p. 331).

Conforme o autor acima, diante da própria castração, a menina que vai em direção a feminilidade renuncia parte de sua atividade fálica e adota uma posição passiva em relação ao pai, já que a mãe lhe negou o pênis. Porém, a situação feminina só se efetiva se o desejo pelo pênis for substituído pelo desejo do filho, ou seja, se o segundo tomar o lugar do primeiro. Essa equivalência simbólica significa que a menina ingressou em seu Complexo de Édipo. Desse modo, ao contrário do menino, na menina o complexo de castração a prepara para a entrada no Complexo de Édipo. Então, “[...] em vez de destruí-lo; através da influência da inveja do pênis, a menina é pressionada a desfazer a ligação com a mãe e entra na situação do Édipo como se fosse um porto seguro.” (FREUD, 1933, p. 334-333).

Já a saída para o complexo de masculinidade foi entendida pelo autor como a recusa para a passividade “[...] que abre a viragem para a feminilidade” (FREUD, 1933, p. 335), ou seja, a menina agarra-se à atividade fálica e não cede à passividade. Dessa maneira, com essas considerações sobre o desenvolvimento fálico da mulher, Freud (1933) seguiu essa conferência retomando os enlaces entre o psíquico e o social na constituição da mulher, por isso abordou a presença da frigidez sexual da mulher, a forma com que os parceiros são escolhidos e relacionam-se a esse período de escolha objetal amorosa e os casamentos de sucesso e fracassados. Freud (1933) finalizou essa conferência com a seguinte citação:

Isto é tudo o que eu tinha para lhes dizer sobre a feminilidade. Certamente está incompleto e fragmentário, e nem sempre soa amigável. Mas não se esqueçam de que só conseguimos descrever a mulher [*Weib*] na medida em que seu ser é determinado por sua função sexual. Essa influência é, sem dúvida, muito vasta, mas não perdemos de vista o fato de que, além disso, cada mulher [*Frau*] deve ser um ser humano. Se quiserem saber mais sobre a feminilidade, então perguntem às suas próprias experiências de vida, ou voltem-se aos poetas, ou esperem até que a ciência possa lhes dar informações mais profundas e mais bem articuladas. (FREUD, 1933, p. 341).

Assim, sem conseguir avançar além dos pontos elucidados e ainda tomando os caminhos edipianos da mulher como soturnos, a reflexão freudiana propôs que os desdobramentos do Complexo de Édipo na menina são três: a maternidade, a frigidez ou a histeria. Então, antes de finalizarmos este subcapítulo e seguirmos para uma reflexão com os pressupostos freudianos e outros autores, ensejamos retomar alguns pontos e questionamentos lançados acima.

Os pontos que gostaríamos de retomar são sobre o modo como o pensamento freudiano tratou o Complexo de Édipo da mulher. De maneira geral, aqueles que conhecem os trabalhos freudianos sabem que esse autor se dedica a uma investigação profunda nos temas a que se propõe trabalhar e embora o autor tenha buscado realizar esse aprofundamento no assunto do Édipo na mulher e seus desdobramentos, claramente percebemos que algumas amarrações conceituais são passadas de maneira indireta, ou seja, sem muitas explicações de como e o porquê, isso pode ser demonstrado quando o autor tratou sobre a importância da ligação da menina com a mãe e logo em seguida introduziu a histeria e a feminilidade; e, outra passagem foi quando abordou a predominância da zona erógena e fez um retorno para o tema da sexualidade feminina, falando sobre a excitação do clitóris na mulher. Isso demonstra que o pensamento freudiano, apesar de inaugural ao pensar a constituição da sexualidade humana, principalmente a da mulher e relacioná-la à noção edipiana, deixou esse assunto inacabado em sua perspectiva, por isso, no próximo subcapítulo trabalharemos com autores que se propuseram a uma investigação semelhante à nossa e podem contribuir para respondermos a nossa questão de tese: de que forma a sexualidade feminina é compreendida no pensamento freudiano? Bem

como os questionamentos realizados ao longo deste capítulo, que são: se a terminologia complexo de castração fosse uma experiência de ordem masculina, qual seria a terminologia para a experiência de ordem feminina? Se a mulher não desejar ter um filho – um dos desdobramentos do Édipo da mulher – como podemos compreender a experiência dessa falta? E se houver o desejo pela maternidade, pela equivalência simbólica falo-filho, ter um filho não seria uma posição masculina? Haveria destino para o papel sexual da mulher? E, por fim, os termos feminilidade e masculinidade seriam referências conceituais que viriam a substituir os vocábulos feminino e masculino, que também parecem tratar sobre uma posição subjetiva desdobrada no Complexo de Édipo? Então, apesar de algumas explicações, mas com muitos questionamentos, seguimos para o próximo subcapítulo com autores contemporâneos que também pensaram sobre a nossa questão.

4.2 FREUD E OUTROS AUTORES NA PASSAGEM DA SEXUALIDADE FEMININA PARA O CONTINENTE DA FEMINILIDADE

Desde o início desta tese vimos que a noção de sexualidade na obra freudiana foi construída em torno de uma polissemia em torno das noções de recalque, perversão, moral sexual, sexualidade feminina e masculina, Complexo de Castração, Complexo de Édipo (entre outros) que se mostrou necessário eleger um caminho para pensá-la, visto que, são muitas as articulações que esse assunto permite na obra freudiana. Quando propusemos pensar a sexualidade feminina, vimos que inicialmente essa ideia ligava-se ao caráter biológico da questão, e que aos poucos distanciando-se dessas explicações e aproximando-se sobre a patologia histórica a psicanálise freudiana percebeu que a constituição e a organização da sexualidade da mulher se davam de uma forma diferente em relação ao homem e que além de questões próprias desse desenvolvimento estavam entrelaçados o discurso social sobre a sexualidade feminina.

Outrossim, finalizamos o subcapítulo anterior com uma série de questionamentos que os pressupostos freudianos nos deixaram, por isso, a fim de dar tom e voz às questões suscitadas, e traçar um caminho para pensá-las, intentamos nesse subcapítulo retomar as perguntas lançadas a partir de nossa leitura sobre os textos freudianos e dialogar com outros autores que também se debruçaram sobre o universo da sexualidade feminina e o seu desdobramento do Complexo de Édipo. Então, vamos ao primeiro assunto: a sexualidade feminina.

Desde o primeiro capítulo, com a chave de leitura sexualidade vimos que essa noção partiu da noção biológica, natural que o próprio assunto alude. Por um momento, na própria

obra freudiana a sexualidade era concebida a partir da adolescência e tinha como destino a procriação. Investigando a patologia da neurose, mais propriamente a histeria, o autor da psicanálise deslocou essa compreensão para entender como a sexualidade se constituía na histeria.

Oferecendo uma escuta às mulheres que padeciam de histeria esse autor percebeu que o sofrimento desses indivíduos tinha como esteio a interdição da sexualidade. Corroborando com a nossa afirmação, a psicanalista Kehl (1996) indicou que a inquietação freudiana partiu da seguinte pergunta: o que a mulher fala quando diz sobre a sua sexualidade? Segundo essa psicanalista, a história das mulheres no século XIX foi uma construção curta que permeou a passagem da família considerada burguesa, ou seja, aquela em que seus membros (o homem, a mulher, e os filhos) ocupavam papéis sociais definidos para a modernidade.

Desse modo, o binarismo do gênero “Masculino” para o “Homem” e “Feminino” para a “Mulher” estabelecia na família tradicional burguesa os papéis individuais e sociais desses indivíduos em seu núcleo familiar e no convívio social, nas palavras da psicanalista Maria Rita Kehl:

A cultura europeia dos séculos XVIII e XIX produziu uma quantidade inédita de discursos cujo sentido geral era promover uma perfeita adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominado feminilidade. A ideia de que as mulheres seriam um conjunto de sujeitos definidos a partir de sua natureza, ou seja, do corpo e suas vicissitudes, aparece nesses discursos em aparente contradição com outra ideia, bastante corrente, de que a “natureza feminina” precisaria ser domada pela sociedade e pela educação para que as mulheres pudessem cumprir o destino a que estariam naturalmente designadas. A feminilidade aparece aqui como o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora; partindo daí, atribuiu-se às mulheres um pendor definido para ocupar um único lugar social – a família e o espaço doméstico –, a partir do qual se traça um único destino para todas: a maternidade. (KEHL, 1998, p. 58).

Percebendo essa forma particular de sofrimento, essa psicanalista nos lembra que inicialmente essa interdição da sexualidade vivida por essas mulheres, tinha como possibilidade de resolução a união conjugal, o casamento, porém, essa possibilidade de compreensão foi logo descartada pelo autor da psicanálise que em suas investigações demonstrou que a união conjugal estava longe de ser a resolução para esse problema. Corroborando com Kehl (1998), Almeida (2012) acrescenta indicando que no século XIX a mulher foi compreendida por uma tradição religiosa, a cristã, no qual o contraste entre maternidade e o desejo de ser mulher eram oposições.

Nesse sentido, pela ética cristã, a relação sexual só era reconhecida e permitida para fins de procriação. A dimensão do prazer, da satisfação no corpo da mulher era silenciado

(ALMEIDA, 2012). Por um viés histórico, a historiadora Perrot (2007) conta que no século XIX a mulher estava destinada ao casamento e à maternidade. Por isso, no início, Freud (1914) acreditou que o sofrimento das mulheres histéricas eram consequências da interdição da sexualidade. Para exemplificarmos essa passagem na obra freudiana relembremos uma das narrativas desse autor. Em um certo momento, caminhando com o mestre Charcot (1914), Freud (1914) e seu mestre avistaram uma paciente. No momento em que a viu, o mestre disse ao seu discípulo que aquela mulher sofria da impotência de seu marido, ou seja, aquela mulher padecia de uma interdição de outrem que se relacionava a sua sexualidade. Instigado, o discípulo iniciou a sua investigação sobre esse modo de sofrimento. Importante considerarmos que a compreensão freudiana de que as histéricas sofriam de interdição em sua sexualidade manteve-se ao longo dessa noção, a diferença é que esse elemento passou a não ser o único causador.

O termo sexualidade feminina, para se referir a sexualidade da mulher, não foi utilizado dessa forma nos textos que percorremos acima. Em nossa pesquisa, só soubemos que determinada passagem estava relacionada a sexualidade da mulher por alusões, por exemplo, na *Carta 52* Freud (1896) fez referência ao ciclo menstrual – algo biologicamente próprio a mulher –, em outros exemplos foram os atravessamentos sociais que o autor fez, e, claro, quando realmente utilizava o termo sexualidade da menina ou da mulher. Então, fica claro para nós que embora a investigação freudiana sobre a neurose histérica culmina em alguns pontos sobre a sexualidade da mulher, o próprio termo sexualidade nessa perspectiva não se reduziu a essas alusões.

Ampliando a noção de sexualidade, ou seja, de seu aspecto biológico, procriador, determinado, para fator causador de neurose histérica, o autor da psicanálise chegou ao aspecto constitutivo e empírico desse termo. As análises freudianas perceberam que a sexualidade se integra a uma experiência individual que toma o corpo e o psiquismo desde o nascimento do indivíduo, seja ele homem ou mulher. E, foi diante dessa percepção que os estudos freudianos viram uma diferença. Kehl (1998) nos lembra que nessa ideia de diferença não está implicado analogias qualitativas, ou seja, o homem tem mais e a mulher tem menos (ou vice-versa), mas a de uma diferença que está imbricado a forma com o que a constituição da sexualidade foi construída. Evidentemente, há algo que marca essa diferença, a ordem fálica, ter ou não ter o

falo⁵⁸, e esse foi o destaque e a lógica freudiana utilizada para pensar a oposição entre o homem e a mulher (BIRMAN, 1999).

Enveredando os seus estudos para a constituição da sexualidade, Freud (1905) chegou à noção de pulsão, ou de um corpo pulsional. De dimensão anímica e biológica, e com estreitos limites entre um e o outro difícil de encontrar, Freud (1905) percebeu que o corpo pulsional não se organiza da mesma forma que um corpo tomado de maneira unicamente biológica. Desse modo, entendendo o corpo pulsional como erógeno e que igualmente possui zonas erógenas que se destacam ao longo da constituição da sexualidade, Freud (1905) chegou à conclusão que o corpo pulsional possui vontades próprias, ou seja, vontades que estão à revelia do que se consideraria (em uma leitura biológica) necessário para a sobrevivência. Utilizando uma leitura poética, o corpo pulsional é aquele que tem uma boca, que sente fome, mas nega-se a se alimentar ou que tem um ouvido que se excita com palavras eróticas, mas nega-se a ceder a essa volúpia. Assim, buscando subverter a ordem do termo corpo pulsional, dizemos da pulsão de um corpo, visto que, é esse impulso que toma e rege a carne.

Então, com a compreensão de pulsão, Freud (1916) reelaborou o que vinha compreendendo por sexualidade, passando a utilizar o termo sexual, “[...] o que se nomeia de sexualidade fora da psicanálise diz respeito apenas a uma sexual restrita, a serviço da reprodução e chamada de normal.” (FREUD, 1916, p. 206), desse modo, a citação freudiana indicou o aspecto ampliado da sexualidade, ou seja, as várias formas de expressão dessa sexualidade no corpo. Corroborando com a consideração acima o psicanalista Laplanche (2015) diz que o termo sexual na psicanálise freudiana não está relacionado ao sentido de sexuado, mas ao que é fundamentalmente sexual perverso infantil, nas palavras desse autor:

Ela é infantil, certamente, ligada mais à fantasia que ao objeto, portanto, autoerótica, regida pela fantasia, regida pelo inconsciente. [...]. O Sexual, para Freud, é, pois, exterior ou mesmo anterior à diferença dos sexos, para não dizer, à diferença dos gêneros: ele é oral, anal ou paragenital. (LAPLANCHE, 2015, p. 157).

Com a afirmação acima, o psicanalista Laplanche (2015) traz outro questionamento do subcapítulo anterior: se haveria um sexual masculino e um sexual feminino. Laplanche (2015) deixa claro que a psicanálise freudiana não tratou de sexual feminino ou sexual masculino,

⁵⁸ Para o psicanalista Nasio, o termo falo tem a seguinte definição: “Falo é o nome que damos à fantasia do pênis, à interpretação subjetiva do pênis, à maneira que cada um e cada uma tem de perceber o apêndice peniano. Mais genericamente usamos a palavra “Falo” para designar a fantasia de todo objeto que se reveste, a nossos olhos de crianças, ainda que adultos, do mais alto valor afetivo. [...]. Ora, esse objeto tão investido, tão carregado de toda a minha afetividade e que me é indispensável, chama-se Falo. Assim, a palavra Falo designa não apenas o pênis fantasiado, isto é, quando vivido como símbolo da força, como também toda pessoa, objeto ou ideal a que sou visceralmente ligado, de que sou dependente e que sinto como a fonte de minha potência.” (NASIO, 2007, p. 78).

porque, tratou do sexual de forma ampliada. Nesse sentido, quando os estudos freudianos buscaram tecer diferenças entre a sexualidade e o sexual infantil o fez por vias de semelhanças e contiguidade, ou seja, refletindo de que forma a atividade sexual dos neuróticos e a atividade sexual dos perversos podem ser concebidas, e como essa atividade sexual é experienciada em um e revivida em outro.

Nos apropriando dessas indicações de Laplanche (2015) e sem adentrar os questionamentos sobre gênero, que não é o propósito dessa tese, vamos aos vocábulos feminino e masculino utilizados pelo autor da psicanálise. Destacamos que pensar a questão dessa forma (ou seja, isolando essas noções) se mostra irrealizável, pois não há como refletir sobre os termos feminino e masculino sem aludir a um contexto ou a um construto teórico, por isso, refazendo o nosso percurso, perguntamos: de que forma os termos feminino e masculino podem ser relacionados a ideia de sexual?

Laplanche (2015) já respondeu acima dizendo que devemos pensá-los a partir da dimensão psíquica, ou seja, a posição subjetiva do indivíduo em relação ao próprio sexual. Em nossa leitura dos textos freudianos, dizemos que estabelecer uma construção conceitual sobre esses termos não foi uma tarefa fácil. As passagens dos escritos freudianos em que encontramos esses termos, muitas vezes se relacionava ao binômio homem e mulher e a relação com o falo, e de certa forma, acreditamos que se isso se evidenciou foi porque o próprio autor da psicanálise encontrou impasses nessas definições.

Intuindo minimizar esses impasses e delimitar essas noções, encontramos passagens freudianas em que foram atribuídos ao feminino características femininas, por exemplo a passividade, e ao masculino características masculinas, por exemplo a atividade. Acrescentando o psicanalista Birman (1999) a oposição entre atividade e passividade, como fundante de uma leitura sobre a sexualidade masculina e feminina perdurou na psicanálise freudiana até os anos 30, quando surgiu o questionamento acerca da feminilidade, corroborando com Birman (1999), a autora Almeida diz o seguinte:

Importante precisar, no texto freudiano, o significado dos conceitos relativos a feminino, sexualidade feminina e feminilidade. O termo feminino refere-se à posição dita feminina na dialética fálica, na qual o feminino se articula à castração e à passividade em oposição ao masculino que é referido ao fálico e à atividade. A sexualidade feminina designa o destino da sexualidade da mulher dentro dessa referência fálica. E a feminilidade assinalaria uma inscrição do erotismo nos homens e nas mulheres não mais regulada à lógica fálica. (ALMEIDA, 2012, p. 37).

Desse modo, para Almeida (2012), feminino, sexualidade feminina e feminilidade apresentam estatuto próprio que se relacionam entre si, todavia, não podemos perder de vista que na psicanálise freudiana a sexualidade feminina foi pensada a partir da masculina, o

feminino e masculino em relação a lógica fálica ou uma superpotência da representativa (falo) do pênis do homem, e a feminilidade como uma inclinação. Então, concordando com a autora seguimos a ideia de castração para pensar o desdobramento do complexo de Édipo na menina.

Pode parecer contraditório o que vamos afirmar agora, mas se há algo na psicanálise que vem a marcar uma diferença na constituição sexual do homem e da mulher é a experiência da castração, e somente a partir dessa vivência é que a mulher é introduzida ao Complexo de Édipo e pode vir – a se encontrar com a sua feminilidade, se é que se trata um encontro e não de um desencontro. E, perguntamos: porque na experiência da castração?

Demonstramos anteriormente que na psicanálise freudiana a experiência da frustração ou privação que por consequência inscreve a castração no psiquismo acontece em diversos períodos no indivíduo desde o nascimento até o período da constituição sexual chamado de fálico – evidenciamos que esse é o momento freudiano em que a lógica fálica comparece de forma clara nessa perspectiva. Porém, há uma diferença, nesse período há uma vivência de (des)encontro de um indivíduo em relação ao outro, ou seja, há uma descoberta, a percepção de uma dessemelhança de genitália. O menino percebe-se possuindo o pênis e a menina como não possuindo nada. Diante disso, o menino desenvolve um medo de perder o pênis e as meninas percebem que nada têm a perder (KEHL, 1996).

Essa experiência de castração que introduz ambos os indivíduos (a menina e o menino) ao complexo de Édipo, segundo a psicanalista Kehl (1996) diz respeito ao modo como a criança visualiza a falta no outro, e a forma com que a criança inconscientemente irá lidar com essa falta. Realizando um caminho inverso ao nosso, as autoras Almeida e Tarragó investigaram do Complexo de Édipo a sexualidade feminina e chegaram à seguinte conclusão:

O menino sai do Édipo, como dissemos, ao fazer uma escolha narcísica. Segue adiante ao eleger uma parte de si, em nome de manter sua integridade (narcísica), o que não quer dizer que lhe seja fácil ou a experencie livre de intensa angústia. A menina, para avançar, precisa abrir mão do que, segundo Freud (1931) foi, na vivência pré-edipiana, seu primeiro objeto. A menina busca pelo pai como substituto, alternativa à decepção imposta pela descoberta de que nem ela, tampouco sua progenitora, detém o pênis. Essa substituição que, na mesma esteira das perdas que a antecedem, projeta a menina à ideia de que nada mais há para ser perdido. Na medida em que constata não ter o pênis, abandona por ódio e decepção seu primeiro objeto. Quando muda o objeto de investimento, muda também *seu próprio sexo* (clitóris como pequeno pênis). A menina vive, precocemente, um momento de intensa solidão e humilhação – intervalo entre o abandono da mãe, seu objeto original, e a busca pelo pai – e, um momento de longa espera – intervalo entre o abandono do clitóris como zona erógena original e a futura descoberta da vagina. Frente à dor da humilhação, a menina tem sua autoimagem ferida. (ALMEIDA; TARRAGÓ, 2018, p. 41).

Então, acrescentando Nasio (2007) a percepção das autoras citadas acima temos que o drama edipiano feminino é diferente do masculino porque desde o início, no primeiro laço entre

mãe e filha há uma construção diferente. Do mesmo que o entendimento freudiano, Nasio percebe que “[...], há uma pré-história do Édipo e uma espécie de “pós-história”, ausentes no Édipo masculino” (NASIO, 2007, p. 86). Para esse psicanalista, a pré-história edipiana é anterior ao período fálico, e está relacionado ao momento do aleitamento materno, no qual a relação afetiva entre mãe e filha é tão intensa que “[...]: a mãe desempenha função de Falo para a menina” (NASIO, 2007, p. 87), já falamos sobre isso no subcapítulo anterior.

Com a passagem do aleitamento materno para o desmame, a menina sente-se privada e já desenvolve uma hostilidade que será retomada no período fálico (NASIO, 2007). Nesse período então – após os atravessamentos oral e anal – a menina vê-se encontrando o falo no menino e desencontrando – o em seu corpo. Desconcertada sobre a imagem do pênis e a ausência dele em seu próprio corpo, bem como no da mãe, nas palavras do autor:

A menina vê-se assim dolorosamente despossuída, pois o cetro da força não é mais encarnado por suas sensações erógenas, mas pelo órgão visível do menino. Agora do Falo está no outro e assume doravante a forma de um pênis. É então que, brutalmente, uma imensa ilusão desmorona, provocando um pungente dilaceramento interno. Chamo essa fantasia, na qual a menina sofre com a dor de ter sido privada do precioso Falo, de “fantasia de privação”, ou, mais exatamente, “fantasia da dor de privação”. Enquanto o menino vivia a angústia de ter a perder, a menina vive a dor de ter perdido; enquanto o menino teme uma castração, a menina se ressent de uma privação. [...]: ela não tem medo de perder, uma vez que acaba de constatar que não têm o pênis e que nunca o terá. Ao contrário do menino, ela nada tem a perder. [...], sofre de dor, a dor de ter sido privada. (NASIO, 2007, p. 50-51).

Impulsionada a lidar com a perda de uma imagem de si, a menina passa a invejar o falo, não em seu sentido literal – biológico, mas no sentido representacional, ou seja, inveja a potência que esse símbolo representa. Corroborando com o psicanalista Nasio (2007) para pensar a atitude de inveja do pênis da menina, a filósofa Silveira (2017) nos diz o seguinte:

[...] a inveja do pênis traria outros tipos de consequências. A primeira seria um sentimento de inferioridade que decorreria dessa ferida narcísica. Inicialmente a menina pensa que se trata de uma inferioridade individual: ela teria sido punida com a ausência de pênis. Depois, quando compreende que se trata de uma característica sexual compartilhada por todas as mulheres, ela passa a partilhar do desprezo que os homens sentem por elas. Esse próprio desprezo envolveria, diz Freud, uma tentativa da menina de, ao menos nisso, ser semelhante aos homens. A segunda consequência da inveja do pênis seria que, mesmo depois que ela se desloca de seu verdadeiro objeto, continuaria a existir como ciúme, que, para Freud, seria um sentimento mais significativo na vida psíquica das mulheres do que na dos homens. A terceira consequência seria um enfraquecimento da ternura que a menina dirigia à mãe, que passa a ser considerada responsável por sua falta de pênis; a menina culpa a mãe por tê-la trazido ao mundo “tão insuficientemente aparelhada” (ibid., p. 293). A quarta consequência da inveja do pênis seria a que Freud considera a mais importante: as mulheres hesitariam mais em proceder à masturbação do que os homens, e isso ocorreria porque, sustenta o autor, a masturbação do clitóris é uma atividade masculina e a eliminação da sexualidade clitoridiana constituiria uma precondição necessária para o desenvolvimento da feminilidade. (SILVEIRA, 2017, p. 8).

Dessa maneira, conforme Silveira (2017), Nasio (2007) a atitude de inveja do pênis na menina possui desdobramentos que conduz a menina a deslizar do desejo de possuir um pênis para o desejo de possuir um bebê, “Sua nova relação com o pai [...] – ter um filho dele como um presente” (FREUD, 1940, p. 125). Para Silveira (2017), esse é o momento em que a menina substituiria a mãe e iria em direção ao pai. Em uma outra leitura, mas que tem como norte o deslizamento da menina para o pai, Nasio (2007) diz que com inveja do menino e com hostilidade para com a mãe, a menina se dirige em direção ao pai no afã de ser possuída por ele. Desse modo, para Nasio (2007), quando a menina invejava o pênis, ela se encontrava em posição masculina, ao ser sucedida pelo desejo de ser possuída pelo pai, a menina se apresenta a uma posição feminina. Nesse sentindo, “[...], a mãe, antes tão desacreditada, é agora admirada como mulher amada e modelo de feminilidade” (NASIO, 2007, p. 55).

Assim, segundo Nasio (2007), o período fálico pela experiência do Complexo de Édipo marca os desdobramentos sexual da mulher, inclusive a possibilidade da feminilidade. É importante não esquecermos que com a puberdade e o início da adolescência a experiência edipiana é revivida pelo indivíduo em seu período genital.

Assim, é a partir dessas passagens que a feminilidade pode advir, ou seja, no período fálico a feminilidade pode ser uma possibilidade desenhada no horizonte, e, posteriormente, no período genital, a feminilidade se apresenta como uma escolha inconsciente, citando Birman: “A feminilidade pode se desenhar no horizonte, sem que o sujeito se enrosque nas armadilhas do falo.” (BIRMAN, 1999, p. 15). Desse modo, conforme o psicanalista citado, permitir-se a enveredar pelo caminho da feminilidade é liberar-se da certeza de rotas previamente estabelecidas, o ter, no caso dos homens e o não ter no caso das mulheres, pois que, ambas posições marcam uma certeza diante do falo. Por isso, a feminilidade é um caminho a ser construído e reconstruído a cada passo dado pelo indivíduo, nas palavras do autor:

Assim, o discurso freudiano enuncia algo de inédito na história da sexualidade no Ocidente, pois, pela primeira vez, inscreve-se a feminilidade como sendo a origem e o fundamento do sexual, a sua condição de possibilidade. Se essa feminilidade perpassa os corpos masculino e feminino em igualdade de condições, se isso implica talvez um monismo sexual, esse monismo coloca agora a feminilidade como origem, e não a masculinidade, como se passou na tradição aristotélica e galênica. Em vez de a mulher ser colocada como um ser incompleto e imperfeito, a quem falta o calor capaz de torná-lo homem, segundo Galeno, ou como alguém marcado pelo pecado da carne, como no cristianismo fundado no mito de Eva, a feminilidade agora é o originário do sexual por excelência. Daí poderiam advir o ser homem e o ser mulher, derivações desse fundamento feminino que marcaria para sempre a sexualidade. (BIRMAN, 1999, p. 105).

Retomando mais um pouco sobre a experiência de constituição dos períodos fálico e genital, pela ótica freudiana nessa passagem de um para o outro a vivência da menina desdobra-

se em três caminhos: a frigidez, a maternidade, e a histeria (KEHL, 1996), ou na leitura do pesquisador Warmling (2018), propõe-se o caminho biológico, o sociológico⁵⁹ e o psicosssexual. Nessa ordem e por analogia, o caminho biológico seria o da frigidez, a falta de satisfação, prazer na relação sexual e afetiva, o caminho sociológico seria a maternidade, uma vez que havia no século XIX um imaginário social que toda mulher estaria instintivamente destinada a maternidade, e, a histeria que vem a ser compreendida como um efeito da constituição psicosssexual.

Antes de pensarmos esses três desdobramentos é importante introduzirmos aqui – ainda que em tom de abertura – as críticas dirigidas a essa concepção freudiana. Longe de uma postura investigatória partidária ou binária de certo e errado ou de acusações misóginas sobre as teses freudianas (SILVEIRA, 2017), as construções que serão apresentadas têm a intenção de mostrar que no bojo da pesquisa freudiana sobre a sexualidade, a sexualidade feminina e a feminilidade, muitas problemáticas ligadas aos aspectos sociais se desenvolveram, e é importante nos lembrarmos que em nenhuma passagem estudada houve negação freudiana acerca dessas questões.

Tomando como ponto de partida a lógica fálica a filósofa Beauvoir (1970), afirmou que a psicanálise freudiana compreendeu a mulher a partir do modelo masculino, e, ainda, discordou da pressuposição da inveja da mulher pelo pênis, indicando que esse sentimento não é possível de generalização, visto que muitas meninas irão descobrir a constituição masculina tardiamente:

[...], muitos psicanalistas admitem hoje que a menina lamenta não ter pênis, mas sem supor, entretanto, que lho tiraram; e nem isso é tão generalizado; não poderia tal sentimento nascer de simples confrontação anatômica; muitas meninas só tardiamente descobrem a constituição masculina e, se a descobrem, é apenas pela vista. Já o menino tem de seu pênis uma experiência viva que lhe permite orgulhar-se dele, [...]. [...]; a inveja da menina resulta de uma valorização prévia da virilidade. (BEAUVOIR, 1970, p. 62).

Mencionando Adler, Beauvoir (1970) apontou que a questão apresentada à menina não é a falta do pênis, mas a virilidade com que o menino toma posse do próprio órgão. Percebendo os privilégios concedidos àquele que possui o pênis, a menina invejaria a virilidade masculina,

⁵⁹ Intuindo exemplificar essa afirmação, de forma sintética retomamos alguns pacientes de Freud (1888). Na anamnese das pacientes que atendeu esse psicanalista, foram mencionados o lugar e a função social dessas mulheres. Efeito de educação rigorosa, *Sra. Emmy Von N.* (1888) casou-se aos vinte anos de idade com um homem muito mais velho que ela. Viúva alguns anos após o casamento, *Sra. Emmy Von N.* (1888) ocupou-se dos cuidados de suas duas filhas e de seu lar. Igualmente inserida nesse contexto, *Miss Lucy* (1892) era governanta na casa de um diretor – chefe de fábrica –, e nessa ocupação cuidava das filhas de seu senhor. Corroborando com a afirmação desta tese, a psicanalista Maria Rita Kehl apontou: “Sabemos que as indagações das primeiras pacientes de Freud eram contemporâneas a uma grande produção científica e filosófica que tentava, na Europa oitocentista, explicar ‘a mulher’.” (1998, p. 35).

tão presente na ideia de superioridade masculina. Essa simbologia de virilidade que o falo institui dialoga com a ideia de Bourdieu sobre um discurso masculino dominador:

[...], não é o falo (ou a falta de) que é o fundamento dessa visão de mundo, e sim é essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em *gêneros relacionais*, masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade, de ponto de honra (*nif*) caracteristicamente masculino; e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gêneros construídos como duas essências sociais hierarquizadas. [...]. A força particular da sociodiceia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada. (BORDIEU, 2012, p. 32-33).

Conforme esse filósofo e sociólogo, essa visão sobre a posse ou a falta do falo institui uma diferença entre os corpos biológicos condenando-os a uma ordem social que fará uso de sua função para designar lugares sociais. Desse modo, o feminino e a sexualidade feminina seriam dominados pelo discurso masculino e supostamente inferior à superioridade masculina, posto que, a centralidade no símbolo fálico sobre o feminino produziria uma série de discursos controladores sob o modo de convívio social.

Do controle de vestuário, da participação ativa da autoridade pública na distribuição de tarefas, dos espaços e na formação da família, à mulher foi designada a posse de alguns atributos (o recato, a docilidade, a recepção passiva em relação aos desejos dos homens e dos filhos) – indicativos de feminilidade. Definidas por sua natureza, as entrelinhas dos discursos sociais e educacionais eram carregadas de possíveis domesticações das mulheres. “A feminilidade aparece aqui como o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e sua capacidade procriadora.” (KEHL, 1998, p. 58).

Todavia, apesar de concordarmos com as ideias indicadas acima e com Sampaio (2010) que aponta que a centralidade freudiana ao falo (correspondente masculino) ou *falocentrismo* é tributária ao andropocentrismo (Homem no centro do conhecimento), é importante deixarmos claro que em nossa investigação sobre a sexualidade feminina e os seus desdobramentos no complexo de Édipo feminino, não encontramos, em nenhuma passagem do autor da psicanálise uma problemática em considerar o feminino, a sexualidade feminina e a feminilidade a partir dessa ótica. Dessa maneira, não nos parece que essa tenha sido uma questão freudiana, quiçá nos parece claro se o autor da psicanálise chegou a essa percepção, posto que, esses discursos fazem parte de “[...], preconceitos largamente constitutivos do próprio Ocidente” (SILVEIRA, 2017, p. 4). Então, para nós, o que de fato nos parece é que a percepção freudiana de uma diferença entre o desenvolvimento sexual masculino e o feminino, culminou em uma investigação para compreender as nuances desses universos.

A respeito das saídas freudianas do Édipo da mulher: a masculinidade, a neurose, e a maternidade, encontramos também algumas considerações pós-freudianas, nas palavras de Silveira:

Desse modo, o fato de a menina se afastar de características consideradas masculinas seria devido a um processo psíquico dela, e não a imposições exercidas por um determinado contexto histórico-social. Freud situa também a neurose nesse primeiro destino e afirma que a inveja do pênis estraga a fruição da sexualidade fálica. A menina, ele alega, sente prazer no clitóris, mas, mesmo assim, abre mão desse prazer porque alimenta o ressentimento de não possuir um pênis. O segundo caminho seria o apego teimoso à masculinidade e à fantasia de poder ser um homem; a esperança de ter um pênis é transformada em objetivo de vida. Ou seja, também quando a menina assume características consideradas masculinas, isso resultaria de um desenvolvimento psíquico seu e não de algo que se passou num contexto social. O que acontece aqui, para Freud, é que a menina se recusa a se tornar uma mulher. Com relação a isso, cabe fazer a seguinte observação. Se a “masculinização” da mulher seria algo restrito à natureza de um complexo, isso significa que a pessoa que sustenta tal argumento não tem como rebater a objeção de que a necessidade que um homem tem de separar do corpo feminino aquilo que seriam características masculinas – ou o que ela mesma entende como sendo características masculinas – consiste em um gesto igualmente resultante de um complexo: o de rejeição da mulher. Assim, o modo como Freud argumenta nos autorizaria a sustentar que seu próprio discurso seria resultante de um complexo de rejeição da mulher - hipótese para a qual poderíamos, como vimos acima, mobilizar elementos de outros textos do próprio Freud. O terceiro é um caminho bastante sinuoso que leva a menina a tomar o pai como objeto e que constituiria a feminilidade “normal”. (SILVEIRA, 2017, p. 9-10).

Assim, conforme Silveira (2017) retomando a ideia freudiana, o defronte da menina com a ausência do falo causaria: uma inibição em relação ao próprio erotismo ou uma demanda insistente e permanente em relação ao falo ou a maternidade. A respeito da última saída, a maternidade, dizemos que também foi alvo de críticas e ponderações por pesquisadores e psicanalistas pós-freudianos, segue abaixo algumas dessas discussões.

Compreendendo a maternidade como saída edipiana à feminilidade, própria à mulher que inveja o pênis, Freud não considerou que a possibilidade de ter um bebê pudesse ser anterior ao desejo de ter o pênis (AFONSO, 2007), bem como, a compreensão de que maternidade e gravidez são estados diferentes, pois o desejo de engravidar nem sempre é mantido com a chegada do bebê (LABAKI, 2007). Ainda para a psicanalista Labaki (2007), a teorização freudiana sobre a mulher não considerou que a função materna relacionada ao feminino não é privilégio da mulher e, tampouco, maternidade relaciona-se à posse de filhos, mas à perda, nas palavras dessa psicanalista:

Na medida em que resultaria de uma tendência em acolher a perda, sim, não como falta recalcada, recusada ou ressentida, a ser ressarcida, mas como condição de existência de um modo *interior* de ser separado do outro para todo o sempre. Assim construída, a maternidade teria mais a ver com *perder* filhos do que com tê-los. Com *separação* mais do que união. E se incrementa na medida em que se organiza enquanto posição na perda, dando à mãe possibilidades de, com a separação, identificar-se com

o bebê. [...]. Se a maternidade guarda relações estreitas com o trabalho do feminino, ela não seria um estado privilegiado da mulher. Mas, sim, uma condição que poderia instalar-se no homem, no contexto das homoparentalidades, e, ainda, noutros espaços de reverberação do pulsional, como a clínica psicanalítica. (LABAKI, 2007, p. 83).

Nesse sentido, realizando um atravessamento para pensar a questão da maternidade, Labaki (2007) diz que A maternidade foi erigida em discurso social romântico que, até 2018⁶⁰ era de quase exclusividade das mulheres no discurso do direito sobre a posse de guarda dos filhos, e até 1933 era um dos destinos da mulher. Ainda nas considerações dessa psicanalista, a maternidade enquanto escolha inconsciente relaciona-se ao processo do indivíduo perder algo da própria subjetivação e não possuir. O que esse indivíduo perderia? Para a psicanálise freudiana, a perda simbólica do falo, uma vez que foi o abordado nessa perspectiva a equação (bebê = falo). Em tom de crítica Gomez (2000) seguirá afirmando que nesses três desdobramentos da experiência edipiana da menina o sexo masculino permanecerá como referência.

Assim, apesar de importantes, as discussões que dizem respeito a compreensão de maternidade na psicanálise freudiana não é o objetivo dessa tese, por isso, retomando os desdobramentos freudianos do Édipo da mulher consideramos que esses caminhos não são escolhas excludentes ou tampouco excluem a presença da feminilidade, pois, conforme o psicanalista Birman (1999), a feminilidade não é algo que esteja identificado ao ser da mulher ou a sexualidade feminina. Para esse autor, a noção de feminilidade na psicanálise freudiana é original, porque transcende a diferença dos sexos, a lógica do binômio o homem e a mulher porque está justamente para “[...] *além* do registro fálico. Nesse *além* se delineia, em lusco – fusco, o universo caótico das pulsões e do descentramento do sujeito revelado pela psicanálise” (BIRMAN, 1999, p. 12).

Corroborando com Birman (1999), Rocha (2001) propõe que embora a psicanálise freudiana possua um discurso orientado pelo falo – ao propor a teoria sexual infantil de um sexo único, o masculino e o modo com o que essa teoria se inscreve no psiquismo – a posição subjetiva fálica está relacionada a uma crença de possuir algo, de posse (do falo simbólico), e, por isso, essa posição não seria unicamente masculina, e tampouco a castração (a falta simbólica) apenas feminina. Nessa mesma direção, Warmling (2018) reflete que existem duas formas subjetivas de lidar com a castração, uma orientada pelo falo, por isso, castração fálica (masculina), e uma orientada pelo não – falo, ou seja, a castração não – fálica (a feminina).

⁶⁰ Em 2018 foi sancionada a Lei nº 11.698, Lei da Guarda Compartilhada, que visa dividir as responsabilidades dos filhos entre os genitores.

Desse modo, fazer do clitóris um minipênis pode ser interpretado como uma posição fálica ou ainda, fazer do filho o falo, aquele que é possível possuir (de certo modo), também pode ser compreendido como uma posição fálica. Já a feminilidade, implica em abandonar a sexualidade clitoriana conforme Safatle (2016) em sua leitura sobre o *Caso Dora*. Nesse sentido, para nós, implica em se permitir o transbordamento do pulsional do corpo, no qual o clitóris, a vagina, a boca, a orelha, o corpo todo participa, e a falta e o vazio faz borda, acrescentando Birman: “Ao colocar a pulsão na base da experiência erótica, Freud enunciou ainda a possibilidade de que a satisfação pudesse se realizar pela mediação de diferentes objetos, que não seriam absolutamente redutíveis ao registro da genitalidade” (BIRMAN, 1999, p. 45).

Indicarmos que a feminilidade compõe o caos pulsional é afirmarmos que essas duas noções, a feminilidade e a pulsão dialogam, compõem-se, decompõem-se de forma inconsciente. E, antes de realizarmos a nossa leitura sobre essa afirmação evidenciamos que o termo pulsão na obra freudiana é outro conceito que sofre reconstruções ao longo dos anos, por isso, em nossa tese trataremos desse conceito de forma ampliada, na medida em que permite pensarmos a nossa afirmação. Vamos a nossa reflexão.

A primeira aproximação dialógica entre feminilidade e pulsão a ser considerada – e que já falamos acima – é que a noção de pulsão é uma das ideias freudianas que compõe a polissemia do termo sexualidade e estende-se até o tema da feminilidade. Logo, a pulsão enquanto conceito circunvizinho entre o biológico e o psíquico, se aproxima da noção de feminilidade na medida em que esse segundo conceito integra o biológico e o psíquico, com a diferença que se apresenta como possibilidade subjetiva. Nesse sentido, a feminilidade pode vir a direcionar a pulsão do corpo.

Quanto aos aspectos que integram o conceito de pulsão, a saber: pressão, meta, objeto e fonte. Em nossa leitura, os elementos que se aproximam da feminilidade são a essência: “Toda pulsão é uma parcela de atividade; [...]” (FREUD, 2014, p. 25), e o objeto: “É o que há mais variável na pulsão, não estando a ela vinculado, sendo a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação. Não é necessariamente um objeto material estranho ao sujeito, podendo ser até mesmo uma parte do próprio corpo” (FREUD, 2014, p. 26-27). Dessa forma, na medida em que a feminilidade é compreendida por nós como um movimento do vir a ser, há indicativo de atividade tanto psíquica quanto corpórea, pois é um apropriar-se da carne e dos furos que dela fazem parte. Quanto a convergência com a noção de objeto pulsional, temos que na feminilidade há um corpo erógeno que transcende a genitalidade.

O psicanalista Birman (1999) também realizou essa aproximação entre feminilidade e pulsão pela obra freudiana. Para fazê-lo esse autor questionou como esse conceito foi inicialmente construído na psicanálise freudiana. Não iremos percorrer todas as indicações que essa pergunta suscitou para esse autor, apenas aquelas que norteiam a nossa investigação. Então, retomando a ideia de satisfação parcial da pulsão esse autor indica que as noções de perversão polimorfa e de autoerotismo, são o esteio da sexualidade que vão até a feminilidade. Isso porque no universo da feminilidade não há objetos determinados e tampouco o centramento da genitália. Nas palavras do autor:

A figura da feminilidade condensa, pois, um conjunto significativo de traços sobre a sexualidade que destacamos incansavelmente ao longo deste ensaio: prematuridade; incompletude; insuficiência; fendas corpóreas; polimorfismo; inexistência de objeto fixo da pulsão etc... Enfim, a feminilidade e o desamparo originário do sujeito são os conceitos que unificam todos esses atributos sobre o erotismo, meteticulosamente traçados no discurso freudiano, na tentativa sempre recomeçada de decifrar o emaranhado polissêmico da sexualidade. (BIRMAN, 1999, p. 53).

Logo, concordando com Birman (1999) que os termos pulsão e feminilidade são mais dois conceitos que fazem parte da polissemia da noção de sexualidade, seguimos um pouco mais com esse autor para compreender a sua proposta de pensar a feminilidade atravessada pelo desamparo e pelo erotismo na psicanálise freudiana. Segundo esse autor, “[...], o erotismo humano se funda no desamparo do sujeito e na feminilidade. [...], devemos reconhecer que somos desamparados por vocação, pois é o nosso desamparo que nos remete permanentemente para o erotismo, [...]” (BIRMAN, 1999, p. 54).

Desse modo, reconhecendo que a feminilidade não é operada pela lógica fálica, esse autor considera que isso produz no indivíduo a sensação de desamparo, posto que, no horizonte está a incompletude estrutural, e o movimento erótico que circula pelo corpo e pela vida do indivíduo. Portanto, para esse autor, a feminilidade é “[...] um traço que se inscreve no registro da falta e do vazio, [...]” (BIRMAN, 1999, p. 60). Corroborando com esse autor, Paim de Quadros (2008 apud ALMEIDA; TARRAGÓ, 2018) afirma que o desamparo está presente desde a disposição originária do bebê, ou seja, o bebê quando chega ao mundo em uma posição de desamparo tal que lhe é impossível lidar sozinho com as vias pulsionais que o determinam indivíduo, nesse sentido, para essas autoras o feminino constitui o psiquismo.

Portanto, a partir do exposto compreendemos que a psicanálise freudiana iniciou a sua discussão de sexualidade feminina a partir da investigação da sexualidade da mulher histérica. Nesses estudos, esse psicanalista percebeu o aspecto constitucional dessa noção chegando à castração, ao Édipo feminino e aos seus desdobramentos. A partir desses caminhos, chegou-se à feminilidade que em nossa leitura participa da constituição psíquica do homem e da mulher,

e, portanto, desses três percursos na mulher, mas que por uma série de resistências subjetivas permanece latentes no psiquismo, podendo vir a ser despertada nesses momentos de vazio em que tensões e rupturas se fazem presentes e o indivíduo é convocado a lidar, seja pela via do caminhar no sentido de atravessar ou pela via da paralisação. Porém, apesar de toda essa construção, não esquecemos que na psicanálise freudiana (1937), a feminilidade permaneceu um enigma.

5 CONCLUSÃO, O CORPO EM CENA

Esta tese teve a intenção de investigar quais foram as contribuições da psicanálise freudiana acerca da sexualidade feminina, e as suas particulares formas de expressão. Para tanto, a fim de realizarmos a investigação proposta, analisamos alguns textos freudianos (de 1886 a 1939) Iniciamos esta pesquisa de tese percorrendo alguns dos textos não técnicos (correspondências e rascunhos freudianos) e, posteriormente, os trabalhos técnicos do autor.

Fazendo uso da compreensão de Abbagnano (2007) sobre a noção de conceito na filosofia enquanto natureza e função vimos no primeiro capítulo *A sexualidade no recôncavo das obras freudianas* e nos subcapítulos *A Sexualidade nas cartas e rascunhos freudianos* e *A sexualidade na neurótica freudiana*, a centralidade com que o tema da sexualidade percorreu as cartas, os rascunhos e alguns textos na obra freudiana nos períodos de 1886 a 1901. Nesse período de treze anos houve momentos de reconstruções de percepções importantes, no primeiro capítulo se deu no ano de 1901, com o reconhecimento de uma sexualidade não reduzida ao genital, mas antes de partirmos dessa noção vamos ao início da nossa análise sobre as construções freudianas.

De 1886 a 1899 demonstramos que as pesquisas freudianas investigaram o conceito de sexualidade a partir dos estudos sobre a gênese da neurose histérica, e não apenas a feminina, apesar da etimologia da palavra reduzir esse sofrimento à mulher. Nessas investigações ficaram claras as influências da formação médica do autor, as influências de seu tempo na compreensão de histeria e a importância ao caráter patológico da sexualidade. Nesse sentido, o tema da sexualidade tornou-se o objeto por excelência de pesquisa freudiana na compreensão da neurose (e outras estruturas psicológicas) e a neurose histérica impulsionou a investigação sobre a sexualidade, que teve como consequência o desenvolvimento de percepções sobre a sexualidade feminina.

Descrita empiricamente e associada a uma rede de palavras sem significados (em algumas passagens textuais), a ideia de sexualidade não se desvinculou nesse primeiro momento freudiano das noções de conflito psíquico, corpo (psíquico e biológico) e perversão. Importante destacarmos que ao longo dos textos a noção de conflito psíquico deu lugar à de recalque, a noção de corpo (psíquico e biológico) deu lugar à de pulsão, e a noção de perversão foi compreendida como constitucional. Assim, Freud encontrou neurose, recalque, pulsão e perversão no termo sexualidade.

Vimos também que nesse primeiro momento freudiano a sexualidade feminina (quando pensada) foi a partir de uma analogia com a sexualidade masculina e sob três pontos de vista:

semelhanças e diferenças estruturais, anatômicas; semelhanças e diferenças nas formas de satisfação autoerótica e genital; e semelhanças e diferenças sociais frente as formas de expressão, manifestação dessa sexualidade. Nesse sentido, nessa primeira análise freudiana, do início ao fim, em relação ao homem, a mulher foi tomada como aquela que possui um sexo atrofiado, que não se satisfaz completamente sozinha (por exemplo, com a masturbação) ou com parceiro, e que no meio social está em desvantagem em relação ao homem. Então, sob a ótica freudiana, a sexualidade é uma experiência que à mulher é interdita.

A tentativa de traçado cronológico do desenvolvimento sexual humano e o descentramento da genitalidade culminou no aspecto ampliado da sexualidade humana. Importantes ressaltarmos que no *Caso Dora* houve alusão ao conceito de Complexo de Édipo, porém, não foi nesse trabalho que as maiores contribuições foram levantadas acerca dessa experiência.

Portanto, nesse período de 1886 a 1901 as observações freudianas sobre a sexualidade feminina e o Édipo feminino foram desenvolvidas em relação às noções de histeria e sexualidade, por isso não podemos afirmar que a sexualidade feminina e os caminhos do Édipo feminino foram proeminentes nessa perspectiva nesse período, e tampouco excluídos, descartados ou despercebidos, apenas se localizam entre as discussões mencionadas, comportando-se quase que como elo entre essas duas noções. E o conceito de feminilidade não foi desenvolvido.

O segundo capítulo, intitulado A sexualidade ampliada na psicanálise freudiana, teve como subcapítulos: Da sexualidade infantil à teoria da sexualidade infantil e O sexual feminino no social, compreendeu os períodos textuais (de 1905 a 1918) e partiu das noções abordadas acima, ou seja, da ideia de um corpo erogenizado, pulsionalizado, e de uma sexualidade que antes era uma experiência acidental para uma vivência constitucional, para tanto começamos esse capítulo com o célebre escrito de 1905 e as suas muitas versões (1910, 1915, 1920 e 1924).

Sem nos delongarmos nos detalhes de cada uma dessas edições, pois já realizamos esse percurso anteriormente, anunciamos que *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (*Sexualtheorie*) é um escrito minucioso sobre a constituição da sexualidade que vem a revelar o seguinte: logo após o nascimento, meninos e meninas não possuem aparato psíquico para perceber dessemelhança anatômica em seus corpos. Essa experiência acontece no período fálico, muito embora o contexto social aos quais meninos e meninas estão inseridos educa seus corpos de formas diferentes. Retomando o *Enigma da esfinge* (2016), da literatura de Édipo Rei, do filósofo Sófocles, Freud (1905) chamou de Complexo de Édipo essa experiência de surpresa na diferença sexual anatômica.

Importante não esquecermos que anteriormente a essa experiência Freud (1905) marcou que a inscrição da castração surge após configurada a experiência de frustração, em que ocorre a cisão psíquica e, por conseguinte, o *Complexo nuclear de uma neurose*. Porém, diante da nossa percepção de que a neurose é consequência da constituição sexual, não poderíamos chamar essa marca de Complexo Sexual da Neurose? Visto que o sexual é o núcleo da neurose.

Assim, de uma experiência que configura o Complexo Sexual da Neurose e insere a experiência de castração como o seu marcador, Freud (1908) passou a pensar o desenvolvimento sexual de meninos e meninas. Nesse sentido, se houvesse algo que pudesse determinar as diferenças entre menino e menina, a noção de castração nesse texto foi proposta como um indicativo, posto que no período genital, posterior ao período fálico, há uma primazia da genitalidade.

Para Freud (1905), ao homem nada muda, a genitália excitada será a mesma desde a sua iniciação sexual masturbatória, à mulher, a genitália não é a mesma, o clitóris que antes fora entendido e tomado como pênis, agora cede lugar a um buraco, a vagina. Porém, há uma ressalva, fazer desse buraco uma zona erógena prazerosa, apesar de sua condição biológica é uma decisão da mulher na qual a castração está implicada. Desse modo, apenas em 1908, vinte e dois anos após os primeiros textos sobre o tema, é que foi indicada possibilidade de pensarmos a sexualidade feminina e a masculina, na qual a noção de castração é bussolar.

Investigando a castração, o autor da psicanálise disse que a mulher pode vir a ser, sugerindo que a mulher enquanto conceito é um estado de suspensão no qual a castração está imbricada. Freud (1908) deixou claro que a mulher surge somente se parte de sua sexualidade masculina for recalcada, assim, para que a mulher e a sexualidade feminina possam advir há de se permitir que o corpo todo seja gozante.

Ampliada e de direções pulsionais multifacetadas, em nenhum momento desse segundo período freudiano foi deixada de lado a ideia de sexualidade, sexualidade feminina e a realização de costuras sociais sobre a noção de mulher e de feminino. Freud (1908) marcou mais uma vez nesse capítulo que a repressão social sobre o corpo da mulher era maior do que o corpo do homem, afirmação que em nada facilita a vida sexual masculina, mas essa não é a nossa questão. O fato é que essa acentuada represália poderia vir a impedir a mulher de encontrar o seu para além, que não é normatizado e tampouco organizado, um para além que não está escrito, mas inscrito no corpo enquanto experiências gozantes não genitais. Desse modo, acreditamos que essas constatações freudianas prenunciavam o surgimento da feminilidade, embora esse termo ainda não tenha sido utilizado nesse momento.

O último capítulo chamado O Complexo de Édipo na psicanálise freudiana também teve dois subcapítulos denominados: Meninos têm pênis e meninas têm vagina e Freud e outros autores na passagem da sexualidade feminina e compreendeu os períodos textuais freudianos de 1923 a 1939. Desse modo, esse capítulo intuiu debruçar-se sobre o conceito de Complexo de Édipo e seus desdobramentos na mulher, já que a noção de sexualidade feminina na psicanálise freudiana iniciou com a experiência de castração e apresentou-se na construção do Complexo de Édipo. Relembramos que o conceito de Complexo de Édipo já havia sido prenunciado em 1897, porém, nesse período, a forma como fora tratado poderia ser interpretado como leitura próxima à literatura. Esse conceito ganhou corpo teórico quando as experiências da sexualidade infantil foram consideradas essenciais para compreender a neurose, o que, por consequência, impulsionou o autor a perceber a constituição da sexualidade feminina e o desenvolvimento da feminilidade.

Então, para iniciarmos este último capítulo retomamos a ideia de que a castração inscreve uma perda no menino e na menina, que os prepara para a experiência edipiana. Nessa vivência, meninos e meninas estão primeiramente submetidos ao mesmo primado, o do falo. Porém, a partir da constatação de dessemelhança em seus corpos, meninos e meninas tomam rumos diferentes. Logo, se há algo que define diferença do sexual é a forma como o corpo é vivido diante da representação do falo.

Diante da possibilidade da falta, de perder o falo, meninos sentirão angústia de castração, e meninas ciúmes e inveja dos meninos, visto que a crença de possuir um mini falo não se sustenta por muito tempo. A sensação de que a presença do falo ou a falta dele inscreve no menino e na menina, uma falta foi a primeira consideração freudiana, a segunda foi quanto aos efeitos ou desdobramentos dessa experiência no psiquismo.

Assim, mantendo a nossa proposta de pensar os efeitos da experiência edipiana na mulher, além das sensações de inveja e ciúmes, Freud (1931) já vinha considerando a importância da ligação afetiva entre mãe e filha anterior à experiência edipiana. Esse momento foi chamado de pré-edípica e contribui para a saída do Édipo da menina (se é que sai), mas a diferença que encontramos nos textos freudianos de 1931 e 1933 são referentes aos desdobramentos da castração na mulher. No texto de 1931 foram lançados os seguintes caminhos: a recusa da sexualidade, a direção à masculinidade, e o surgimento da feminilidade.

Após dois anos, Freud (1933) tratou especificamente da feminilidade e da maternidade, o que em nossa opinião contribuiu para esse autor ser alvo de críticas. Mas, retornando aos desdobramentos do Édipo na menina, temos algumas considerações: a) embora a hipótese de sexualidade ampliada se confirme nessa perspectiva – a noção de bissexualidade – vem a

corroborar com essa possibilidade, quando o assunto segue para a construção de Édipo vimos um pensamento monista em torno do falo; b) houve uma percepção freudiana aguçada acerca das repressões sociais sobre os corpos das mulheres, e isso deu lugar à sexualidade feminina, porém, assim como a sexualidade feminina foi construída a partir de uma relação com a masculina, a noção de experiência edipiana também o foi; c) a feminilidade não foi um conceito concluído na psicanálise freudiana, por isso dessa noção temos indicações e nenhuma certeza (embora saibamos que a psicanálise não foi uma ciência que se propôs a esse nível de racionalidade); d) não tomamos os desdobramentos do Édipo feminino (a recusa da sexualidade, a direção à masculinidade, a maternidade e a feminilidade) como excludentes, mas como possibilidades complementares, visto que a inscrição de direcionamento anterior para o indivíduo não ficar totalmente à deriva só é possível pela leitura psicanalítica freudiana a partir da inscrição de uma ordem, nesse caso, o fálico. Assim, perguntamos: a partir das considerações acima, de que modo a noção de Complexo de Édipo nos auxilia a pensar a sexualidade feminina e a feminilidade?

Auxilia-nos na medida em que nos orienta sobre as inscrições dos direcionamentos pulsionais no corpo e no seu para além, porém, quanto ao desdobramento da sexualidade feminina e à escolha objetual amorosa (que a saída edipiana propõe), percebemos que a noção de Complexo de Édipo, ao invés de ampliar a questão, novamente reduz a problemática do sexual. Ao indicar os quatro desdobramentos do Édipo feminino, Freud manteve sua postura heteronormativa, visto que não pensou que essas saídas pudessem ser complementares, por que não uma mulher mãe, feminina e histérica?

Outrossim, de que modo a mulher eleger um homem como o pai ou uma mulher como a mãe para se relacionar amplia a ideia de sexualidade feminina e de feminilidade? Escolher um ou outro não mantém essas questões sob um ponto de vista ainda limitado? E ainda escolher modelos familiares como objetos amorosos não seria uma forma de permanecer no Édipo ao invés de sair? Se retomarmos o desfecho do mito sofocliano, Édipo escolheu o exílio ao descobrir que se casou, manteve relacionamento sexual e teve filhos – irmãos – com a própria mãe.

E, também, outra problemática que a noção de Complexo de Édipo aponta para a sexualidade feminina e para a feminilidade diz respeito à ideia de complexo paterno (aquele detentor da ordem fálica) enquanto núcleo do Complexo de Édipo. Freud orientou-nos a pensarmos a feminilidade a partir das relações pré-edípicas e pós-edípicas da menina com a mãe, desse modo, ao invés de complexo paterno não seria mais indicada a terminologia

complexo materno para refletirmos sobre essa questão? Uma vez que para o desenvolvimento da feminilidade (nos termos freudianos) há de haver uma superação da mãe.

Assim, nesta conclusão fica claro que: a) as construções freudianas sobre as noções de sexualidade, sexualidade feminina e feminilidade (no período de 1886 a 1940) foram desenvolvidas a partir de um olhar masculino, a própria terminologia utilizada para pensar essas questões é de ordem masculina, o complexo de Édipo; b) o percurso das construções conceituais desses termos ora amplia as problemáticas que os contêm e ora as reduz, por exemplo: com o surgimento da ideia de pulsão a ideia de sexualidade foi ampliada; a característica bissexual da sexualidade, que deveria estender o olhar freudiano sobre as analogias entre a sexualidade masculina e a feminina, não teve esse efeito; a sexualidade feminina só conseguiu ser pensada em relação à masculina; e a ideia de feminilidade, que foi desenvolvida a partir de uma dúvida freudiana sobre o que viria a ser uma mulher, ao final de seu texto propôs que essa terminologia não se reduz à mulher.

Para tanto, “O corpo em cena” intuiu demonstrar que o corpo teórico freudiano possui paradoxos e problemáticas que são fundamentais para pensarmos os tempos atuais, visto que a sexualidade, a sexualidade feminina e a feminilidade ainda são questões desse tempo. Buscamos também desmontar as ideias pré-concebidas que possuímos de um corpo de homem e de mulher, para dizer que para cada cena da vida há um corpo que se apresenta, visto que cada cena convoca um novo indivíduo, e, portanto, um novo corpo.

Desse modo, concluímos que assim como a feminilidade não se reduz aos desdobramentos freudianos indicados, assim como não se reduz à mulher ou ao homem, pois trata-se de um encontro com a finitude do corpo, as possibilidades ímpares do gozo, da satisfação, e o vazio do ser. Então, seguindo as indicações freudianas de buscar os poetas e filósofos para pensar a feminilidade, relembremos a filósofa Simone de Beauvoir (1970), que com sua irreverência continua nos inquietando a pensar: afinal! A mulher, o segundo sexo? Hoje diríamos: mais um sexo, e acrescentando Irigaray (2017), um sexo que não é só um.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AFONSO, J. A. Masculino e feminino: alguns aspectos da perspectiva psicanalítica. **Análise Psicológica**, v. 3, n. XXV, 2007, p. 331-342.
- ALMEIDA, A. M. M. Feminilidade – caminho de subjetivação. **Estudos de Psicanálise**, n. 38. Belo Horizonte-MG, dezembro/2012, p. 29-44.
- ALMEIDA, M. T.; TARRAGÓ, M. M. S. Édipo feminino: uma variante do mito ou a especificidade no destino da sexualidade feminina? Seção 1. **Diaphora**. Porto Alegre, v. 7, n. 1, 2018.
- AMBRA, P. Aquém do pai? Sexuação, socialização e fraternidade em Freud. In: **Freud e o patriarcado**. 1. ed. Alessandra Parente e Léa Silveira (organização). Hedra: São Paulo, 2019.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo I: fatos e mitos**. 4. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia de Livro, 1970.
- BEZERRA, J. B. **Projeto para uma psicologia científica: Freud e as neurociências**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BIRMAN, J. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- BIRMAN, J. Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. **Natureza humana**, v. 8, n. 1, jan.-jun. 2006, p. 163-180.
- BOCCA, F. V.; MONZANI, L. R. Novo aporte ético em face da concepção freudiana da sexualidade. **Ipseitas Revista da Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar**, v. 1, n. 1, jan-jun, 2015, p. 21-44. Disponível em: <<http://www.revistaipseitas.ufscar.br/index.php/ipseitas/article/view/35>>. Acesso em: 01 ago. 2020.
- BORDIEU, P. **A dominação feminina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminino e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARNEIRO, C. A. A construção freudiana da bissexualidade psíquica. In: **Sobre as origens e os destinos da bissexualidade psíquica na constituição do sujeito**. [Dissertação de mestrado pelo Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, 121f.]. Brasília, 2017.
- CARNEIRO, C. A.; LAZZARINI, E. R. Origens e destinos da feminilidade em Freud e na contemporaneidade. **Revista de Estudos Psicanalíticos**. Dezembro/2016.
- CHARCOT, J. M. **Grande histeria**. Antonio Quinet (Org.). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

DUNKER, C. A escuta que cura e o teatro da loucura. In: **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FARIA, M. R. O que é uma mulher? Respostas clínicas ao problema do feminino. **Psychê**. Ano VIII, n. 13. São Paulo, 2004, p. 101-108.

FIORINI, L. G. As mulheres no contexto e no texto freudianos. **Jornal de Psicanálise**, v. 42, n. 76, 2009, p. 121-135.

FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FONSECA, E. R. D. **Psiquismo e vida: sobre a noção de Trieb nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2012.

FREUD, S. Briefe an Wilhelm Fliess, a.a.O., S. 293 (Br.142); vgl. Ders.: Die Traumdeutung. In: **Ders., Gesammelte Werke**, v. II/III. Frankfurt/M: S. Fischer, 1968, p. 267-271.

FREUD, S. A sexualidade na etiologia das neuroses. In: Primeiras Publicações Psicanalíticas, v. 3. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Esboço de psicanálise. In: Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939), v. 23. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Análise terminável e interminável. In: Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939), v. 23. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. As neuropsicoses de defesa. In: Primeiras Publicações Psicanalíticas, v. 3. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Carta 18. In: Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos, v. 1. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Carta 46. In: Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos, v. 1. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Carta 71. In: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos, v. 1. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Carta 75. In: Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos, v. 1. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Carta 102. In: Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos, v. 1. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Lembranças encobridoras. In: Primeiras publicações psicanalíticas, v. 3. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Contribuições a um debate sobre a masturbação. In: O caso Schreber e artigos sobre técnica, v. 12. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. O esclarecimento sexual das crianças. In: Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen, v. 9. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: O ego e o id, v. 19. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In: Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen, v. 9. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria. In: Um caso de histeria e três ensaios sobre sexualidade, v. 7. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Histeria. In: Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos, v. 1. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In: Um caso de histeria e três ensaios sobre sexualidade, v. 7. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In: Primeiras Publicações Psicanalíticas, v. 3. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos, v. 1. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Rascunho D. Sobre a etiologia e a teoria das principais neuroses. In: Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos, v. 1. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Rascunho E. Como se origina a angústia? In: Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos, v. 1. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Rascunho F. Coleção III. In: Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos, v. 1. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Rascunho G. Melancolia. In: Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos, v. 1. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: O ego e o id, v. 19. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Romances familiares. In: Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen, v. 9. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Sobre as teorias sexuais das crianças. In: Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen, v.9. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Um caso de histeria e três ensaios sobre sexualidade, v. 7. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Manuscrito K (As neuroses de defesa). In: Neurose, psicose, perversão. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, S. Carta 112 [52], de 6 de dezembro de 1896. In: Neurose, psicose, perversão. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, S. Carta 228 [125], de 6 de dezembro de 1896. In: Neurose, psicose, perversão. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, S. Sobre o esclarecimento sexual das crianças (1907). In: Amor, sexualidade, feminilidade. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREUD, S. Sobre teorias sexuais infantis (1908). In: Amor, sexualidade, feminilidade. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina. In: Amor, sexualidade, feminilidade. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREUD, S. A vida sexual humana (1916) (Conferência XX). In: Amor, sexualidade, feminilidade. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREUD, S. A feminilidade. In: Amor, sexualidade, feminilidade. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREUD, S. III O tabu da virgindade (1918) (Conferência XX). In: Amor, sexualidade, feminilidade. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREUD, S. A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna (1908). In: Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FULGÊNICO, L. As especulações metapsicológicas de Freud. **Natureza Humana**. v. 5, n. 1. São Paulo, 2003. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302003000100005>. Acesso em: 12 dez. 2020.

GOMEZ, G. Q. A maternidade como enigma: Atenas, as luzes e Freud. **PHYSIS: Re. Saúde Coletiva**, v. 10, n. 2. Rio de Janeiro, 2000, p. 51-74.

HANNS, L. A. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HAUTE, P. V.; WESTERINK, H.; KISTNER, U. **Three essays on the theory os sexuality: the 1905 edition by Sigmund Freud**. Londres: Verso, 2016.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. Apresentação. In: Neurose, psicose, perversão. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

IRIGARAY, L. **Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher**. São Paulo: Senac São Paulo, 2017.

JERUNSALINSKI, A. Perfurações. In: **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n. 27. Porto Alegre: APPOA, 1995.

JORGE, M. A. C. A teoria freudiana da sexualidade 100 anos depois (1905-2005). **Psychê**, ano XI, n. 20. São Paulo, 2007. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000100003>. Acesso em: 01 out. 2020.

JORGE, M. A. C. Freud e Fliess: o recalque e a bissexualidade. In: **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KRAFFT-EBING, R. V. Fatos antropológicos. In: **Psychopathia Sexualis**. Curitiba: Antonio Fontoura, 2017.

KRAFFT-EBING, R. V. Um fragmento de uma psicologia da vida sexual. In: **Psychopathia Sexualis**. Curitiba: Antonio Fontoura, 2017.

LABAKI, M. E. P. Ter filhos é o mesmo que ser mãe? **Jornal de Psicanálise**, v. 40, n. 72. São Paulo, 2007, p. 75-87.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAZNIK, M. C. **O Complexo de Jocasta**: feminilidade e sexualidade pelo prisma da menopausa. Tradução Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MARIOTTO, R. M. M. A função do outro na educação do bebê. In: **Cuidar, educar e prevenir**: as funções da creche na subjetivação de bebês. São Paulo: Escuta, 2009.

MARTINS, A. S.; MOREIRA, L. S. A origem do destino criado para as mulheres pela psicanálise: por uma leitura reparadora através das atas da Sociedade das Quartas-Feiras. In: **Freud e o patriarcado**. 1. ed. Alessandra Parente e Léa Silveira (organização). São Paulo: Hedra, 2019.

MONZANI, L. R. **Freud**: O movimento de um pensamento. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

NASIO, J. D. O conceito de castração. In: **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

NASIO, J. D. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

PATEMAN, C. **The sexual contract**. Oxford: Stanford University Press, 1988.

PEREZ, D. O. A psicanálise e a cura ou ao modo de uma apresentação. In: **A eficácia da cura em psicanálise Freud – Winnicott – Lacan**. Curitiba: CRV, 2009.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

ROCHA, Z. Feminilidade e castração seus impasses no discurso freudiano sobre a sexualidade feminina. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, v. 1, 2001, p. 128-151.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Tradução André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SAFATLE, V. Permanecer histórica: sexualidade e contingência a partir do Caso Dora. **Ágora**, v. XIX, n. 3. Rio de Janeiro, set/dez 2016, p. 377-391.

SAMPAIO, R. S. **Do universal ao particular**: uma discussão sobre o masculino na psicanálise. [Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro, 2010.

SILVEIRA, L. **Feminismo e psicanálise**. 2020. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/feminismo-epsicanalise/>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

SILVEIRA, L. Entre tese e textos. Como o tema da inferioridade da mulher aparece nos ensaios que Freud dedica à sexualidade feminina? Palestra Emancipação feminina e psicanálise: Alguns problemas em torno do Édipo e da teoria da cultura. **5º Encontro de Filosofia, História e Epistemologia da Psicologia**. Unifor, Fortaleza, outubro de 2017.

SILVEIRA, L. Entre tese e textos. Como o tema da inferioridade da mulher aparece nos ensaios que Freud dedica à sexualidade feminina? **Revista de Filosofia Aurora**, v. 33, n. 58, 2021, p. 06 – 29.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2016.

VALDIVIA, O. B. Psicanálise e feminilidade: algumas considerações. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 17, n. 3, 1997, p. 20-27.

WARMLING, D. L. **A construção do feminino em Freud**. [Dissertação de Mestrado. Departamento de Filosofia da UFSC]. Florianópolis, 2018.